



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS**  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

**Avaliação da literacia científica da  
população residente nas freguesias  
urbanas da cidade Évora sobre a flora  
autóctone**

Uma abordagem com vista ao Museu Virtual da Biodiversidade  
(MVBIO)

**Sara Raquel Vaz Correia de Almeida**

Orientação: Professor Doutor Jorge Araújo  
Professora Doutora Rosalina Costa

**Mestrado em Biologia da Conservação**

Dissertação

Évora, 2017



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS**

**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**

**Avaliação da literacia científica da  
população residente nas freguesias  
urbanas da cidade Évora sobre a  
flora autóctone**

Uma abordagem com vista ao Museu Virtual da Biodiversidade  
(MVBIO)

**Sara Raquel Vaz Correia de Almeida**

Orientação: Professor Doutor Jorge Araújo  
Professora Doutora Rosalina Costa

**Mestrado em Biologia da Conservação**

Dissertação

Évora, 2017

**Folha em branco**

## APOIOS



## Agradecimentos

Não poderei iniciar os meus agradecimentos, sem antes dizer um muito obrigado ao professor João Eduardo Rabaça, sem si este meu percurso pelo incrível mestrado de Biologia da Conservação nunca teria acontecido.

Seguidamente, quero agradecer ao professor Jorge Araújo e à professora Rosalina Costa por me terem aceite neste tema de dissertação e por terem sido sempre orientadores presentes, capazes de me ajudar em todas as minhas dúvidas.

À equipa do CIBIO e do MVBIO, obrigada por toda a ajuda que me deram neste percurso que começou comigo a não saber nada e acabou nesta dissertação, que considero a minha menina, além da possibilidade de participar em dois posters, um apresentado na SciCom Pt2016 – 4º Congresso de Comunicação de Ciência e no IX Congresso Português de Sociologia.

À minha família, mãe, avó, irmã e Gena, só vos posso agradecer tudo o que sou, tudo o que tenho a nível emocional e de valores, toda a força, tudo mesmo.

A todos os meus amigos e amigas, nomear-vos poderia correr o risco de esquecer algum nome importante, quero agradecer todo o apoio, conselhos, paciência que tiveram para comigo neste percurso todo, foi essencial.

Ao Agrupamento de Escuteiros 320 de Évora, quero agradecer a todos sem excepção a disponibilidade de me responderem aos questionários, a disponibilidade de perder um pouquinho das vossas actividades para que pudesse questionar os jovens deste agrupamento, em especial ao Chefe de Agrupamento Paulo Jesus.

Por fim, à Universidade de Évora, estabelecimento de ensino onde conclui a minha licenciatura e que me deu a oportunidade de realizar este mestrado, onde pude complementar os meus estudos e adquirir novos conhecimentos, mas também ensinamentos preciosos para o resto da vida, além de todos os amigos que em fiz ao longo destes maravilhosos cinco anos.

**“Rende-te, como eu me rendi. Mergulha no que não conheces como eu mergulhei. Não te preocupes em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”**

**Clarice Lispector**

**Em memória de Eugénia dos Santos**

Folha em branco

# Índice

Agradecimentos.....	i
ÍNDICE DE QUADROS .....	vii
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	vii
ÍNDICE DE TABELAS.....	viii
RESUMO .....	xi
ABSTRACT .....	xii
1. Introdução .....	1
2. Objectivos .....	9
2.1. Objectivo geral.....	9
2.2. Objectivos específicos.....	9
3. Metodologia .....	11
3.1. População e amostra .....	11
3.2. Recolha de dados.....	13
3.3. Tratamento e análise de dados.....	18
4. Análise de Resultados .....	22
I - Caracterização sociodemográfica e contextos sociais de origem .....	22
1.1. Faixa etária .....	22
1.2. Sexo .....	22
1.3. Naturalidade .....	23
1.4. Freguesia de residência .....	23
1.5. Área de residência principal durante a infância/adolescência .....	24
1.6. Habilitações literárias .....	24
1.7. Área de estudos principal (actual ou formação de base).....	25
1.8. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+).....	26
1.9. Habilitações literárias do pai/educador e mãe/educadora.....	27
II – Conhecimento sobre flora .....	28
2.1. Número de espécies conhecidas .....	28
2.2. Espécies identificadas .....	29
2.3. Nomes das espécies.....	29
2.3.1. Espécie 1: <i>Arbutus unedo</i> .....	29
2.3.2. Espécie 2: <i>Fraxinus angustifolia</i> .....	30
2.3.3. Espécie 3: <i>Laurus nobilis</i> .....	31
2.3.4. Espécie 4: <i>Quercus rotundifolia</i> .....	31

2.3.5. Espécie 5: <i>Quercus suber</i> .....	32
2.3.6. Espécie 6: <i>Hedera hibernica</i> .....	33
2.3.7. Espécie 7: <i>Nerium oleander</i> .....	33
2.3.8. Espécie 8: <i>Rosmarinus officinalis</i> .....	34
2.3.9. Espécie 9: <i>Smilax aspera</i> .....	35
2.3.10. Espécie 10: <i>Daucus carota</i> .....	36
2.3.11. Espécie 11: <i>Echium plantagineum</i> .....	37
2.3.12. Espécie 12: <i>Foeniculum vulgare</i> .....	38
2.3.13. Espécie 13: <i>Fumaria muralis</i> .....	39
2.3.14. Espécie 14: <i>Lavatera cretica</i> .....	40
2.3.15. Espécie 15: <i>Phagnalon saxatile</i> .....	41
2.3.16. Espécie 16: <i>Portulaca oleracea</i> .....	42
2.3.17. Espécie 17: <i>Trifolium repens</i> .....	43
2.3.18. Espécie 18: <i>Verbascum sinuatum</i> .....	44
2.4. Avaliação do conhecimento acerca do nome das espécies .....	44
2.4.1. Avaliação dos nomes atribuídos às espécies .....	44
2.4.2. Designação dos nomes das espécies .....	46
2.5. Habitat .....	46
2.6. Estado de conservação .....	49
2.7. Fontes de conhecimento .....	51
2.8. Principais usos e/ou benefícios associados às espécies.....	54
2.9. Principais riscos e/ou malefícios associados às espécies .....	56
III - Caracterização sociodemográfica e contextos sociais de origem em função do conhecimento sobre flora .....	59
3.1. Número de espécies conhecidas .....	59
3.1.1. Faixa etária.....	59
3.1.2. Naturalidade .....	61
3.1.3. Área de residência principal durante a infância/adolescência.....	62
3.1.4. Habilitações literárias .....	64
3.1.5. Área de estudos principal (actual ou formação de base).....	67
3.2. Nomes atribuídos às espécies.....	70
3.2.1. Faixa etária.....	70
3.2.2. Sexo .....	72
3.2.3. Naturalidade .....	72
3.2.4. Área de residência principal durante a infância / adolescência.....	73



3.2.5. Habilitações literárias .....	74
3.2.6. Área de estudos principal (actual ou formação de base).....	75
3.2.7. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+).....	76
3.2.8. Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora .....	76
3.3. Designações dos nomes das espécies.....	78
3.3.1. Faixa etária.....	78
3.3.2. Sexo .....	80
3.3.3. Naturalidade .....	80
3.3.4. Freguesia de residência .....	81
3.3.5. Área de residência principal durante a infância / adolescência.....	81
3.3.6. Habilitações literárias .....	83
3.3.7. Área de estudos principal (actual ou formação de base).....	84
3.3.8. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+).....	86
3.3.9. Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora .....	87
3.4. Estado de conservação .....	91
3.4.1. Faixa etária.....	91
3.4.2. Sexo .....	92
3.4.3. Naturalidade .....	93
3.4.4. Habilitações literárias .....	93
3.4.5. Área de estudos principal (actual ou formação de base).....	94
3.4.5.1. Outra área de estudos principal (actual ou formação de base).....	94
3.4.6. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+).....	95
3.5. Associação de usos e/ou benefícios às espécies.....	96
3.5.1. Faixa etária.....	96
3.5.3. Naturalidade .....	97
3.5.4. Freguesia de residência .....	98
3.5.5. Área de residência principal durante a infância/adolescência.....	98
3.5.6. Habilitações literárias .....	99
3.5.7. Área de estudos principal (actual ou formação de base).....	99
3.5.8. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+).....	100
3.5.9. Habilitações literárias do pai/educadora e da mãe/educadora .....	101
3.6. Associação de riscos e/ou malefícios às espécies .....	103
3.6.1. Faixa etária.....	103
3.6.2. Naturalidade .....	103
3.6.3. Área de estudos principal (actual ou formação de base).....	104

3.6.4. Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora .....	104
5. Discussão .....	107
6. Considerações Finais.....	111
Bibliografia.....	113
ANEXOS.....	i
Anexo 1 – Guião de inquérito por questionário .....	ii
Anexo 2 – Portfólio de imagens utilizado na aplicação do questionário.....	iv
Anexo 3 – Poster apresentado na SciCom 2016 – 4º Congresso de Comunicação de Ciência ..	v
Anexo 4 – Poster apresentado na APS 2016 – IX Congresso Português de Sociologia .....	vi

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição da população residente por sexo, grupo etário e freguesia .....	12
Quadro 2: Distribuição da população residente a inquirir por sexo, grupo etário e freguesia ....	12

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos inquiridos por faixa etária (%).....	22
Gráfico 2: Distribuição dos inquiridos por sexo (%) .....	22
Gráfico 3: Distribuição dos inquiridos por naturalidade (%) .....	23
Gráfico 4: Distribuição dos inquiridos por freguesia de residência (%) .....	23
Gráfico 5: Distribuição dos inquiridos por área de residência durante a infância/adolescência (%) .....	24
Gráfico 6: Distribuição dos inquiridos por habilitações literárias (%) .....	24
Gráfico 7: Área de estudos principal (actual ou formação de base) dos inquiridos (%).....	25
Gráfico 8: Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%) .....	26
Gráfico 9: Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora dos inquiridos (%).....	27
Gráfico 10: Número de espécies conhecidas pelos inquiridos (%) .....	28
Gráfico 11: Espécies identificadas pelos inquiridos (%) .....	29
Gráfico 12: Avaliação do conhecimento acerca da flora urbana (%) .....	45
Gráfico 13: Conhecimento sobre a designação do nome comum ou do nome científico (%) .....	46
Gráfico 14: Habitat atribuído às espécies (parte 1) (%) .....	48
Gráfico 15: Habitat atribuído às espécies (parte 2) (%) .....	48
Gráfico 16: Estado de conservação atribuído às espécies (parte 1) (%) .....	50
Gráfico 17: Estado de conservação atribuído às espécies (parte 2) (%) .....	51
Gráfico 18: Principais fontes de conhecimento sobre as espécies (parte 1) (%) .....	53
Gráfico 19: Principais fontes de conhecimento para as espécies (parte 2) (%) .....	54

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Quadro-resumo para elaboração do inquérito por questionário.....	14
Tabela 2: Espécies seleccionadas para inquérito por questionário (Nome Científico vs. Nome Comum).....	17
Tabela 3: Profissão (35-55) / antiga profissão (65+) dos inquiridos (%).....	26
Tabela 4: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 1 (%).....	30
Tabela 5: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 2 (%).....	30
Tabela 6: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 3 (%).....	31
Tabela 7: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 4 (%).....	32
Tabela 8: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 5 (%).....	32
Tabela 9: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 6 (%).....	33
Tabela 10: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 7 (%).....	34
Tabela 11: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 8 (%).....	35
Tabela 12: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 9 (%).....	36
Tabela 13: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 10 (%).....	37
Tabela 14: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 11 (%).....	38
Tabela 15: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 12 (%).....	39
Tabela 16: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 13 (%).....	40
Tabela 17: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 14 (%).....	41
Tabela 18: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 15 (%).....	42
Tabela 19: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 16 (%).....	43
Tabela 20: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 17 (%).....	43
Tabela 21: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 18 (%).....	44
Tabela 22: Principais usos e/ou benefícios associados às espécies (%).....	56
Tabela 23: Principais riscos e/ou malefícios associados às espécies (%).....	58
Tabela 24: Número de espécies conhecidas em função da faixa etária (%).....	60
Tabela 25: Número de espécies conhecidas em função da naturalidade (%).....	62
Tabela 26: Número de espécies conhecidas em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%).....	64
Tabela 27: Número de espécies conhecidas em função das habilitações literárias (%).....	67
Tabela 28: Número de espécies conhecidas em função da outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%).....	69
Tabela 29: Número de espécies conhecidas em função da outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%).....	70

Tabela 30: Avaliação das espécies conhecidas em função da faixa etária (%).....	72
Tabela 31: Avaliação das espécies conhecidas em função do sexo (%) .....	72
Tabela 32: Avaliação das espécies conhecidas em função da naturalidade (%) .....	73
Tabela 33: Avaliação das espécies conhecidas em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%) .....	74
Tabela 34: Avaliação das espécies conhecidas em função das habilitações literárias (%) .....	75
Tabela 35: Avaliação das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%) .....	75
Tabela 36: Avaliação das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%) .....	76
Tabela 37: Avaliação das espécies conhecidas em função da profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%) .....	76
Tabela 38: Avaliação das espécies conhecidas em função das habilitações literárias do pai/educador (%) .....	78
Tabela 39: Avaliação das espécies conhecidas em função das habilitações literárias da mãe/educadora (%) .....	78
Tabela 40: Designações das espécies conhecidas em função da faixa etária (%) .....	80
Tabela 41: Designações das espécies conhecidas em função do sexo (%) .....	80
Tabela 42: Designações das espécies conhecidas em função da naturalidade (%) .....	81
Tabela 43: Designações das espécies conhecidas em função da freguesia de residência (%) .....	81
Tabela 44: Designações das espécies conhecidas em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%).....	83
Tabela 45: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias (%) .....	84
Tabela 46: Designações das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%) .....	85
Tabela 47: Designações das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%) .....	86
Tabela 48: Designações das espécies conhecidas em função da profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%) .....	87
Tabela 49: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias do pai/educador (parte 1) (%) .....	89
Tabela 50: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias do pai/educador (parte 2) (%) .....	89
Tabela 51: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias da mãe /educadora (parte 1) (%) .....	90

Tabela 52: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias da mãe/educadora (parte 2) (%) .....	90
Tabela 53: Estado de conservação em função da faixa etária (%) .....	92
Tabela 54: Estado de conservação em função do sexo (%) .....	93
Tabela 55: Estado de conservação em função da naturalidade (%) .....	93
Tabela 56: Estado de conservação em função das habilitações literárias (%) .....	94
Tabela 57: Estado de conservação em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%) .....	95
Tabela 58: Estado de conservação em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%) .....	95
Tabela 59: Estado de conservação em função da profissão (35-55) /antiga profissão (65+) (%) .....	96
Tabela 60: Associação de usos e/ou benefícios em função da faixa etária (%) .....	97
Tabela 61: Associação de usos e/ou benefícios em função da naturalidade (%) .....	98
Tabela 62: Associação de usos e/ou benefícios em função da freguesia de residência (%) .....	98
Tabela 63: Associação de usos e/ou benefícios em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%) .....	98
Tabela 64: Associação de usos e/ou benefícios em função das habilitações literárias (%) .....	99
Tabela 65: Associação de usos e/ou benefícios em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%) .....	100
Tabela 66: Associação de usos e/ou benefícios em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%) .....	100
Tabela 67: Associação de usos e/ou benefícios em função da profissão (35-55) /antiga profissão (65+) (%) .....	101
Tabela 68: Associação de usos e/ou benefícios em função das habilitações literárias do pai /educador (%) .....	102
Tabela 69: Associação de benefícios e/ou usos em função das habilitações literárias da mãe/educadora (%) .....	103
Tabela 70: Associação de riscos e/ou malefícios em função da faixa etária (%) .....	103
Tabela 71: Associação de riscos e/ou malefícios em função da naturalidade (%) .....	103
Tabela 72: Associação de riscos e/ou malefícios em função da área de estudos principal (%) .....	104
Tabela 73: Associação de riscos e/ou malefícios em função das habilitações literárias do pai /educador (%) .....	104
Tabela 74: Associação de riscos e/ou malefícios em função das habilitações literárias da mãe/educadora (%) .....	105

## RESUMO

### **Avaliação da literacia científica da população residente nas freguesias urbanas da cidade Évora sobre a flora autóctone. Uma abordagem com vista ao Museu Virtual da Biodiversidade (MVBIO)**

Este estudo tem como objectivo avaliar os conhecimentos da população residente na cidade de Évora sobre a biodiversidade urbana, nomeadamente, a flora autóctone.

Recolheram-se os dados através de um inquérito por questionário, hetero-administrado, dirigido a uma amostra da população residente nas freguesias urbanas: identificação visual das espécies; designação comumente atribuída; habitat e estado de conservação; identificação das principais fontes de conhecimento sobre as espécies e identificação de usos, benefícios, riscos e/ou malefícios que lhes estão associados.

Os resultados obtidos permitem concluir que a população conhece mais frequentemente espécies arbóreas, que o conhecimento é influenciado de forma mais expressiva pela faixa etária e pela área de residência e que a população associa mais benefícios do que malefícios às espécies identificadas.

No contexto do Museu Virtual da Biodiversidade, os resultados obtidos possibilitam a criação de métodos de divulgação mais eficazes no que diz respeito à flora, o que, em última instância poderá ter um impacto positivo ao nível da literacia científica.

Palavras-chave: Biodiversidade; Comunicação Científica; Educação Científica; Literacia Científica; Conservação

## ABSTRACT

**Assessment of the scientific literacy of the dwellers in the urban parishes of Évora city about the autochthonous flora. An approach to the Virtual Museum of Biodiversity.**

This study aims to evaluate the knowledge of the resident population in the city of Évora about urban biodiversity, namely, native flora.

The data were collected through a questionnaire survey, hetero-administered, directed to a sample of the population residing in urban parishes: visual identification of species; Commonly assigned designation; Habitat and conservation status; Identification of the main sources of knowledge about the species and identification of uses, benefits, risks and / or harm associated with them.

The results obtained allow us to conclude that the population is more familiar with tree species, that knowledge is more significantly influenced by the age group and the area of residence, and that the population associates more benefits than harm to the species identified.

In the context of the Virtual Museum of Biodiversity, the results obtained allow the creation of more effective methods of dissemination about flora, which, ultimately can have a positive impact on scientific literacy.

Keywords: Biodiversity; Scientific Communication; Scientific Education; Scientific Literacy; Conservation



# 1. Introdução<sup>1</sup>

O conceito de literacia científica surgiu após a necessidade de aumentar as condições para que os cidadãos pudessem entender, apoiar e fazer parte dos projectos de ciências e tecnologias como opinião pública. Assim, estas competências passam, numa fase inicial pela educação em ciências, prioritariamente em crianças em ambiente escolar, mas também em adultos, tendo em vista a relevância social e cultural da ciência numa sociedade mais científica e tecnológica, sendo essencial para que, através da aquisição de conhecimento sobre as diversas espécies do mundo natural, participem de forma activa na sua conservação (Nutbeam, 2008; Carvalho, 2009).

Em 1981, Branscomb definiu este conceito como “a capacidade de ler, escrever e compreender o conhecimento humano sistematizado” (p.5). No entanto, apesar deste conceito implicar a capacidade de ler e escrever é possível que uma pessoa adquira conhecimento, mesmo sem saber ler, através da transmissão oral ou mesmo da experiência de vida (Carvalho, 2009)

Em 2000, Laugksch referiu cinco factores implicados na interpretação e na percepção do conceito de literacia científica, sendo estes a) grupos de interesse; b) concepções; c) níveis; d) objectivos/ benefícios e e) avaliação.

Os grupos de interesse compreendem, por um lado, os profissionais que se preocupam com a promoção da literacia científica, entre os quais se podem distinguir três grupos principais: a) a comunidade de educação em ciência; b) os investigadores em ciências sociais e de opinião pública e c) os educadores sociais de ciência que participam na divulgação da ciência (Laugksch, 2000). Na presente dissertação, considera-se que os grupos de maior interesse são os investigadores em ciências sociais e de opinião pública e os divulgadores de ciência. No caso da investigação em ciência pretende-se identificar fontes de informação sobre a ciência e a tecnologia acessíveis aos cidadãos, avaliar as bases de conhecimento científico dos cidadãos e a sua percepção dos limites da ciência e no caso dos divulgadores de ciência, promover museus de ciência, jardins botânicos, jardins zoológicos, centros de ciência interactiva e grupos itinerantes de exposições e de actividades de ciências (Laugksch, 2000).

Os grupos de interesse incluem, também, os grupos-alvo sobre os quais se pretende desenvolver a literacia científica entre os quais se investigam os indivíduos fora do sistema escolar e também se combinam os diversos grupos etários, desde crianças/adolescentes, adultos e idosos (Laugksch, 2000).

É importante ter a noção de que existem diversos níveis de literacia científica. Em 2000, Nutbeam definiu três níveis de literacia, sendo estes:

---

<sup>1</sup> A presente dissertação foi redigida de acordo com o antigo acordo ortográfico, por opção da autora.

- a) Literacia básica ou funcional – onde o indivíduo tem competências básicas na leitura e na escrita, pelo que consegue funcionar de forma eficiente nas diversas situações do quotidiano;
- b) Literacia comunicativa ou interactiva – onde o indivíduo tem competências cognitivas mais avançadas, que juntamente com competências sociais, consegue participar de forma activa nas diversas situações do quotidiano, seleccionar e aplicar as informações no caso de situações diferentes;
- c) Literacia crítica – além das competências cognitivas mais avançadas e das competências sociais, o indivíduo consegue analisar de forma crítica a informação recebida e utilizá-la na resolução dos diversos problemas inerentes às diversas situações da vida.

A perspetiva funcional tem como pressuposto que os cidadãos não devem ser meros consumidores passivos da ciência, mas também utilizadores dos seus conhecimentos na tomada de decisões a nível de ciência, conservação e outros aspectos (Carvalho, 2009).

Em 2002, Norris e Philips afirmaram que, por um lado, a ciência, como é conhecida, nunca poderia ser o que é se não estivesse assente no texto e, por outro lado, atendendo à dependência da ciência no texto, um indivíduo que não saiba ler nem escrever, será severamente limitado na aquisição do conhecimento científico, na aprendizagem e na educação (Carvalho, 2009).

A OCDE/PISA (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico/ Programme for International Student Assessment) definiram, em 2003, o conceito “literacia científica” como “a capacidade de usar conhecimentos científicos, de reconhecer questões científicas e retirar conclusões baseadas em evidências, de forma a compreender e a apoiar a tomada de decisões acerca do mundo natural e das mudanças nele efectuadas, através da actividade humana” (p.133).

A nível de investigação científica não existem muitos trabalhos sobre literacia científica. Nos últimos anos, porém, este estudo tem vindo a atrair mais autores, tanto de ciências sociais como das ciências exactas e naturais. Além de não haver muitos trabalhos a nível de investigação sobre a literacia científica, também não se realizam regularmente inquéritos que avaliem a cultura científica e tecnológica da população que permitam compreender a eficácia dos esforços realizados na promoção científica, nem tão pouco existem inquéritos sobre as actividades de promoção da ciência ou recenseamentos das actividades de divulgação científica, sendo os inquéritos levados a cabo pela União Europeia, através do Eurobarómetro, a pedido da Comissão Europeia (Granado & Malheiros, 2015). Segundo o último relatório (“Public perceptions of science, research and innovation”, Relatório Especial 419 do Eurobarómetro) (UE, 2014).

A Protecção do Ambiente está no “top 13” dos tópicos que segundo os portugueses devem ser alvo de investigação. No entanto, Portugal é o país da União Europeia, em que as prioridades ligadas ao ambiente (Combate às Alterações Climáticas e Protecção do Ambiente) têm 2% e 3%, respectivamente, dos respondentes a colocá-las em primeiro lugar (UE, 2014; Granado & Malheiros, 2015).

A promoção da literacia científica é essencial para que os cidadãos obtenham conhecimentos básicos de ciências para a sua vida quotidiana, mas também para a sua participação política, dentro da qual se insere a escolha de representantes, em estudos de impacto ambiental, em protestos pelos ideais, entre outros (Delicado, 2006; Carvalho, 2009; Peralta, Calhau, & de Sousa, 2011).

Assim, é necessário criar formas de divulgação da ciência para aumentar a literacia científica nacional e a preocupação em relação ao ambiente e à sua protecção (Orlenius, 2008). Dentro dos diversos meios de divulgação encontram-se os Museus e, na era tecnológica que se está a atravessar, os Museus Virtuais.

Dominique Poulot (2003, p.1), historiador francês, reformulando a definição elaborada pelo International Council of Museums (ICOM), definiu o museu como “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano e do seu ambiente, tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite”.

A literacia científica sempre foi uma preocupação ao longo dos anos, pelo que a produção de ciência e a sua divulgação ao público têm evoluído ao longo dos tempos conforme as necessidades encontradas (Delicado, 2006). Nesse sentido, são criados museus e centros de ciência com o objectivo de divulgar e criar consciência científica nos seus visitantes. No entanto, o modelo destes museus e centros de ciências são por vezes criticados em relação à sua falta de objectividade no sentido de ensinar ciência, no facto de ser demasiado focado em crianças e na falta de capacidade de cativar adultos e jovens adolescentes (Yahya, 1996; Gregory & Miller, 1998; Durant, 1998; Bradburne, 1998; Gil, 1998).

Segundo Mário Silva (1971, p.5), um Museu de Ciência deveria ser “um centro activo de ensino, catalisador e animador de investigação técnico-científica, de difusão e divulgação de conhecimentos teóricos e práticos e, na mais larga medida, de vulgarização das diversas ciências, em todos os seus níveis, ou das diferentes técnicas, em todos os seus múltiplos domínios, que possam estar, umas e outras, na base do nosso desenvolvimento cultural ou determinem a melhoria segura do nosso ambiente socioeconómico”.

Em pleno século XXI, os museus físicos atravessam novos desafios, quando os seus visitantes já não se contentam apenas em observar o que estava exposto. Como solução, criaram-se novos modelos com recurso à interactividade que permitiam aos visitantes terem experiências virtuais através de computadores, vídeos ou painéis animados que tornavam as visitas mais atractivas, com maior transmissão de informação e mais motivadoras (Valente, Cazell, & Alves, 2005).

Os museus têm sempre muitos visitantes, vindos das mais diversas classes, dos mais diversos países. Assim, é necessário definir o público-alvo, diferenciando-o, para os diversos tipos de museu (Ribeiro, 2012).

Os museus são instituições educacionais que possuem colecções de alto valor científico, pedagógico e patrimonial. No entanto, e apesar da sua importância para o ensino e/ou divulgação das Ciências Naturais, muitas vezes por falta de espaço ou de capacidade das pessoas se deslocarem aos mesmos, muita informação torna-se inacessível ao público. Assim, sendo necessário criar alternativas, tanto para albergar todos os conteúdos como para permitir que indivíduos sem possibilidades económicas tenham acesso às exposições, afigurou-se pertinente transpor os museus de ciências para formato digital, o que permite, nomeadamente, simular ambientes reais ou mesmo ambientes que já existam no presente. Deste modo, os museus podem libertar-se dos seus espaços tradicionais e limitados, para se tornarem acessíveis ao grande público. Surgiram assim os museus virtuais que possibilitam que a população tenha acesso a uma base de dados disponibilizada em plataformas interactivas, com informações fidedignas e actualizadas que poderão ser utilizadas como fontes de investigação e estudo (Day & Evers, 1997; Lepouras, Katifori, Vassilakis, & Charitos, 2004; Muchacho, 2005; Eicher & Del Pino, 2007; Marta, Simão, Leal, & Sequeira, 2016).

Os novos meios de comunicação assentes na Internet, são instrumentos preciosos no processo de comunicação entre o museu e o seu público, como complemento ao espaço físico do museu, facilitando a forma como a mensagem é transmitida ao visitante (Muchacho, 2005). Assim, o museu virtual, inicialmente proposto para crianças, será um instrumento de apoio à aprendizagem onde os alunos poderão realizar um “passeio” virtual e ter acesso aos locais de um museu físico e das informações que nele estariam expostas (Núñez & Ochoa, 2006).

Em 2004, Schweibenz classificou os museus virtuais em 4 tipos:

- a) Museu “folheto”, que é um *site* da Internet onde estão expostas todas as informações sobre o museu, tipos de colecções que contém e as exposições temporárias disponíveis, obrigando à deslocação ao museu físico para que se possa aceder às exposições;

- b) Museu de “conteúdos”, que é um *site* da Internet onde estão as colecções e exposições do museu, permitindo ao visitante virtual a exploração do museu como se estivesse no espaço físico;
- c) Museu de “aprendizagem”, que é um *site* da Internet que permite ao visitante virtual visitar as exposições do museu, mas de forma “personalizada” através da idade, conhecimento prévio ou estilo de aprendizagem. Permitindo que o visitante adquira uma maior aprendizagem dos conteúdos expostos e tendo como objectivo que os visitantes queiram voltar a visitá-lo e estabelecer uma relação pessoal com as exposições e as colecções;
- d) Museu “virtual”, que é um museu de “aprendizagem”, que providencia não apenas informações sobre as colecções presentes nos museus, mas, também, interliga as diversas colecções digitais. Nesse sentido, são museus independentes da realidade, não existindo espaços físicos.

Já na criação de Museus Virtuais, existem determinados passos que devem ser seguidos, segundo Lepouras e Vassilakis (2005):

- a) Selecção das exposições (especialistas de conteúdo e pessoal responsável pela educação e pela mensagem que se quer expor aos visitantes);
- b) Projecto do espaço das exposições (programadores que criam os espaços virtuais);
- c) Selecção dos métodos da apresentação (fotos, áudio, vídeo e modelos em 3D);
- d) Projecto das interacções no ambiente (especialistas em ergonomia e educação);
- e) Digitalização dos objectos expostos;
- f) Disposição dos objectos dentro do espaço da exposição (programação visual);
- g) Programação de interacção (programação de sistemas).

Nos dias que correm muitos museus possuem *sites* institucionais, na Internet, permitindo uma maior interacção com o público e com os especialistas, possibilitando uma rede de troca de experiências e conhecimentos entre as instituições, sendo que no campo virtual tem-se vários percursos interactivos (Muchacho, 2005).

Os museus virtuais colocam desafios particulares. Marty e Twidale (2004) chamam à atenção para os seguintes:

- a) Quantidade exagerada de conteúdos que podem deixar confusos os utilizadores, criando desconforto por parte dos mesmos na utilização do museu virtual;
- b) Design virtual demasiado elaborado que pode confundir e distrair os utilizadores desviando-os dos objectivos iniciais da consulta do museu virtual;
- c) Demasiada tentativa de despertar o espírito explorador dos utilizadores, que pode desencorajar os mesmos por procurarem informações específicas;

- d) Recurso a termos demasiado “científicos”, o que dificulta a compreensão por parte do utilizador, pois nem todos os utilizadores são habilitados de modo a compreenderem termos técnicos;

Em Portugal existem dois museus virtuais de flora, que surgiram principalmente para facultar informações pertinentes sobre a flora portuguesa à população em geral, permitindo o acesso gratuitos a qualquer pessoa. O Museu Virtual mais antigo, corresponde ao website do Jardim Botânico da UTAD (Flora Digital de Portugal)<sup>2</sup> que surgiu em 2004, como objecto informático com elevada utilidade no campo da sistémica, taxonomia e ecologia vegetal sobre a flora portuguesa. Segundo os coordenadores da Flora Digital de Portugal, este website é visitado por vários utilizadores de todos os cantos do Mundo. As informações partilhadas têm como referência a informação florística recolhida pelo Herbário de Vila Real. Apesar deste Museu Virtual ser muito útil e possuir várias informações pertinentes, ainda se encontra muito aquém do que é esperado, não possuindo informações sobre as distribuições da flora em Portugal, nem sobre o estatuto de conservação da flora portuguesa.

Outro Museu Virtual de elevada importância na divulgação da flora portuguesa é o Flora-On que foi criado em 2012 pela Sociedade Portuguesa de Botânica com o objectivo principal de facilitar o acesso a informações científicas sobre plantas que ocorrem em Portugal a público especializado ou não especializado de forma gratuita, simples e intuitiva, este website está em constante actualização, outros objectivos passam pela promoção da conservação de espécies de flora e seu habitat e da difusão do gosto pela botânica, flora e vegetação<sup>3</sup>.

Nesta dissertação detemo-nos em particular sobre o Museu Virtual da Biodiversidade da UÉ que é um projecto de “serviço público” que tem como principal objectivo a promoção do conhecimento científico junto da população em geral e dos jovens dos diferentes níveis escolares, em particular, sobre tudo o que é inerente à Natureza, espécies, habitats e ecossistemas<sup>4</sup>.

Este museu prossegue três objectivos principais<sup>4</sup>:

- a) Apoiar os professores dos ensinos básico, secundário e superior, através de recursos didáticos relacionados com Ciências Naturais;
- b) Oferecer aos jovens informação sobre fauna, flora e macro fungos de Portugal, assim como as suas interacções (habitat-ecossistema), de forma aliciante;

---

<sup>2</sup> Informações obtidas do *site* institucional do Jardim Botânico da UTAD (<http://jb.utad.pt/flora>, recuperado em 30, Janeiro, 2017)

<sup>3</sup> Informações obtidas do *site* institucional da Flora-On | Flora de Portugal interactiva (<http://flora-on.pt>, recuperado em 30, Janeiro, 2017)

<sup>4</sup> Informações obtidas do *site* institucional do MVBIO – Museu Virtual da Biodiversidade da Universidade de Évora (<http://museubiodiversidade.uevora.pt/>, recuperado em 30, Janeiro, 2017)

- c) Criação de plataformas de interacção com a população que incentive a observação da natureza e respectiva protecção.

O Museu Virtual da Biodiversidade assenta em seis eixos que estão em volta do pilar deste museu, que consiste no repertório de espécies animais, vegetais e de macro fungos, mais representativas do património natural português<sup>5</sup>:

- a) Eixo lúdico (para população mais jovem);
- b) Eixo colecionista (classes etárias correspondentes ao ensino básico);
- c) Eixo concursal (escalão etário correspondente ao ensino secundário);
- d) Eixo de autoaferição (qualquer grupo etário);
- e) Eixo interactivo (população que possa contribuir com informações uteis);
- f) Eixo “natureza viva” (especialistas que fazem vídeos explicativos).

Este museu, dada a sua natureza, nunca será uma obra acabada. No entanto, espera-se alcançar um patamar em que o museu possua as informações todas necessárias para a sua exploração e para a divulgação científica<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Informações obtidas do *site* institucional do MVBIO – Museu Virtual da Biodiversidade da Universidade de Évora (<http://museubiodiversidade.uevora.pt/>, recuperado em 30, Janeiro, 2017)

Folha em branco



## 2. Objectivos

### 2.1. Objectivo geral

A presente dissertação tem como objectivo geral, avaliar a literacia científica da população residente nas freguesias urbanas da cidade de Évora sobre a flora autóctone e compreender como promover a literacia científica através da divulgação científica, neste caso, com recurso ao Museu Virtual da Biodiversidade (MVBIO) para aumentar a preocupação social pela conservação da Natureza.

### 2.2. Objectivos específicos

De modo específico, esta dissertação visa:

- Avaliar a literacia científica da população residente nas freguesias urbanas da cidade de Évora sobre a flora autóctone a partir da identificação e caracterização das espécies seleccionadas;
- Descrever o nível de profundidade da literacia científica da população residente nas freguesias urbanas da cidade de Évora sobre a flora autóctone a partir da enunciação de usos/benefícios, abusos/malefícios e qual o estado de conservação das espécies identificadas;
- Compreender os principais motivos que explicam eventuais diferenças ao nível a literacia científica da população residente nas freguesias urbanas da cidade de Évora sobre a flora autóctone, por parte da população jovem, adulta e idosa residente na cidade de Évora.

**Folha em branco**

## 3. Metodologia

### 3.1. População e amostra

Uma grande parte dos estudos de psicologia e ciências sociais pretende desenvolver teorias que possam ser generalizáveis para todos os indivíduos, ou grupo de indivíduos, isto é, a população ou universo. Na prática é impossível trabalhar com a população teórica (conjunto de todos os elementos). Assim, utilizam-se grupos mais restritos e passíveis de ser acedidos; a este grupo dá-se a denominação de população do estudo. Atendendo ao objectivo geral desta dissertação, nomeadamente a avaliação do conhecimento sobre a flora urbana da cidade de Évora optou-se pela população residente nas freguesias urbanas da cidade de Évora a partir dos dados do Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, 2011 (Marôco, 2011; Hill & Hill, 2012).

Após a identificação da população é necessário constituir uma amostra que seja representativa da população sob estudo, utilizando para isso métodos formais de amostragem. Deste modo, no final ter-se-ão dois Universos, o Alvo (conjunto total de casos) e o Inquirido (conjunto total de casos que, na prática, estão disponíveis para a amostragem e sobre os quais se quer tirar conclusões generalizáveis para a população teórica) (Marôco, 2011; Hill & Hill, 2012).

Os métodos formais de amostragem podem ser de amostragem aleatória (probabilísticos) ou de amostragem não aleatória (não probabilísticos), neste segundo conjunto tem-se o método de amostragem escolhido, a amostragem por quotas, que é utilizado quando se quer obter uma representatividade suficiente tentando reproduzir as distribuições de certas variáveis, tal como estão na população a estudar. Por norma as quotas, proporcionais ou não, são definidas respeitando determinadas características da população em estudo, de forma não aleatória, podem ser definidas com base na idade, sexo, categoria socioprofissional, entre outros (Ghiglione & Matalon, 1993; Marôco, 2011; Hill & Hill, 2012).

Após a escolha do método de amostragem, decidiu-se o número e a natureza dos estratos, neste caso, temos a população residente distribuída por Sexo (Feminino e Masculino), Grupos Etários (12-18; 35-55; 60+) e Freguesia (União de Freguesias de Évora; União de Freguesias do Bacelo e Senhora da Saúde; União de Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras). Posteriormente, extraíram-se os dados relativos aos residentes de Évora com estas características. Foram tomados como base os dados do Recenseamento Geral da População (Instituto Nacional de Estatística, 2011)<sup>6</sup>, num total de 28255 casos (Quadro 1).

---

<sup>6</sup> INE – Instituto Nacional de Estatística | Censos 2011: XV recenseamento geral da população e V recenseamento geral da habitação  
([http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011\\_apresentacao](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao), recuperado em 2, Dezembro, 2016)

Quadro 1: Distribuição da população residente por sexo, grupo etário e freguesia

Freguesias	Grupos Etários											
	12-18			35-55			60+			Total		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Évora (Santo Antão)	67	40	27	318	146	172	497	183	314	882	369	513
Évora (São Mamede)	112	42	70	410	193	217	695	242	453	1217	477	740
Sé e São Pedro	72	34	38	384	173	211	662	229	433	1118	436	682
União De Freguesias De Évora (São Mamede, Sé, São Pedro E Santo Antão)	251	116	135	1112	512	600	1854	654	1200	3217	1282	1935
Senhora da Saúde	534	253	281	2414	1138	1276	3012	1261	1751	5960	2652	3308
Bacelo	728	376	352	3186	1523	1663	1642	746	896	5556	2645	2911
União De Freguesias Do Bacelo E Senhora Da Saúde	1262	629	633	5600	2661	2939	4654	2007	2647	11516	5297	6219
Malagueira	936	469	467	3775	1718	2057	2902	1283	1619	7613	3470	4143
Horta das Figueiras	775	411	364	3288	1551	1737	1846	819	1027	5909	2781	3128
União De Freguesias De Malagueira E Horta Das Figueiras	1711	880	831	7063	3269	3794	4748	2102	2646	13522	6251	7271
<b>Total</b>	<b>3224</b>	<b>1625</b>	<b>1599</b>	<b>13775</b>	<b>6442</b>	<b>7333</b>	<b>11256</b>	<b>4763</b>	<b>6493</b>	<b>28255</b>	<b>12830</b>	<b>15425</b>

Fonte: INE – Recenseamento Geral da População 2011.

Fórmula de cálculo (Sierra Bravo, 1987)

$$n = \frac{\sigma^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{E^2 \cdot (N - 1) + \sigma^2 \cdot p \cdot q}$$

Sendo que,

N=28255;  $\sigma = 2$ ; E =  $\pm 5\%$ ; p = q = 50

Então,

n= 394;

FA (Fracção da Amostra) = n/N  $\times$  100= 1.39%

$\sigma^2$  e p.q são variâncias;

E é o erro

n é o tamanho da amostra

N é o tamanho da população

Quadro 2: Distribuição da população residente a inquirir por sexo, grupo etário e freguesia

Freguesias	Grupos Etários											
	12-18			35-55			60+			Total		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Évora (Santo Antão)	1	1	0	4	2	2	7	3	4	12	6	6
Évora (São Mamede)	2	1	1	6	3	3	9	3	6	17	7	10
Sé e São Pedro	2	1	1	5	2	3	9	3	6	16	6	10
União De Freguesias De Évora (São Mamede, Sé, São Pedro E Santo Antão)	5	3	2	15	7	8	25	9	16	45	19	26
Senhora da Saúde	8	4	4	34	16	18	42	18	24	84	38	46
Bacelo	10	5	5	44	21	23	22	10	12	76	36	40
União De Freguesias Do Bacelo E Senhora Da Saúde	18	9	9	78	37	41	64	28	36	160	74	86
Malagueira	13	7	6	53	24	29	41	18	23	107	49	58
Horta das Figueiras	11	6	5	46	22	24	25	11	14	82	39	43
União De Freguesias De Malagueira E Horta Das Figueiras	24	13	11	99	46	53	66	29	37	189	88	101
<b>Total</b>	<b>47</b>	<b>25</b>	<b>22</b>	<b>192</b>	<b>90</b>	<b>102</b>	<b>155</b>	<b>66</b>	<b>89</b>	<b>394</b>	<b>181</b>	<b>213</b>

Fonte: Elaboração própria com base em INE – Recenseamento Geral da População 2011.

Procedeu-se a uma amostragem não-aleatória dos casos, o que pode ter duas grandes desvantagens (Hill & Hill, 2012):

- a. A amostra de casos dentro dos estratos, por não ser escolhida ao acaso, não é necessariamente representativa dos casos do estrato correspondente ao Universo;
- b. É muito provável que haja um enviesamento na selecção dos casos dentro de um estrato, porque a amostra dos casos é normalmente escolhida por meio de método de amostragem por conveniência.

Ainda assim, dadas as limitações para recolher uma amostra aleatória, considerou-se que esta seria a amostra mais adequada aos objectivos definidos.

### **3.2. Recolha de dados**

A recolha de dados foi efectuada sob a forma de um inquérito por questionário.

Para a construção de um questionário deve-se decidir não só o que perguntar para medir as variáveis associadas às Hipóteses Gerais já definidas, como também (Hill & Hill, 2012):

- a. Qual o tipo de resposta mais adequado a cada pergunta;
- b. Qual o tipo de escala de medida associada às respostas;
- c. Quais os métodos mais adequados à análise dos dados.

Assim, para a construção do questionário seguiram-se os seguintes passos (Ghiglione & Matalon, 1993; Hill & Hill, 2012), já adaptados ao caso em estudo:

- a. Listar todas as variáveis da investigação (Tabela 1), incluindo as características dos casos, após olhar com atenção as Hipóteses Gerais que indicam todas as variáveis da investigação.

Tabela 1: Quadro-resumo para elaboração do inquérito por questionário

Conceito	Dimensões	Indicadores
População Urbana Residente	Caracterização sociodemográfica	Ano de nascimento/Idade Sexo Naturalidade Nacionalidade Freguesia de Residência (São Mamede, Sé, São Pedro, Santo Antão, Bacelo, Senhora da Saúde, Malagueira e Horta das Figueiras) Habilitações literárias Área de estudos principal durante a formação escolar/ académica Profissão/ Antiga Profissão
	Contextos sociais de origem	Área de residência principal durante a infância/adolescência (rural, semi-rural, urbana) Habilitações literárias do pai/ educador e mãe/ educador
Flora	Identificação e caracterização de espécies	Identificação através de nome vulgar ou científico Habitat (ambiente doméstico, silvestre, ...) Estado de Conservação
	Contextualização do conhecimento	Principais fontes de conhecimento sobre a espécie Usos/Benefícios Abusos/Malefícios

- b. Especificar o número de perguntas para medir cada uma das variáveis, optou-se por usar uma pergunta para cada variável.
- c. Escrever uma versão inicial de cada pergunta.
- d. Pensar na natureza da primeira Hipótese Geral e nas variáveis e perguntas iniciais a elas associadas, identificando o tipo de Hipóteses que se tem, assim existem dois tipos de Hipóteses:
  - o As que tratam diferenças entre grupos de casos;
  - o As que tratam relações entre variáveis.
- e. Para cada Hipótese decidir quais as técnicas estatísticas adequadas para testar a Hipótese e ter em atenção os pressupostos destas técnicas.

- f. Decidir qual o tipo de resposta desejável para cada pergunta associada à Hipótese Geral, podendo ser quatro tipos de resposta:
  - o Respostas qualitativas descritas por palavras pelo respondente;
  - o Respostas qualitativas escolhidas pelo respondente a partir de um conjunto de respostas alternativas fornecidas pelo autor do questionário;
  - o Respostas quantitativas apresentadas em números pelo respondente;
  - o Respostas quantitativas escolhidas pelo respondente a partir de um conjunto de respostas alternativas fornecidas pelo autor do questionário;
- g. Escolher a Hipótese Operacional.
- h. Considerar as perguntas iniciais associadas com a primeira Hipótese Operacional e adaptá-las de forma a incorporarem o questionário.
- i. Verificar se versões finais das perguntas e das respostas ainda estão adequadas para testar a Hipótese Operacional.
- j. Repetir tudo para as Hipóteses Gerais.
- k. Instruir a melhor forma de aplicar cada pergunta, por exemplo, quando é uma escolha múltipla e é possível selecionar mais que uma resposta, é importante que haja uma referência que indique essa situação.
- l. Planear as várias secções do questionário.
- m. Após ter um esboço do questionário é necessário escolher sobre que espécies se quer ter conhecimento, para isso escolheram-se espécies autóctones depois da análise de 4 factores principais:
  - o Sendo a intenção do Museu Virtual da Biodiversidade e, por consequência, deste estudo, a avaliação do conhecimento acerca da flora portuguesa nativa, como forma de criar melhores estratégias na sua divulgação e que sejam devidamente orientadas para educar e elucidar o público em geral da importância de tais espécies e da necessidade da sua conservação, enquanto integrantes do património natural português;
  - o Um dos objectivos do Museu Virtual da Biodiversidade é a contribuição para a educação no que diz respeito à preservação dos ecossistemas e das espécies portuguesas, por esse motivo não se optou por focar a avaliação de conhecimentos sobre espécies exóticas, pois muitas destas podem ser invasoras e, dessa forma, comprometem a conservação de outras espécies autóctones de Portugal, contribuindo para a perda de biodiversidade nativa do país e comprometendo, também, os ecossistemas nacionais. Além disto, uma espécie

exótica não requer estratégias de conservação, por não fazer parte da identidade natural do país onde foi introduzida.

- Houve necessidade, de entre todas as espécies que constituem a flora de um tecido urbano, de se optar por um número restrito de espécies, que pudesse ser trabalho em contexto de dissertação de mestrado, de acordo com a metodologia escolhida e no curto espaço temporal disponível.
  - Todas as espécies vegetais selecionadas são excelentes representantes dos subtipos de clima mediterrânico que ocorrem no nosso país, principalmente na área de estudo, Sul do país.
- n. Decidiu-se incluir um número proporcional de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas. Na escolha das espécies vegetais, incluíram-se:
- Espécies que têm uma maior visibilidade dentro da cidade e com que as pessoas se possam cruzar com mais;
  - Espécies com maior importância a nível cultural/tradicional;
  - Espécies mais abundantes nos diferentes cenários urbanos, como jardins ou baldios.

Em suma foram incluídas no portfólio as seguintes espécies assim numeradas (Tabela 2):



Tabela 2: Espécies seleccionadas para inquérito por questionário (Nome Científico vs. Nome Comum)

<b>Arbóreas</b>	
<b>Nome científico</b>	<b>Nome vulgar</b>
1. <i>Arbutus unedo</i>	Medronheiro, Ervedeiro
2. <i>Fraxinus angustifolia</i>	Freixo
3. <i>Laurus nobilis</i>	Loureiro, Louro, Sempre-verde
4. <i>Quercus rotundifolia</i>	Azinheira, Azinho
5. <i>Quercus suber</i>	Sobreiro, Chaparro, Sobro
<b>Arbustivas</b>	
6. <i>Hedera hibernica</i>	Hera (-dos-muros), Aradeira, Hédera
7. <i>Nerium oleander</i>	Loendro, Aloendro, Cevadilha, Alandro, Oleandro, Loureiro-rosa
8. <i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim, Alicrizeiro
9. <i>Smilax aspera</i>	Salsaparrilha, Alegação, Alegra-campo
<b>Herbáceas</b>	
10. <i>Daucus carota</i>	Cenoura-brava, Salsa-burra, Erva-salsa, Erva-coentrinha
11. <i>Echium plantagineum</i>	Soagem, Chupa-mel, Língua-de-vaca
12. <i>Foeniculum vulgare</i>	Funcho, Fiolho
13. <i>Fumaria muralis</i>	Fumária (-das-paredes), Fumo-da-terra, Mata-fogo, Salta-sebes
14. <i>Lavatera cretica</i>	Malva-alta, Malva-bastarda, Malvão
15. <i>Phagnalon saxatile</i>	Alecrim-das-paredes
16. <i>Portulaca oleracea</i>	Beldroega, Baldroega
17. <i>Trifolium repens</i>	Trevo (-branco)
18. <i>Verbascum sinuatum</i>	Cachapeiro, Verbasco (-ondeado)

O inquérito é um dos instrumentos mais utilizados por sociólogos e psicólogos sociais, com diversos fins, desde estudos de mercados até estudos teóricos sobre conhecimentos ou opiniões, sendo que pode ser definido como uma “interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com o objectivo de generalizar” (Ghiglione & Matalon, 1993, p.8), não sendo de todo intenção que a presença do investigador mude a situação na qual actua enquanto inquiridor. Nesta dissertação o inquérito optou-se pelo questionário, de aplicação directa, anónimo e hétero-administrado, aplicado pela autora, na qualidade de estudante de Mestrado em Biologia da Conservação da Universidade de Évora 2015/17, Sara Almeida.

A recolha de dados através de questionários obriga a ter cuidado com casos de enviesamento. No caso deste estudo, e, tendo em conta a população que se quer amostrar, os

métodos de recolha de dados passaram por recorrer a locais públicos, a instituições públicas, entre outros. Os enviesamentos também podem ter outros motivos, como ausência de pessoas num dado local e as recusas, no entanto, no caso de amostragens por quotas, estes problemas não são tão acentuados, pois não existem nomes nem obrigatoriedade de ser dado indivíduo, o que no final permitirá um conjunto de questionários preenchidos sem que haja enviesamento nestes aspectos (Ghiglione & Matalon, 1993).

### 3.3. Tratamento e análise de dados

Para a inserção dos dados recolhidos criou-se uma base de dados com 373 variáveis, criadas e codificadas exclusivamente para este fim.

Na primeira parte do questionário, caracterização sociodemográfica e contextos sociais de origem, foram adicionados na folha de SPSS onze variáveis. A variável “Ano de nascimento”, deixou-se como resposta aberta, a variável “Sexo” foi codificada como 1 “Feminino” e 2 “Masculino”, a variável “Naturalidade” foi codificada como 1 “Évora”, 2 “Outra localidade/ Alentejo”, 3 “Outra localidade/ Portugal” e 4 “Não portuguesa”, a variável “Freguesia de Residência” foi codificada como 1 “UF S.Mamede, Sé, São Pedro, St.º António”, 2 “UF Bacelo, Senhora da Saúde”, 3 “UF Malagueira e Horta das Figueiras”, a variável “Área de residência principal durante a infância/adolescência” foi codificada como 1 “Rural”, 2 “Semi-rural ou de transição” e 3 “Urbana”, a variável “Habilitações literárias” como 1 “Não sabe ler nem escrever”, 2 “Sabe ler sem possuir o 4.º ano (antiga 4.ª classe)”, 3 “Ensino básico 1.º ciclo - 4.º ano”, 4 “Ensino básico 2.º ciclo - 6.º ano (antigo 2.º ano liceal / ciclo preparatório)”, 5 “Ensino básico 3.º ciclo - 9.º ano (antigo 5.º ano liceal ou ensino técnico)”, 6 “Ensino secundário - 12.º ano ou equivalente”, 7 “Ensino médio / pós-secundário – curso de especialização tecnológica”, 8 “Ensino superior – bacharelato”, 9 “Ensino superior – licenciatura”, 10 “Ensino superior – mestrado” e 11 “Ensino superior – doutoramento”, a variável “Área de estudo principal (actual ou formação de base” foi codificada como 1 “Ciências e Tecnologias”, 2 “Línguas e Humanidades”, 3 “Ciências Socioeconómicas”, 4 “Artes” e 5 “Outra”, no caso da variável “Outra” foi criada uma nova variável de resposta aberta, com o nome “Outra”, a variável “Profissão (35-55)/ Antiga Profissão (65+)” foi codificada como 1 “Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa”, 2 “Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas”, 3 “Técnicos e Profissionais de nível intermédio”, 4 “Pessoal Administrativo e Similares”, 5 “Pessoal dos Serviços e Vendedores”, 6 “Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas”, 7 “Operários, Artífices e Trabalhadores Similares”, 8 “Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem” e 9 “Trabalhadores não qualificados”, por fim, as variáveis

“Habilitações literárias do Pai/Educador” e “Habilitações literárias da Mãe/Educadora” foram codificadas da mesma forma que a variável “Habilitações literárias”.

No caso das variáveis referentes às espécies, a primeira variável “Destas espécies, quantas conhece?” foi deixada como resposta aberta, no caso de “Quais” criaram-se 18 variáveis com os nomes “Espécie 1”, “Espécie 2”, até “Espécie 18” e codificaram-se como 1 “Sim”. Posteriormente para cada espécie foram criadas as seguintes variáveis “Nome”, de resposta aberta, para a pergunta “Habitat” foram criadas 5 variáveis “Habitat Indiferente”, “Habitat Ambiente doméstico”, “Habitat Ruas/Jardim”, “Habitat Ambiente Silvestre”, “Outro” codificadas como 1 “Sim” e uma variável “Qual?” de resposta aberta, a variável “Estado de Conservação” foi codificada como 1 “Não Ameaçada” e 2 “Ameaçada”, a pergunta “Quais as principais fontes de conhecimento sobre esta espécie?” foi codificada de forma idêntica à da pergunta “Habitat”, criaram-se 9 variáveis “Família”, “Escola”, “Amigos”, “Televisão”, “Revistas de Especialidade”, “Internet”, “Centros de Ciência” e “Outra” codificadas com 1 “Sim” e uma variável “Qual?” de resposta aberta”, por fim para as perguntas “Quais os principais usos e/ou benefícios associados a esta espécie?” e “Quais os principais riscos e/ou malefícios associados a esta espécie?” foram criadas duas variáveis, respectivamente, de resposta aberta, este processo foi repetido para cada uma das 18 espécies.

No conjunto, 0 seria “Não Resposta”, 98 “Não Sabe” e 99 “Não Aplicável” sendo que estes últimos foram considerados “Missings” pelo que não contaram para a análise estatística.

Foi efectuada uma análise estatística descritiva univariada, bivariada e multivariada, com recurso a software estatístico de análise de dados - IBM SPSS Statistics, v. 22.

Para analisar a variável “Ano de nascimento” criou-se por transformação uma nova variável com o nome de “Idade” e de seguida uma outra variável “Faixa Etária”, codificada como 1 “12 aos 18”, 2 “35 aos 55” e 3 “60+”. A análise das variáveis de caracterização sociodemográfica e contextos sociais foi realizada por estatística descritiva univariada, de frequências, sendo a construção dos gráficos efectuada com recurso ao *software* Microsoft Office Excel 2016. Por fim, também se realizou uma análise entre “Faixa Etária” e “Sexo” e entre “Faixa Etária” e “Residência” por estatística descritiva, tabela cruzada e uma análise entre “Habilitações literárias”, “Idade” e “Sexo”, também por estatística descritiva, tabela cruzada.

A análise das variáveis referentes às espécies foi efectuada, no caso de “Quantas espécies conhece?” e “Quais?” através de estatística descritiva de frequências.

No caso da variável “Nome”, efectuou-se uma estatística descritiva de frequências e, posteriormente, agruparam-se as espécies com recurso ao *software* Microsoft Office Excel 2016. Posteriormente, criaram-se 2 novas variáveis, uma de “Avaliação”, onde se categorizaram as respostas como 1 “Correcta” e 2 “Incorrecta” e outra “Designação”, onde se categorizaram as

respostas como 1 “Nome Comum” e 2 “Nome Científico (Flora-On: Flora de Portugal Interactiva. (2014), 2016) .

As variáveis referentes às perguntas “Habitat” e “Quais as principais fontes de conhecimento sobre esta espécie?” foram analisadas por estatística descritiva de frequências e agrupadas com recurso ao software estatístico Microsoft Office Excel 2016.

A variável “Estado de conservação” foi analisada por estatística descritiva de frequência.

As variáveis “Quais os principais usos e/ou benefícios associados a esta espécie?” e “Quais os riscos e/ou malefícios associados a esta espécie?” foram analisadas por estatística descritiva de frequência e, com recurso ao software Microsoft Office Excel 2016, foram agrupadas, no caso dos benefícios, em “Comestível”, “Aromática”, “Condimentar”, “Medicinal”, “Bebidas não-alcoólicas”, “Bebidas alcoólicas”, “Decoração”, “Agropecuária” e “Industrial” e, no caso dos malefícios em “Alergénico”, “Tóxico”, “Venenoso”, “Invasora” e “Extinção” (Frazão-Moreira & Fernandes, 2005).

De seguida efectuou-se uma análise bivariada entre as variáveis referentes à caracterização sociodemográfica e contextos sociais de origem e as variáveis referentes à flora, com recurso à análise descritiva por tabela cruzada e apresentando o valor estatístico de Qui-Quadrado, para se verificar se existem diferenças significativas entre as variáveis apresentadas, sendo que se considera significativamente diferente quando o valor de significância é menor que 0,05 (Marôco, 2011).

**Folha em branco**

## 4. Análise de Resultados

### I - Caracterização sociodemográfica e contextos sociais de origem

#### 1.1. Faixa etária

No conjunto foram inquiridos 394 inquiridos, cuja idade varia entre um mínimo de 12 anos e um máximo de 90 anos de idade. Da análise desta variável verifica-se que apenas 11,9% dos inquiridos pertence à faixa etária dos 12 aos 18 anos e que, quase metade dos inquiridos, 48,7%, pertence à faixa etária dos 35 aos 55 anos (cf. Gráfico 1).

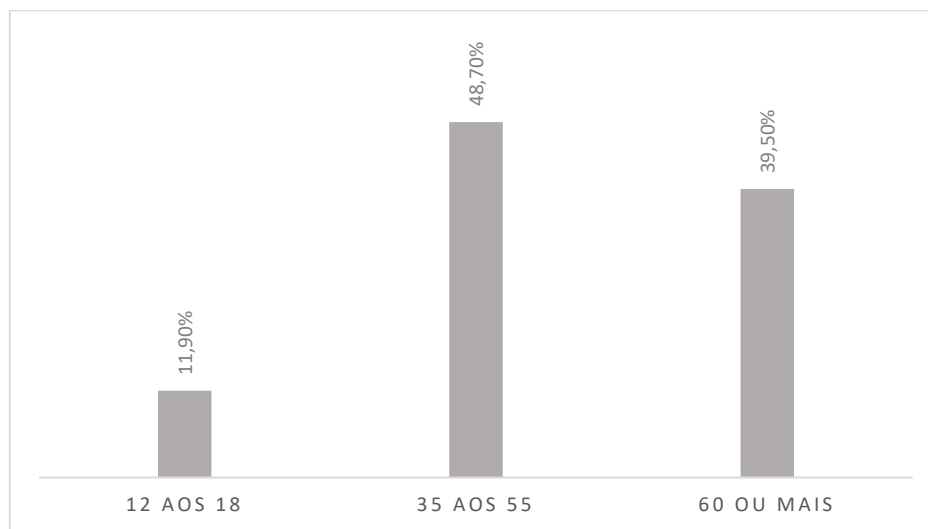


Gráfico 1: Distribuição dos inquiridos por faixa etária (%)

#### 1.2. Sexo

No conjunto foram inquiridos 394 indivíduos, dos quais 54,1% são do sexo feminino e 45,9% são do sexo masculino. Comprovando que no território em estudo a divisão de género é aproximadamente 50/50 (cf. Gráfico 2)

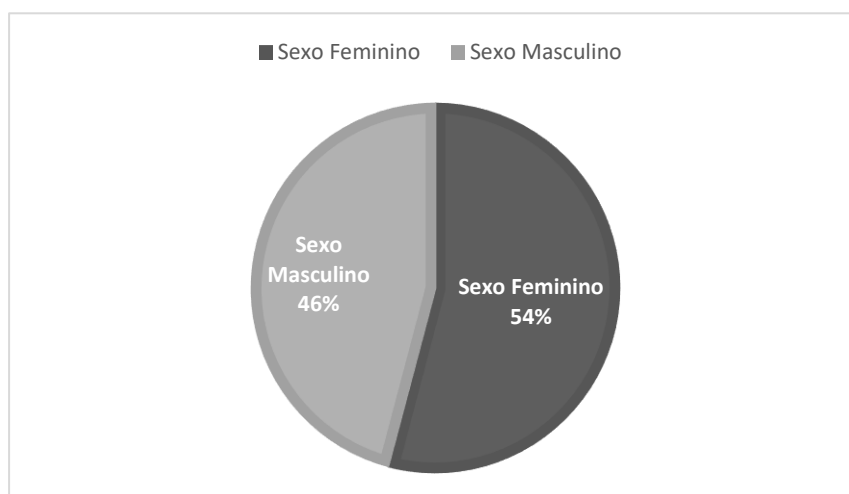


Gráfico 2: Distribuição dos inquiridos por sexo (%)

### 1.3. Naturalidade

Relativamente à naturalidade, verifica-se que mais de metade dos inquiridos é natural de Évora, com 71,1%, e uma pequena percentagem é natural de uma localidade Não Portuguesa, com 0,5% (cf. Gráfico 3).

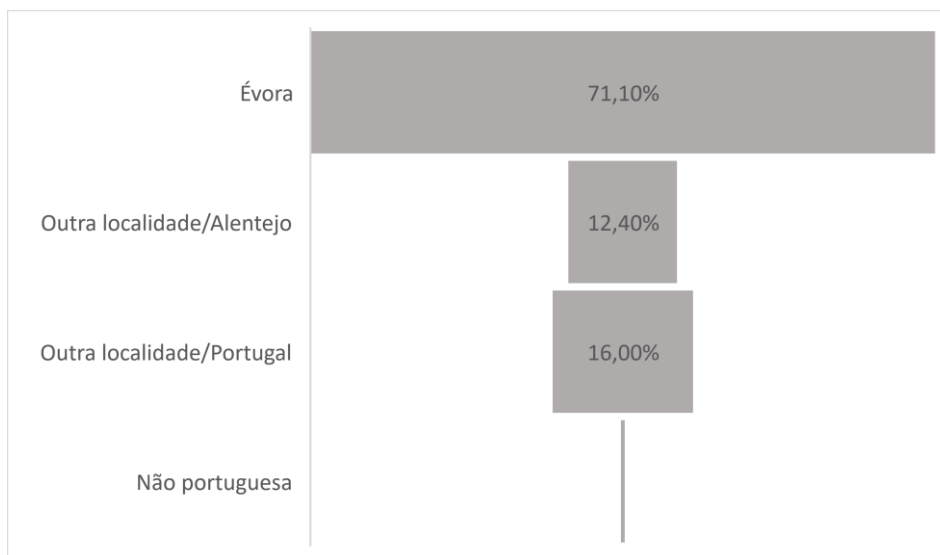


Gráfico 3: Distribuição dos inquiridos por naturalidade (%)

### 1.4. Freguesia de residência

No que diz respeito à freguesia de residência verifica-se que a freguesia com menos percentagem de inquiridos foi a União de Freguesias de S. Mamede, Sé, São Pedro, St. º Antão com 11,4% e a freguesia com mais percentagem de inquiridos foi a União de Freguesias da Malagueira e Horta das Figueiras com 48,0%, acompanhando a amostra calculada (cf. Gráfico 4).

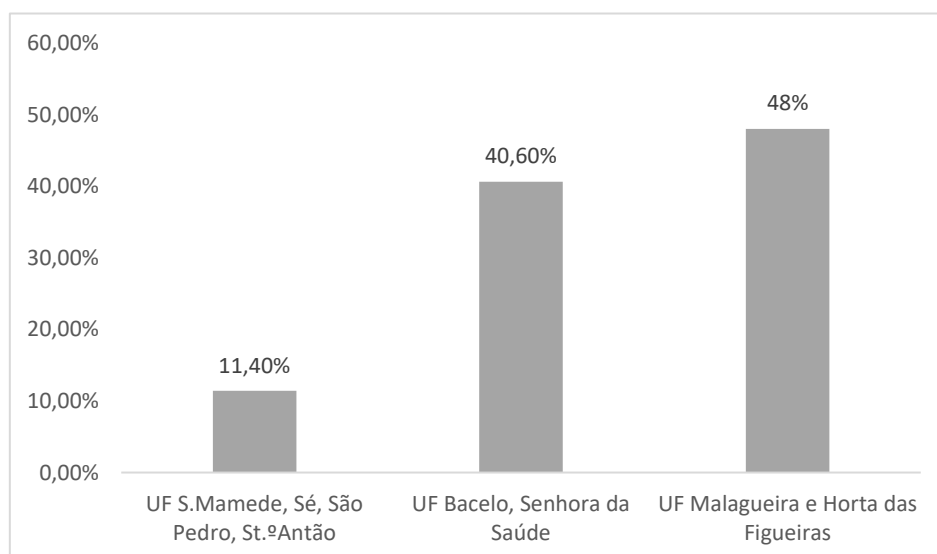


Gráfico 4: Distribuição dos inquiridos por freguesia de residência (%)

### 1.5. Área de residência principal durante a infância/adolescência

No que diz respeito à área da de residência principal durante a infância/adolescência verifica-se que a maior percentagem de inquiridos afirma que a sua área de residência foi semi-rural ou de transição com 45,4% e uma menor percentagem afirma que a sua área de residência foi em meio rural com 23,1% (cf. Gráfico 5).

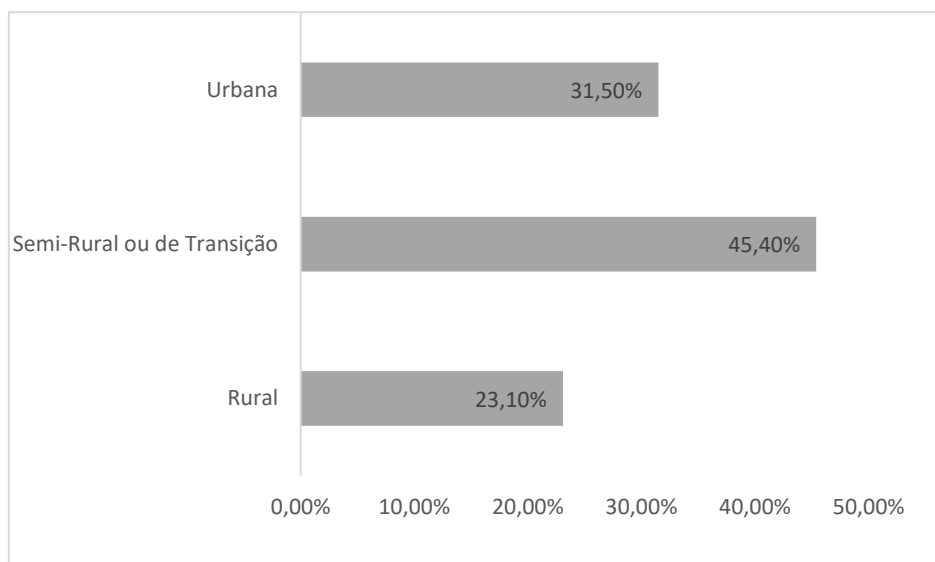


Gráfico 5: Distribuição dos inquiridos por área de residência durante a infância/adolescência (%)

### 1.6. Habilitações literárias

Relativamente às habilitações literárias, verifica-se que a mais frequente entre os inquiridos é o ensino secundário - 12º. ano ou equivalente, com 33,8% dos casos e a habilitação literária menos frequente é ensino superior – bacharelato (cf. Gráfico 6).

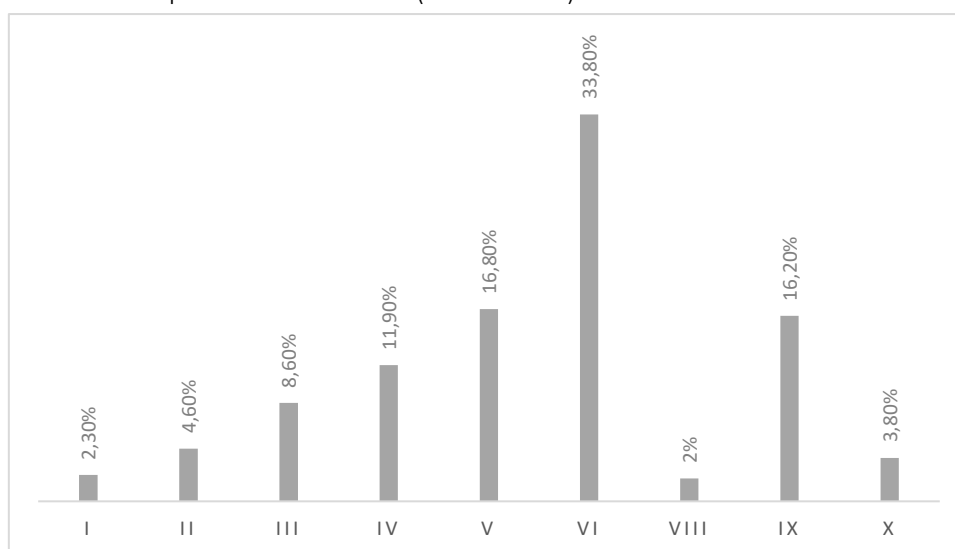


Gráfico 6: Distribuição dos inquiridos por habilitações literárias (%)



Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior - mestrado.

### 1.7. Área de estudos principal (actual ou formação de base)

Analisando a área de estudo principal dos inquiridos com escolaridade maior ou igual ao “ensino secundário – 12º ano ou equivalente”, verifica-se que a grande maioria tem como área de estudos principal línguas e humanidades, com 30%, e uma menor percentagem tem como área de estudo principal artes, com 5% (cf. Gráfico 7).

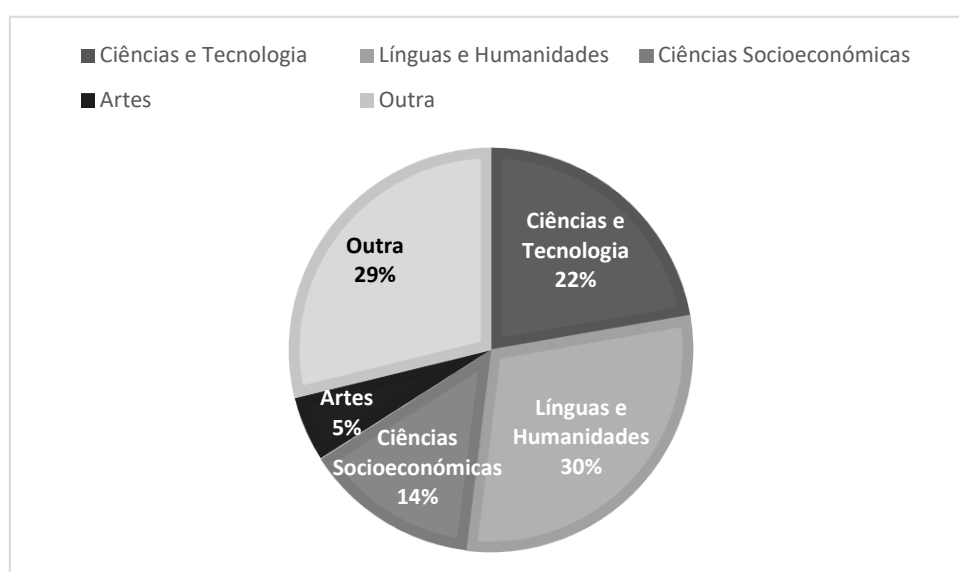


Gráfico 7: Área de estudos principal (actual ou formação de base) dos inquiridos (%)

\*Casos válidos: 229

Ao analisar quais as áreas de estudo principais para além das áreas de estudo apresentadas no inquérito por questionário, verifica-se que a maior percentagem (19,7%) têm como área de estudo principal “saúde” e a menor percentagem (1,5%) têm como áreas de estudo “administração”, “arquitetura de interiores”, “comércio”, “engenharia civil”, “fiscalização”, “geografia”, “gestão de sistemas informáticas”, “manutenção de aeronaves”, “marketing”, “património cultural”, “relações internacionais”, “secretariado e relações públicas”, “técnico de restauro”, “urbanismo” ou “zootecnia” (cf. Gráfico 8).

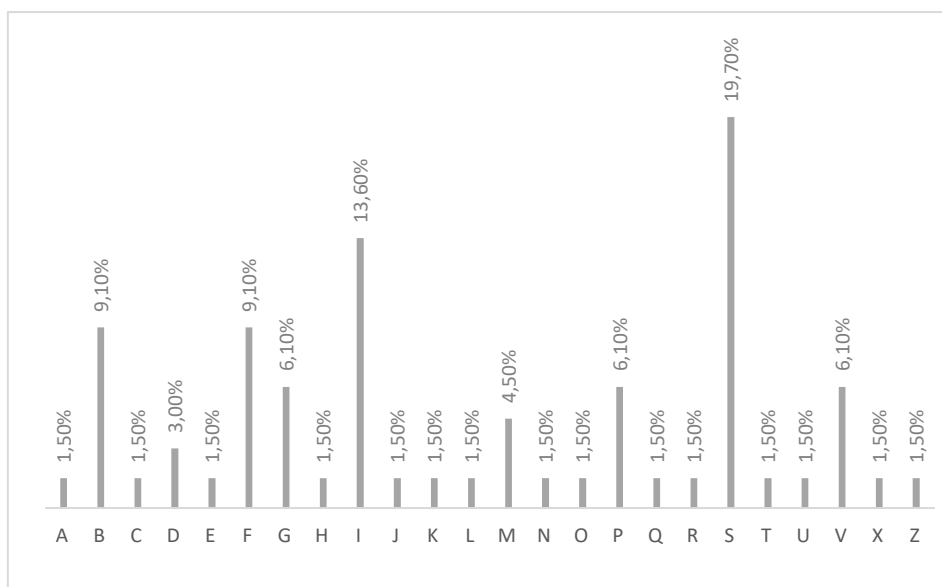


Gráfico 8: Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)

\*Casos válidos: 66

Legenda: A - Administração; B – Agronomia; C – Arquitectura de Interiores; D – Arquitectura Paisagista; E – Comércio; F – Desporto; G – Electrotecnia; H – Engenharia Civil; I – Ensino; J – Fiscalização; K – Geografia; L – Gestão de Sistemas Informáticos; M – Hotelaria; N – Manutenção de Aeronaves; O – Marketing; P – Mecânica; Q – Património Cultural; R – Relações Internacionais; S – Saúde; T – Secretariado e Relações Públicas; U – Técnico de Restauro; V – Turismo; X – Urbanismo e Z – Zootecnia.

### 1.8. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+)

Analisando as profissões e antigas profissões dos inquiridos, verifica-se que a maior percentagem pertence à categoria de “pessoal dos serviços e vendedores” (27,3%) e a menor percentagem à categoria de “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas” (2,7%) (cf. Tabela 3).

Tabela 3: Profissão (35-55) / antiga profissão (65+) dos inquiridos (%)

Profissão (35-55) / antiga profissão (65+)	%
Quadros superiores da administração pública. Dirigentes e quadros superiores de empresa	9,4
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	7,6
Técnicos e profissionais de nível intermédio	24,5
Pessoal administrativo e similares	5,2
Pessoal dos serviços e vendedores	27,3
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	2,7
Operários, artífices e trabalhadores similares	10,6
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	4,5
Trabalhadores não qualificados	8,2

\*Casos válidos: 330

### 1.9. Habilitações literárias do pai/educador e mãe/educadora

Analisando o nível de habilitações literárias dos pais/educadores, verifica-se que os níveis onde há maior diferença de percentagens entre o pai/educador e a mãe/educadora são o nível “não sabe ler nem escrever” onde a mãe/educadora tem maior percentagem (14,4%) em relação ao pai/educador (12,7%), mostrando que as mães/educadoras têm menor literacia do que o pais/educadores, no “ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório) e no “ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico)” a mãe/educadora tem uma percentagem menor do que o pai/educador, 4,50% vs. 6,20% e 7,00% vs. 8,80%, respectivamente. nos restantes níveis de habilitações as percentagens da mãe/educadora e do pai/educador são idênticas (cf. Gráfico 9.).

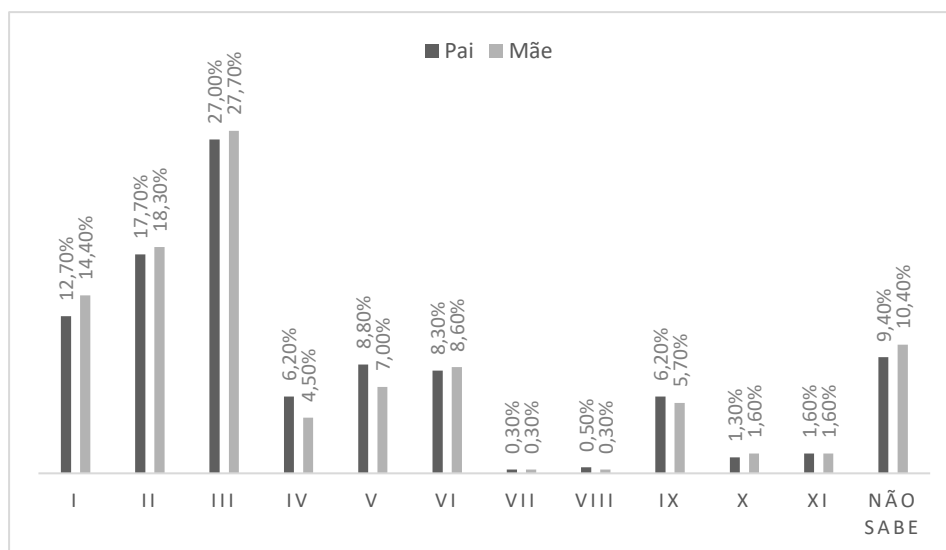


Gráfico 9: Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora dos inquiridos (%)

\*Casos válidos: Pai – 385; Mãe - 383

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento.

## II – Conhecimento sobre flora

### 2.1. Número de espécies conhecidas

Analisando quantas espécies os inquiridos dizem conhecer, verifica-se que os inquiridos conhecem mais frequentemente 10 espécies, sendo a percentagem de inquiridos 10,9% e apenas 0,8% dos inquiridos afirma conhecer apenas 1 espécie. Assim, pela observação do gráfico verifica-se que mais de metade dos inquiridos conhece 10 ou mais espécies (53,2%) (cf. Gráfico 10).

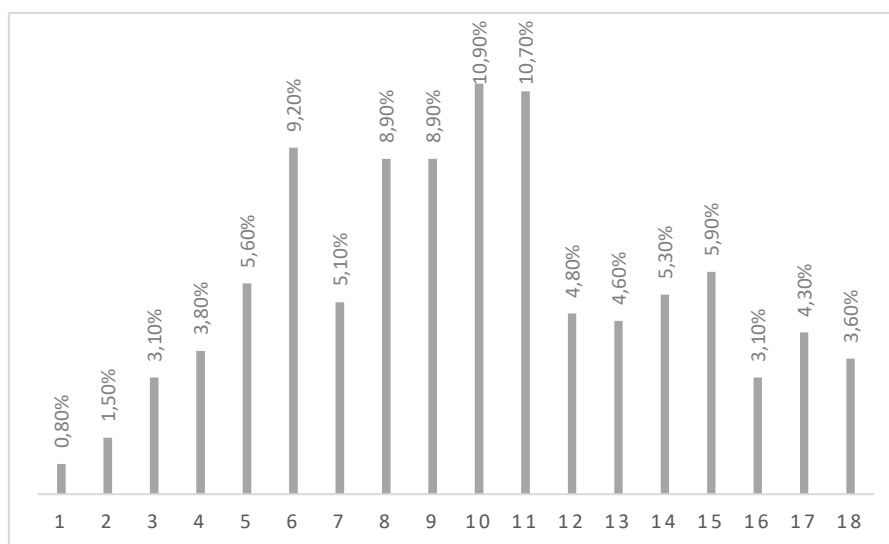


Gráfico 10: Número de espécies conhecidas pelos inquiridos (%)

\*Casos válidos: 393

## 2.2. Espécies identificadas

Analisando quais as espécies que conhecem, os inquiridos conhecem mais frequentemente a espécie 6 com 85,3% dos inquiridos e a que os inquiridos conhecem menos frequentemente é a espécie 2 com 27,9% dos inquiridos (cf. Gráfico 11).

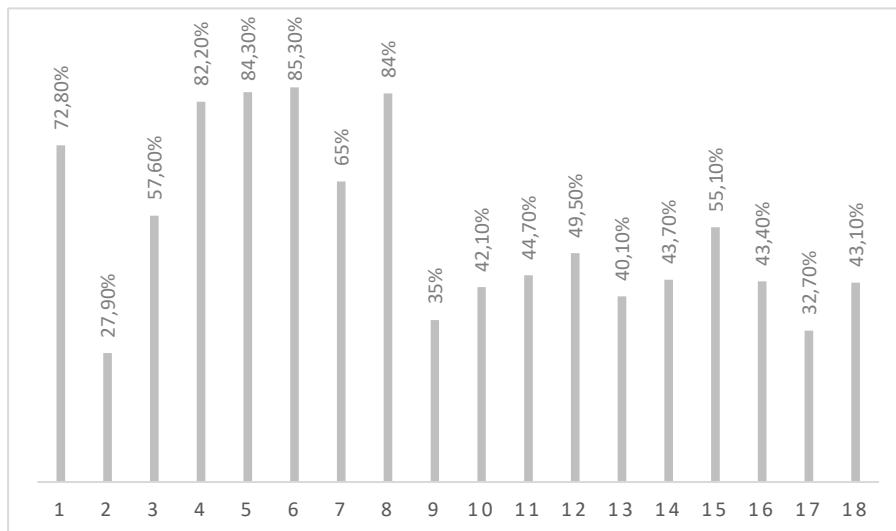


Gráfico 11: Espécies identificadas pelos inquiridos (%)

Legenda: 1 – Espécie 1;

2 – Espécie 2; 3 – Espécie 3; 4 – Espécie 4; 5 – Espécie 5; 6 – Espécie 6; 7 – Espécie 7; 8 – Espécie 8; 9 – Espécie 9; 10 – Espécie 10; 11 – Espécie 11; 12 – Espécie 12; 13 – Espécie 13; 14 – Espécie 14; 15 – Espécie 15; 16 – Espécie 16; 17 – Espécie 17 e 18 – Espécie 18

## 2.3. Nomes das espécies

### 2.3.1. Espécie 1: *Arbutus unedo*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 1, o nome dado mais comumente foi “medronheiro/medronho” com 70% das respostas e os menos referidos com apenas 0,3% das respostas foram “abrunhos”, “azevinho”, “bagas de carpinteiro”, “brincos”, “ginjas”, “tomateiro” ou “zimbro” (cf. Tabela 4).

Tabela 4: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 1 (%)

Espécie 1	%
Não sabe	13,9
Abrunhos	0,3
<i>Arbutus unedo</i>	1,0
Azevinho	0,3
Bagas de carpinteiro	0,3
Brincos	0,3
Cereja, cerejas, cerejeira	8,7
Framboesa	0,7
Ginjas	0,3
Líchias	1,0
Medronheiro, medronho	70,0
Mirtilo, mirtilos	0,7
Morango, morangueiro, morangueiro-bravo	1,4
Tomateiro	0,3
Zimbro	0,3

\*Casos válidos: 287

### 2.3.2. Espécie 2: *Fraxinus angustifolia*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 2, verifica-se que o mais atribuído foi “loureiro ou louro” com 14,5% das respostas e os menos atribuídos com 0,9% das respostas foram “brincos da rainha”, “jasmim” ou “lima”, no entanto, 39,1% dos inquiridos afirmou não saber o nome da espécie (cf. Tabela 5).

Tabela 5: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 2 (%)

Espécie 2	%
Não sabe	39,1
Brincos da Rainha	0,9
Chorão	5,5
Eucalipto	12,7
Freixo	12,7
Jasmim	0,9
Lima	0,9
Loureiro, louro	14,5
Tília	12,7

\*Casos válidos: 110

### 2.3.3. Espécie 3: *Laurus nobilis*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 3, o nome mais utilizado foi “loureiro ou louro” com 84,6% das respostas e os menos utilizados foram “azevinho”, “azinho”, “cidreira”, “figueira”, “limoeiro” ou “nespereira” com 0,4% das respostas (cf. Tabela 6).

Tabela 6: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 3 (%)

<b>Espécie 3</b>	<b>%</b>
<b>Não sabe</b>	12,8
<b>Azevinho</b>	0,4
<b>Azinho</b>	0,4
<b>Cidreira</b>	0,4
<b>Figueira</b>	0,4
<b>Limoeiro</b>	0,4
<b>Loureiro, louro</b>	84,6
<b>Nespereira</b>	0,4

\*Casos válidos: 227

### 2.3.4. Espécie 4: *Quercus rotundifolia*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 4, o mais atribuído foi “Azinheira, bolota ou bolotas” com 79,6% das respostas e os menos atribuídos com 0,3% das respostas foram “avelãs”, “azeitona”, “castanheiro”, “figueira”, “planta do café” ou “Quercus” (cf. Tabela 7).

Tabela 7: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 4 (%)

Espécie 4	%
Não sabe	11,7
Alandria, alandrias	0,6
Avelãs	0,3
Azeitona	0,3
Azinhiera, bolota, bolotas	79,6
Carvalho	0,9
Castanheiro	0,3
Figueira	0,3
Lande	0,6
Oliveira	0,9
Planta do Café	0,3
Quercus	0,3
<i>Quercus ilex, Quercus rotundifolia</i>	0,6
Sobreiro, chaparro	3,1

\*Casos válidos: 324

### 2.3.5. Espécie 5: *Quercus suber*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 5, o mais atribuído foi “sobreiro, chaparro, cortiça ou sobro” com 84,0% das respostas e o menos atribuído foi “castanheiro” com 0,3% das respostas (cf. Tabela 8).

Tabela 8: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 5 (%)

Espécie 5	%
Não sabe	8,5
Azinhiera	3,3
Carvalho	1,5
Castanheiro	0,3
Oliveira	1,8
<i>Quercus suber</i>	0,6
Sobreiro, chaparro, cortiça, sobro	84,0

\*Casos válidos: 331



### 2.3.6. Espécie 6: *Hedera hibernica*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 6, o mais atribuído foi “hera” com 64,9% das respostas e os nomes menos atribuídos foram “*Hedera hibernica*” ou “heliadeira” com 0,3% das respostas (cf. Tabela 9).

Tabela 9: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 6 (%)

<b>Espécie 6</b>	<b>%</b>
<b>Não sabe</b>	21,7
<b><i>Hedera hibernica</i></b>	,3
<b>Hera</b>	64,9
<b>Malva</b>	,6
<b>Plátano</b>	1,2
<b>Trepadeira</b>	9,2
<b>Videira, vinha, parreira</b>	1,8
<b>Heliadeira</b>	,3

\*Casos válidos: 336

### 2.3.7. Espécie 7: *Nerium oleander*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 7, o mais atribuído foi “alandro, aloandro, aloandros, leandro, leandros, loandro ou loendreiro” com 35,5% das respostas e os menos atribuídos foram “acácia”, “árvore dos piolhos”, “azália”, “bufanoguilho”, “bugambília”, “flor das bagas”, “gumília”, “hera”, “lisandro”, “malva”, “medronheiro”, “mimosas” ou “urze” com 0,4% das respostas, no entanto, 56,6% dos inquiridos afirmou não saber o nome desta espécie (cf. Tabela 10).

Tabela 10: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 7 (%)

Espécie 7	%
Não sabe	56,6
Acácia	0,4
Alandro, aloendro, aloendros, leandro, leandros, loendro, loendreiro	35,5
Árvore dos piolhos	0,4
Azália	0,4
Bufanoguilho	0,4
Bugambilia	0,4
Esteva, estevas	0,8
Flor das Bagas	0,4
Gumilia	0,4
Hera	0,4
Lisandro	0,4
Malva	0,4
Medronheiro	0,4
Mimosas	0,4
<i>Nerium oleander</i>	0,8
Roseira	1,2
Urze	0,4

\*Casos válidos: 256

### 2.3.8. Espécie 8: *Rosmarinus officinalis*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 8, o mais atribuído foi “alfazema, lavanda ou rosmaninho” com 47,6% das respostas e os menos atribuídos foram “lilás”, “orquídeas” ou “salva” com 0,3% das respostas (cf. Tabela 11).

Tabela 11: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 8 (%)

Espécie 8	%
Não sabe	18,7
Alecrim	30,7
Alfazema, lavanda, rosmaninho	47,6
Jasmim	0,9
Lilás	0,3
Orquídea	0,3
<i>Rosmarinus officinalis</i>	0,6
Salva	0,3
Urze	0,6

\*Casos válidos: 332

### 2.3.9. Espécie 9: *Smilax aspera*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 9, o mais atribuído foi “cereja, cerejas ou cerejeira” com 7,2% das respostas e os menos atribuídos foram “azinheira”, “baguinhas”, “capeteiro”, “gisbarbeiro”, “hipericão”, “madre-silva”, “medronho”, “murta”, “oliveira”, “pite”, “rabanetes”, “*Smilax aspera*”, “tâmaras”, “tamarinhas” ou “zimbros” com 0,7% das respostas, no entanto, 53,6% dos inquiridos afirmou não saber o nome desta espécie (cf. Tabela 12).

Tabela 12: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 9 (%)

Espécie 9	%
Não sabe	53,6
Azevinho	3,6
Azinheira	0,7
Baguinhas	0,7
Café	1,4
Capeteiro	0,7
Cereja, cerejas, cerejeira	7,2
Ginja, ginjas	2,2
Gisbarbeiro	0,7
Groselha	2,2
Hera	1,4
Hipericão	0,7
Madre-Silva	0,7
Medronho	0,7
Mirtilo, mirtilos	5,8
Murta	0,7
Oliveira	0,7
Pite	0,7
Rabanetes	0,7
Salsaparrilha	6,5
<i>Smilax aspera</i>	0,7
Tâmaras	0,7
Tamarinhas	0,7
Trepadeira	2,9
Uva, uvas	2,2
Zimbros	0,7

\*Casos válidos: 138

### 2.3.10. Espécie 10: *Daucus carota*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 10, o mais atribuído foi “funcho” com 5,4% das respostas e os menos atribuídos foram “*Achillea millefolium*”, “alho-bravo”, “alho porro”, “alhos”, “cebola-selvagem”, “coentros”, “dente-de-leão”, “erva-rabaça”, “espiche”, “juncos” ou “ninhas” com 0,6% das respostas, no entanto, 77,1% afirmou não saber o nome desta espécie (cf. Tabela 13).

Tabela 13: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 10 (%)

Espécie 10	%
Não sabe	77,1
<i>Achillea millefolium</i>	0,6
Alho-bravo	0,6
Alho-porro	0,6
Alhos	0,6
Anis	3,6
Cebola-selvagem	0,6
Cenoura-brava	1,2
Coentros	0,6
Dente-de-Leão	0,6
Erva-rabaça	0,6
Espiche	0,6
Funcho	5,4
Hortense	1,2
Juncos	0,6
Ninhos	0,6
Sabugueiro	2,4
Salsa	1,2
Trepadeira	1,2

\*Casos válidos: 166

### 2.3.11. Espécie 11: *Echium plantagineum*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 11, o mais atribuído foi “chupa-mel, soagem ou línguas-de-vaca” com 16,6% das respostas e os menos atribuídos foram “alecrim”, “beijinhos”, “bocas-de-lírios”, “campainhas”, “corriola”, “erva-ferrã”, “ervilhaca”, “flor silvestre”, “gerbéria”, “jacinto”, “lírio roxo”, “rapazinhos”, “rosmaninho”, “serralha”, “sininhos” ou “túlipa” com 0,6% das respostas, no entanto, 66,9% dos inquiridos afirmou não saber o nome desta espécie (cf. Tabela 14).

Tabela 14: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 11 (%)

Espécie 11	%
Não sabe	66,9
Alecrim	0,6
Beijinhos	0,6
Bocas-de-Lírios	0,6
Bocas-de-Lobo	2,9
Campainhas	0,6
Chupa-mel, soagem, línguas-de-vaca	16,6
Corriola	0,6
Erva-ferrã	0,6
Ervilha-de-Cheiro	1,1
Ervilhaca	0,6
Flor Silvestre	0,6
Gerbéria	0,6
Jacinto	0,6
Lírio roxo	0,6
Lírios	3,4
Rapazinhos	0,6
Rosmaninho	0,6
Serralha	0,6
Sininhos	0,6
Túlipa	0,6

\*Casos válidos: 175

### 2.3.12. Espécie 12: *Foeniculum vulgare*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 12, o mais atribuído foi “anis, erva-doce, funcho” com 49,5% das respostas e os menos atribuídos foram “arruda-brava”, “Asparagus”, “erva-azedã”, “hortenses”, “mimosa” ou “tojos verdes” com 0,5% das respostas (cf. Tabela 15).

Tabela 15: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 12 (%)

Espécie 12	%
Não sabe	44,3
Anis, erva-doce, funcho	49,5
Arruda	1,0
Arruda-brava	0,5
Asparagus	0,5
Cacto	1,0
Erva-azeda	0,5
Giesta	1,0
Hortenses	0,5
Mimosa	0,5
Tojos verdes	0,5

\*Casos válidos: 194

### 2.3.13. Espécie 13: *Fumaria muralis*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 13, o mais atribuído foi “béu-béus, cãezinhos, cãezinhos béu béus, canitos, canitos béu béus” com 17,7% das respostas e os menos atribuídos foram “azevinho”, “baguinho de arroz”, “brincos da rainha”, “coentros”, “erva-aranha”, “ervilha”, “*Fumaria officinalis*”, “planta de S. Roberto”, “salsa”, “sardinheira”, “sininhos” ou “trevo” com 0,6% das respostas, no entanto, 61,4% dos inquiridos afirmou não saber o nome desta espécie (cf. Tabela 16).

Tabela 16: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 13 (%)

Espécie 13	%
Não sabe	61,4
Azevinho	0,6
Baguinho de Arroz	0,6
Béu-béus, cãezinhos, cãezinhos béu béus, canitos, canitos béu béus	17,7
Bocas-de-Lobo	1,3
Brincos da Rainha	0,6
Coentros	0,6
Dente-de-Leão	1,9
Erva-aranha	0,6
Ervilha	0,6
Ervilha-de-Cheiro	1,9
Ferrã-queimada	1,9
Fumária	4,4
<i>Fumaria officinalis</i>	0,6
Malva	1,9
Planta de S. Roberto	0,6
Salsa	0,6
Sardinheira	0,6
Sininhos	0,6
Trevo	0,6

\*Casos válidos: 158

#### 2.3.14. Espécie 14: *Lavatera cretica*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 14, o mais atribuído foi “malva” com 26,3% das respostas e os menos atribuídos foram “cardeiro”, “chicória”, “despedidas de verão”, “lilás”, “malvácea”, “malvaíscos”, “maracujá”, “rosmaninho”, “solenos” ou “tulipas” com 0,6% das respostas, no entanto, 59,6% dos inquiridos afirmou não saber o nome desta espécie (cf. Tabela 17).



Tabela 17: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 14 (%)

Espécie 14	%
Não sabe	59,6
Cardeiro	0,6
Chicória	0,6
Despedidas de Verão	0,6
Jasmim	1,2
Lilás	0,6
Lírios, lírio	2,9
Lírios do Campo	1,2
Malva	26,3
Malvácea	0,6
Malvaíscos	0,6
Maracujá	0,6
Orquídeas	1,2
Rosmaninho	0,6
Solenos	0,6
Tulipa	0,6
Violetas	1,2

\*Casos válidos: 171

### 2.3.15. Espécie 15: *Phagnalon saxatile*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 15, o mais atribuído foi “cardo ou cardo mariano” com 30,1% das respostas e os menos atribuídos foram “alcaparras”, “alho-porro”, “carapatos”, “*Carduus officinalis*”, “cravos”, “flor do diabo”, “girassol”, “leitosas”, “malmequer de palha”, “papoilas”, “pingueiro” ou “saramago” com 0,5% das respostas (cf. Tabela 18).

Tabela 18: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 15 (%)

Espécie 15	%
Não sabe	28,2
Alcachofras	17,6
Alcaparras	0,5
Alho-porro	0,5
Cacto	3,7
Carapatos	0,5
Cardo, cardo mariano	30,1
<i>Carduus officinalis</i>	0,5
Cravos	0,5
Dente-de-Leão	10,6
Flor do Diabo	0,5
Gerberas	0,9
Girassol	0,5
Leitosas	0,5
Malmequer	1,9
Malmequer de palha	0,5
Papoila	0,5
Picos	1,4
Pingueira	0,5
Saramago	0,5

\*Casos válidos: 216

### 2.3.16. Espécie 16: *Portulaca oleracea*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 16, o mais atribuído foi “beldroega ou beldroegas” com 75,9% das respostas e os menos atribuídos foram “mimosa”, “poejo”, “*Portulaca oleracea*” ou “suculenta” com 0,6% das respostas (cf. Tabela 19).

Tabela 19: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 16 (%)

Espécie 16	%
Não sabe	18,8
Beldroega, beldroegas	75,9
Cacto	2,9
Mimosa	0,6
Poejo	0,6
<i>Portulaca oleracea</i>	0,6
Suculenta	0,6

\*Casos válidos: 170

### 2.3.17. Espécie 17: *Trifolium repens*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 17, o mais atribuído foi “trevo ou trevos” com 52,8% das respostas e os menos frequentes foram “camomila”, “hera”, “hortelã-pimenta”, “malmequer”, “nenúfares”, “papilionalis”, “soagem”, “tremocilho” ou “trevo(-sordo)” com 0,8% das respostas (cf. Tabela 20).

Tabela 20: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 17 (%)

Espécie 17	%
Não sabe	37,0
Cacto	1,6
Camomila	0,8
Hera	0,8
Hortelã-pimenta	0,8
Malmequer	0,8
Nenúfares	0,8
Papilionalis	0,8
Soagem	0,8
Tremocilho	0,8
Trevo, trevos	52,8
Trevo (-sordo)	0,8
Trevo (-branco)	1,6

\*Casos válidos: 127

### 2.3.18. Espécie 18: *Verbascum sinuatum*

Dos nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 18, o mais atribuído foi “cardos ou cardo” com 23,7% das respostas e os menos atribuídos foram “acelga”, “alabaças”, “alcachofra”, “beldroegas”, “bocas-de-lobo”, “caganinhos”, “catacusa”, “dente-de-leão”, “línguas-de-vaca”, “palmeira”, “terruga” ou “vinha” com 0,6% das respostas, no entanto, 49,1% dos inquiridos afirmou não saber o nome desta espécie (cf. Tabela 21).

Tabela 21: Nomes atribuídos pelos inquiridos à espécie 18 (%)

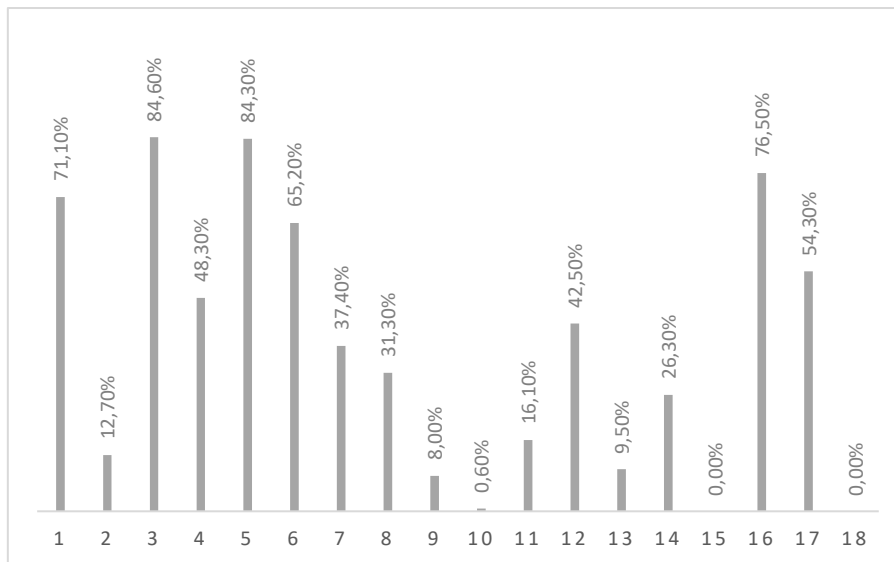
<b>Espécie 18</b>	<b>%</b>
<b>Não sabe</b>	49,1
<b>Acelga</b>	0,6
<b>Alabaças</b>	0,6
<b>Alcachofra</b>	0,6
<b>Alface</b>	1,8
<b>Beldroegas</b>	0,6
<b>Bocas-de-Lobo</b>	0,6
<b>Cactos</b>	5,3
<b>Caganinhos</b>	0,6
<b>Cardos, cardo</b>	23,7
<b>Catacusa</b>	0,6
<b>Dente-de-Leão</b>	0,6
<b>Erva-daninha</b>	1,8
<b>Feto, fetos</b>	5,9
<b>Leitugas</b>	1,2
<b>Língua-de-Vaca</b>	0,6
<b>Palmeira</b>	0,6
<b>Pico</b>	1,2
<b>Serralha</b>	3,0
<b>Terruga</b>	0,6
<b>Vinha</b>	0,6

\*Casos válidos: 169

## 2.4. Avaliação do conhecimento acerca do nome das espécies

### 2.4.1. Avaliação dos nomes atribuídos às espécies

Das espécies a que se deram nomes, a que teve maior percentagem de acertos foi a espécie 3 com 84,6% e as com menor percentagem de acertos foram as espécies 15 e 18 com 0% de acertos (cf. Gráfico 12).



**Gráfico 12: Avaliação do conhecimento acerca da flora urbana (%)**

\*Casos válidos: Espécie 1: 287; Espécie 2: 110; Espécie 3: 227; Espécie 4: 324; Espécie 5: 331; Espécie 6: 336; Espécie 7: 256; Espécie 8: 332; Espécie 9: 138; Espécie 10: 166; Espécie 11: 175; Espécie 12: 194; Espécie 13: 158; Espécie 14: 171; Espécie 15: 216; Espécie 16: 170; Espécie 17: 127; Espécie 18: 169.

Legenda: 1 - Espécie 1; 2 - Espécie 2; 3 - Espécie 3; 4 - Espécie 4; 5 - Espécie 5; 6 - Espécie 6; 7 - Espécie 7; 8 - Espécie 8; 9 - Espécie 9; 10 - Espécie 10; 11 - Espécie 11; 12 - Espécie 12; 13 - Espécie 13; 14 - Espécie 14; 15 - Espécie 15; 16 - Espécie 16; 17 - Espécie 17; 18 - Espécie 18

## 2.4.2. Designação dos nomes das espécies

Dos nomes correctos atribuídos às espécies, a espécie que teve mais acertos no nome comum foi a espécie 3 com 84,6% dos inquiridos a acertar e as menos foram a espécie 15 e a espécie 18 com 0% dos acertos (cf. Gráfico 13).

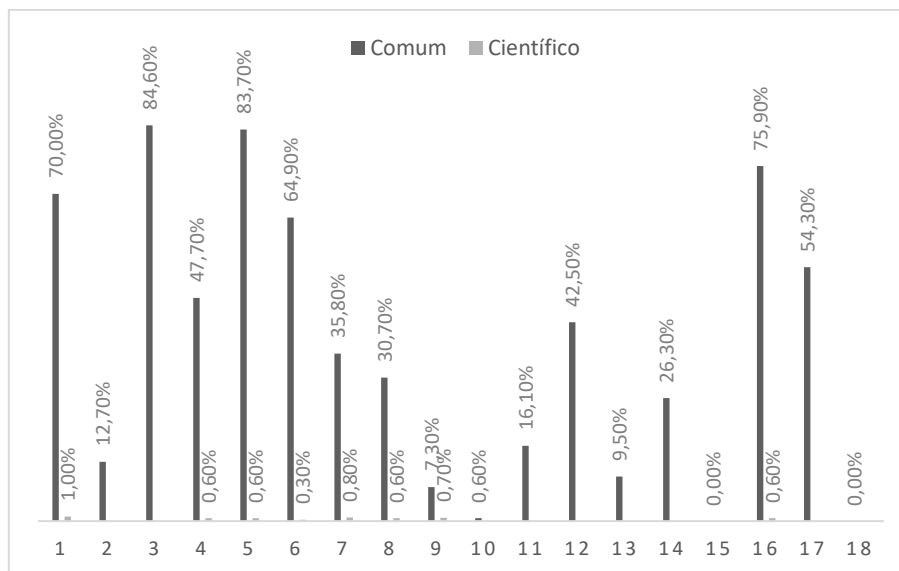


Gráfico 13: Conhecimento sobre a designação do nome comum ou do nome científico (%)

\*Casos válidos: Espécie 1: 204; Espécie 2: 14; Espécie 3: 192; Espécie 4: 156; Espécie 5: 279; Espécie 6: 219; Espécie 7: 93; Espécie 8: 104; Espécie 9: 11; Espécie 10: 1; Espécie 11: 28; Espécie 12: 96; Espécie 13: 15; Espécie 14: 45; Espécie 15: 0; Espécie 16: 170; Espécie 17: 127; Espécie 18: 0.

Legenda: 1 - Espécie 1; 2 - Espécie 2; 3 - Espécie 3; 4 - Espécie 4; 5 - Espécie 5; 6 - Espécie 6; 7 - Espécie 7; 8 - Espécie 8; 9 - Espécie 9; 10 - Espécie 10; 11 - Espécie 11; 12 - Espécie 12; 13 - Espécie 13; 14 - Espécie 14; 15 - Espécie 15; 16 - Espécie 16; 17 - Espécie 17; 18 - Espécie 18

## 2.5. Habitat

Quando questionados sobre que habitat consideravam para a espécie 1, 97,6% dos inquiridos consideraram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,3% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 2, 91,5% dos inquiridos consideraram como habitat ambiente silvestre e apenas 1,8% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 3, 73,1% dos inquiridos consideraram como habitat ambiente silvestre e apenas 3,5% consideraram como habitat ruas ou jardins (cf. Gráfico 14).

Relativamente à espécie 4, 98,8% dos inquiridos consideraram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,6% consideraram como habitat ambiente doméstico (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 5, 98,8% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,3% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 6, 56,8% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,3% consideraram como habitat outra, neste caso, “perto de água (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 7, 64,5% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 1,2% consideraram como habitat ambiente doméstico (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 8, 76,8% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 2,1% consideraram como habitat ambiente doméstico (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 9, 96,4% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,7% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 14).

Em relação à espécie 10, 97,0% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,6% consideraram como habitat ambiente doméstico ou como habitat indiferente (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 11, 97,7% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 1,1% consideraram como habitat ambiente doméstico (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 12, 97,4% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,5% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 13, 98,1% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 1,3% consideraram como habitat ruas ou jardins (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 14, 96,5% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,6% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 15, 98,6% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,5% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 16, 95,3% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 1,8% consideraram como habitat indiferente ou como habitat ruas ou jardins (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 17, 96,1% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 1,6% consideraram como habitat ambiente doméstico (cf. Gráfico 15).

Em relação à espécie 18, 97,6% dos inquiridos consideram como habitat ambiente silvestre e apenas 0,6% consideraram como habitat indiferente (cf. Gráfico 15).

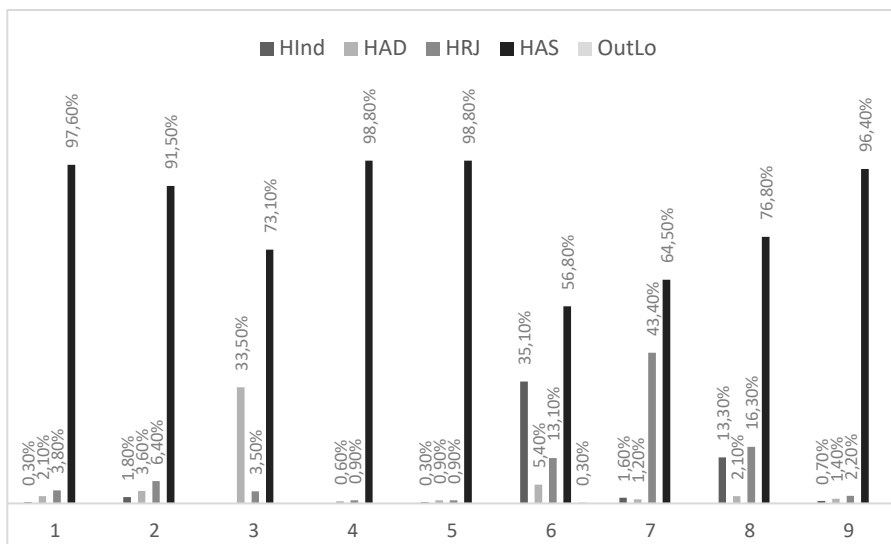


Gráfico 14: Habitat atribuído às espécies (parte 1) (%)

\*Casos válidos: Espécie 1: 287; Espécie 2: 110; Espécie 3: 227; Espécie 4: 324; Espécie 5: 331; Espécie 6: 336; Espécie 7: 256; Espécie 8: 332; Espécie 9: 138.

Legenda: 1 - Espécie 1; 2 - Espécie 2; 3 - Espécie 3; 4 - Espécie 4; 5 - Espécie 5; 6 - Espécie 6; 7 - Espécie 7; 8 - Espécie 8; 9 - Espécie 9

HIInd – Habitat Indiferente; HAD – Habitat Ambiente Doméstico; HRJ – Habitat Ruas/ Jardins; HAS – Habitat Ambiente Silvestre; OutLo – Outro(s) local(ais)

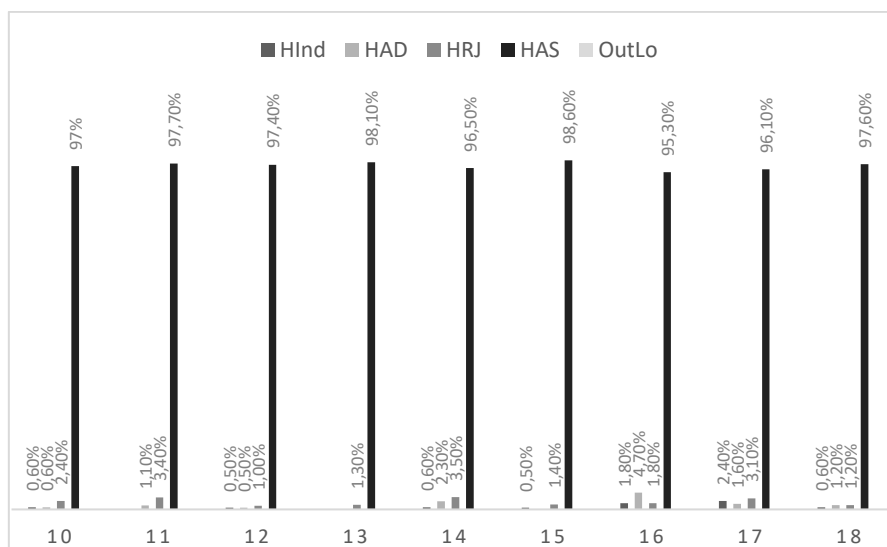


Gráfico 15: Habitat atribuído às espécies (parte 2) (%)<sup>7</sup>

\*Casos válidos: Espécie 10: 166; Espécie 11: 175; Espécie 12: 194; Espécie 13: 158; Espécie 14: 171; Espécie 15: 216; Espécie 16: 170; Espécie 17: 127; Espécie 18: 169.

Legenda: 10 - Espécie 10; 11 - Espécie 11; 12 - Espécie 12; 13 - Espécie 13; 14 - Espécie 14; 15 - Espécie 15; 16 - Espécie 16; 17 - Espécie 17; 18 - Espécie 18

HIInd – Habitat Indiferente; HAD – Habitat Ambiente Doméstico; HRJ – Habitat Ruas/ Jardins; HAS – Habitat Ambiente Silvestre; OutLo – Outro(s) local(ais)

<sup>7</sup> Como um gráfico com as 18 espécies ficava muito extenso para comparar de forma eficaz as variáveis optou-se por dividi-lo em duas partes contendo 9 espécies cada.



## 2.6. Estado de conservação

Quando questionados sobre qual o estado de conservação consideravam para a espécie 1, 67,6% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 13,9% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 2, 78,2% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 6,4% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 3, 78,0% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 9,7% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 4, 71,3% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 14,2% não sabiam o estado de conservação (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 5, 64,4% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 14,2% não sabiam o estado de conservação (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 6, 75,9% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 6,8% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 7, 76,6% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 7,0% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 8, 76,6% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 7,0% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 9, 71,0% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 13,0% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 16).

Em relação à espécie 10, 75,3% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 7,2% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

Em relação à espécie 11, 76,0% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 7,4% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

Em relação à espécie 12, 78% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 6,8% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

Em relação à espécie 13, 73,9% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 9,6% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

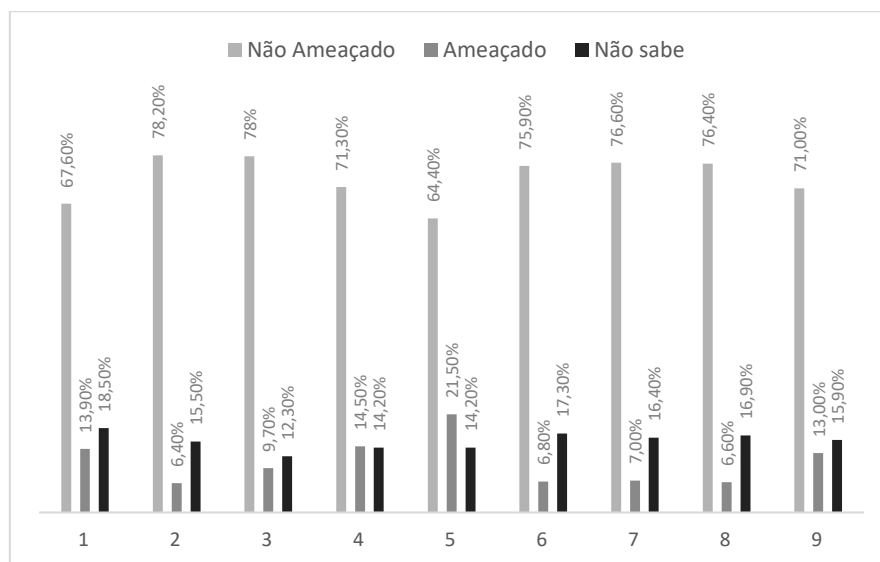
Em relação à espécie 14, 74,7% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 7,1% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

Em relação à espécie 15, 73,0% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 8,4% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

Em relação à espécie 16, 83,5% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 5,3% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

Em relação à espécie 17, 82,7% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 7,1% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).

Em relação à espécie 18, 72,6% dos inquiridos consideraram como estado de conservação não ameaçado e apenas 11,3% consideraram como estado de conservação ameaçado (cf. Gráfico 17).



**Gráfico 16: Estado de conservação atribuído às espécies (parte 1) (%)**

\*Casos válidos: Espécie 1: 287; Espécie 2: 110; Espécie 3: 227; Espécie 4: 324; Espécie 5: 331; Espécie 6: 336; Espécie 7: 256; Espécie 8: 331; Espécie 9: 138;

Legenda: 1 - Espécie 1; 2 - Espécie 2; 3 - Espécie 3; 4 - Espécie 4; 5 - Espécie 5; 6 - Espécie 6; 7 - Espécie 7; 8 - Espécie 8; 9 - Espécie 9

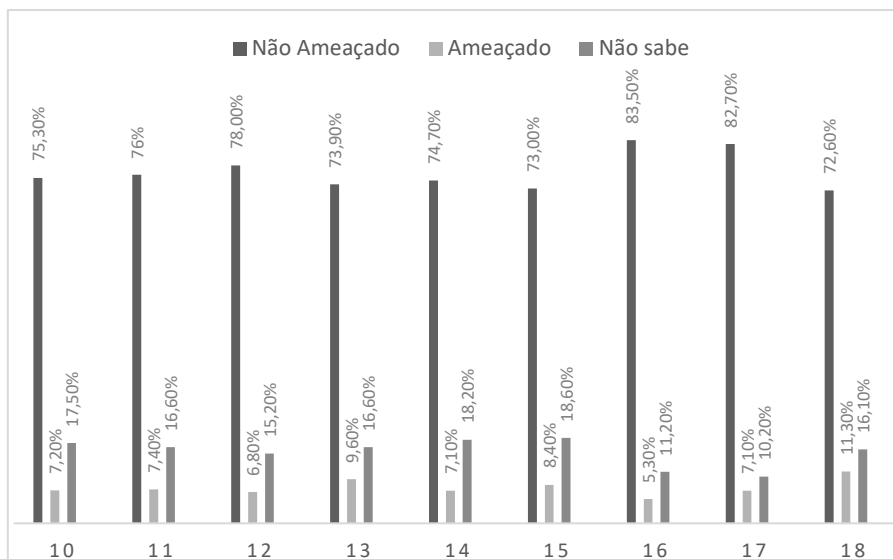


Gráfico 17: Estado de conservação atribuído às espécies (parte 2) (%)<sup>8</sup>

\*Casos válidos: Espécie 10: 166; Espécie 11: 175; Espécie 12: 191; Espécie 13: 157; Espécie 14: 170; Espécie 15: 215; Espécie 16: 170; Espécie 17: 127; Espécie 18: 168.

Legenda: 10 - Espécie 10; 11 - Espécie 11; 12 - Espécie 12; 13 - Espécie 13; 14 - Espécie 14; 15 - Espécie 15; 16 - Espécie 16; 17 - Espécie 17; 18 - Espécie 18

## 2.7. Fontes de conhecimento

Quando questionados sobre quais as principais fontes de conhecimento acerca da espécie 1, 56,0% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 4,0% referiram como principal fonte de conhecimento a televisão (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 2, 61,5% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a escola e apenas 38,5% referiram como principal fonte de conhecimento a família (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 3, 50,0% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 5,6% referiram como principais fontes de conhecimento revistas de especialidade ou a internet (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 4, 44,2% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 2,3% referiram como principais fontes de conhecimento revistas de especialidade ou a televisão (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 5, 53,8% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 2,6% referiram como principal fonte de conhecimento revistas de especialidade (cf. Gráfico 18).

<sup>8</sup> Como um gráfico com as 18 espécies ficava muito extenso para comparar de forma eficaz as variáveis optou-se por dividi-lo em duas partes contendo 9 espécies cada.

Em relação à espécie 6, 50,0% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a escola e apenas 3,3% referiram como principal fonte de conhecimento outra fonte, dentro da qual 100% referiram como principal fonte de conhecimento “escuteiros” (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 7, 57,9% referiram como principal fonte de conhecimento a escola e 42,1% referiram como principal fonte de conhecimento a família (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 8, 50,0% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 2,9% referiram como principais fontes de conhecimento a televisão ou outra fonte, dentro da qual 100% referiram como principal fonte de conhecimento o “ATL” (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 9, 62,5% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a escola e 37,5% referiram como principal fonte de conhecimento a família (cf. Gráfico 18).

Em relação à espécie 10, 43,8% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a escola e apenas 6,3% referiram como principais fontes de conhecimento os amigos, a televisão ou outra fonte, dentro da qual 100% referiram como principal fonte de conhecimento os “escuteiros” (cf. Gráfico 19).

Em relação à espécie 11, 46,7% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 6,7% referiram como principais fontes de conhecimento a televisão ou outra fonte, dentro da qual 100% referiram como principal fonte de conhecimento os “escuteiros” (cf. Gráfico 19).

Em relação à espécie 12, 40,0% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 13,3% referiram como principais fontes de conhecimento outra fonte, dentro da qual 100% referiram como principal fonte de conhecimento os “escuteiros” (cf. Gráfico 19).

Em relação à espécie 13, 57,1% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e 42,9% referiram como principal fonte de conhecimento a escola (cf. Gráfico 19).

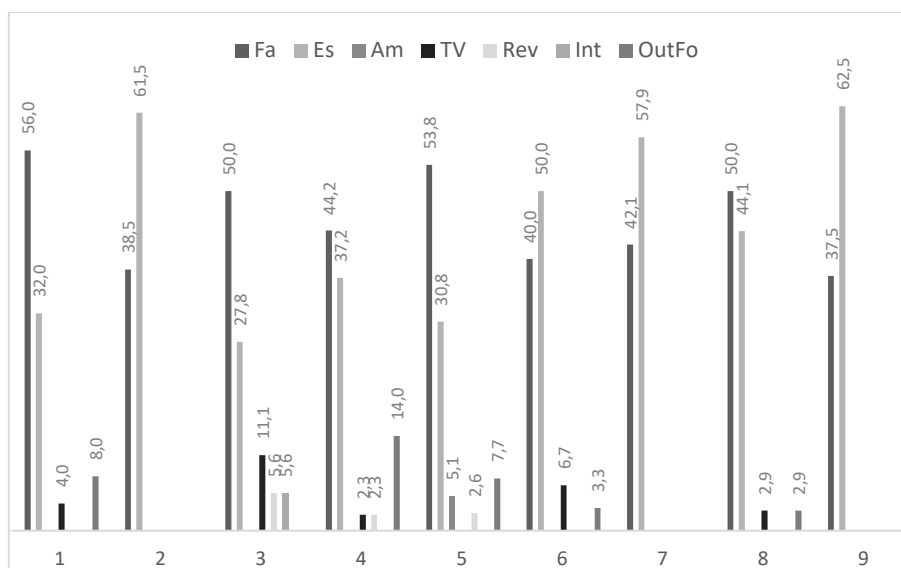
Em relação à espécie 14, 57,9% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família e apenas 5,3% referiram como principais fontes de conhecimento a televisão ou outra fonte, dentro da qual 100% referiram como principal fonte de conhecimento os “escuteiros” (cf. Gráfico 19).

Em relação à espécie 15, 50,0% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família ou a escola (cf. Gráfico 19).

Em relação à espécie 16, 57,1% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a escola e 42,9% referiram como principal fonte de conhecimento a família (cf. Gráfico 19).

Em relação à espécie 17, 80,0% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a escola e apenas 20,0% referiram como principal fonte de conhecimento a família (cf. Gráfico 19).

Em relação à espécie 18, 46,2% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento a família ou a escola e apenas 7,7% referiram como principal fonte de conhecimento outra fonte, dentro da qual 100% dos inquiridos referiram como principal fonte de conhecimento os “escuteiros” (cf. Gráfico 19).



**Gráfico 18: Principais fontes de conhecimento sobre as espécies (parte 1) (%)**

\*Casos válidos: Espécie 1: 25; Espécie 2: 13; Espécie 3: 18; Espécie 4: 43; Espécie 5: 39; Espécie 6: 30; Espécie 7: 19; Espécie 8: 34; Espécie 9: 8.

Legenda: 1 - Espécie 1; 2 - Espécie 2; 3 - Espécie 3; 4 - Espécie 4; 5 - Espécie 5; 6 - Espécie 6; 7 - Espécie 7; 8 - Espécie 8; 9 - Espécie 9

Fa – Família; Es – Escola; Am – Amigos; TV – Televisão; Rev – Revistas especialidade; Int – Internet; OutFo – Outra(s)

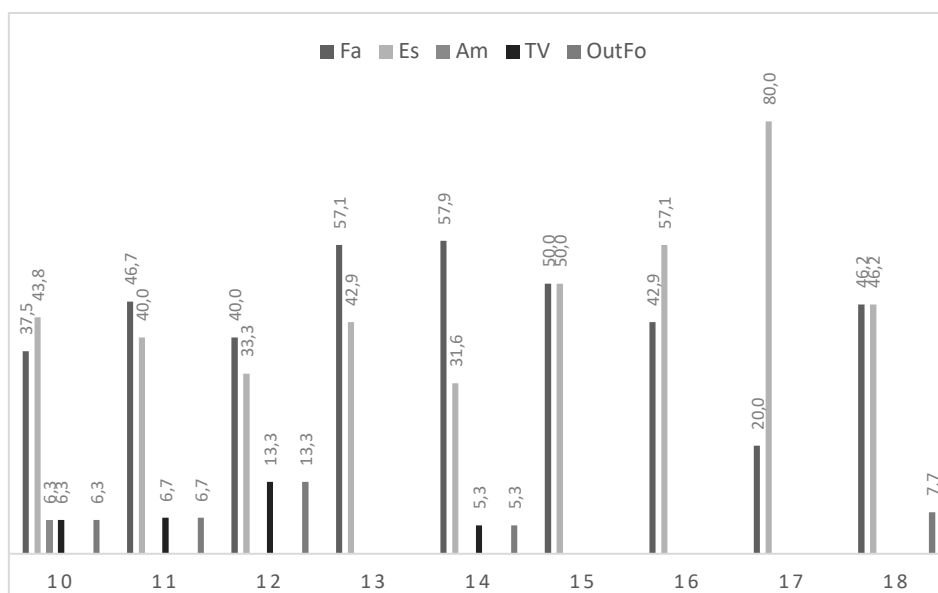


Gráfico 19: Principais fontes de conhecimento para as espécies (parte 2) (%)<sup>9</sup>

\*Casos válidos: Espécie 10: 16; Espécie 11: 15; Espécie 12: 15; Espécie 13: 7; Espécie 14: 19; Espécie 15: 10; Espécie 16: 7; Espécie 17: 10; Espécie 18: 13.

Legenda: 10 - Espécie 10; 11 - Espécie 11; 12 - Espécie 12; 13 - Espécie 13; 14 - Espécie 14; 15 - Espécie 15; 16 - Espécie 16; 17 - Espécie 17; 18 - Espécie 18

Fa – Família; Es – Escola; Am – Amigos; TV – Televisão; OutFo – Outra(s)

## 2.8. Principais usos e/ou benefícios associados às espécies

Quando questionados sobre quais os principais usos e/ou benefícios associados à espécie 1 (cf. tabela 22), 75,9% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “bebidas alcoólicas” e apenas 0,4% associaram como uso e/ou benefício “agropecuária”.

Em relação à espécie 2, 50,0% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “bebidas não-alcoólicas” e apenas 1,9% associaram como uso e/ou benefício “aromático”.

Em relação à espécie 3, 74,5% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “condimentar” e apenas 0,5% associaram como uso e/ou benefício “industrial”.

Em relação à espécie 4, 60,2% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “comestível” e apenas 0,4% associaram como uso e/ou benefício “medicinal”.

Em relação à espécie 5, 92,4% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “industrial” e apenas 0,3% associaram como uso e/ou benefício “bebidas alcoólicas”.

Em relação à espécie 6, 83,6% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “decoração” e apenas 0,8% associaram como usos e/ou benefícios “bebidas não-alcoólicas” ou “bebidas alcoólicas”.

<sup>9</sup> Como um gráfico com as 18 espécies ficava muito extenso para comparar de forma eficaz as variáveis optou-se por dividi-lo em duas partes contendo 9 espécies cada.

Em relação à espécie 7, 102,9% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “decoreação” e apenas 1,0% associaram como usos e/ou benefícios “bebidas não-alcoólicas” ou “comestível”.

Em relação à espécie 8, 75,6% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “aromática” e apenas 0,8% associaram como uso e/ou benefício “bebidas alcoólicas”.

Em relação à espécie 9, 56,4% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício comestível e apenas 2,6% associaram como usos e/ou benefícios agropecuária ou industrial.

Em relação à espécie 10, 26,5% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “bebidas não-alcoólicas” e apenas 2,9% associaram como uso e/ou benefício “agropecuária”.

Em relação à espécie 11, 42,3% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “comestível” e apenas 1,9% associaram como uso e/ou benefício “aromática”.

Em relação à espécie 12, 57,4% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “bebidas não-alcoólicas” e apenas 1,1% associaram como usos e/ou benefícios “agropecuária” ou “industrial”.

Em relação à espécie 13, 53,1% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “bebidas não-alcoólicas” e apenas 3,1% associaram como usos e/ou benefícios “comestível”, “aromática”, “condimentar” ou “industrial”.

Em relação à espécie 14, 51,2% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “medicinal” e apenas 2,4% associaram como uso e/ou benefício “aromática”.

Em relação à espécie 15, 49,5% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “industrial” e apenas 1,0% associaram como uso e/ou benefício “condimentar”.

Em relação à espécie 16, 96,1% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “comestível” e apenas 0,8% associaram como usos e/ou benefícios “condimentar”, “decoreação” ou “industrial”.

Em relação à espécie 17, 65,2% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “agropecuária” e apenas 4,3% associaram como uso e/ou benefício “aromática”.

Em relação à espécie 18, 61,0% dos inquiridos associaram como uso e/ou benefício “comestível” e apenas 5,1% associaram como usos e/ou benefícios “medicinal”.

Tabela 22: Principais usos e/ou benefícios associados às espécies (%)

Espécies	Usos e/ou benefícios associados às espécies (%)									Casos válidos
	Co	Ar	Cd	Md	BeNA	BeA	Dc	AP	Ind	
1	47,8	0,0	0,0	1,2	0,8	75,9	1,6	0,4	0,0	253
2	16,7	1,9	5,6	7,4	50,0	0,0	7,4	0,0	9,3	54
3	20,8	3,6	74,5	2,1	1,0	0,0	1,6	0,0	0,5	192
4	60,2	0,0	0,0	0,4	0,8	6,4	0,8	52,6	11,7	266
5	40,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	5,6	92,4	302
6	0,0	0,0	0,0	6,6	0,8	0,8	83,6	0,0	1,6	122
7	1,0	1,9	0,0	1,9	1,0	0,0	102,9	0,0	1,9	103
8	0,0	75,6	21,0	9,9	9,9	0,8	11,1	0,0	5,3	262
9	56,4	0,0	0,0	5,1	12,8	15,4	15,4	2,6	2,6	39
10	20,6	11,8	5,9	8,8	26,5	23,5	20,6	2,9	8,8	34
11	42,3	1,9	0,0	7,7	3,8	0,0	17,3	11,5	15,4	52
12	18,1	7,4	5,3	7,4	57,4	26,6	6,4	1,1	1,1	94
13	3,1	3,1	3,1	6,3	53,1	0,0	25,0	12,5	3,1	32
14	4,9	2,4	0,0	51,2	22,0	0,0	19,5	0,0	4,9	41
15	24,2	2,0	1,0	5,1	12,1	0,0	12,1	4,0	49,5	99
16	96,1	0,0	0,8	3,1	1,6	0,0	0,8	3,9	0,8	128
17	8,7	4,3	0,0	0,0	13,0	0,0	17,4	65,2	0,0	23
18	61,0	0,0	0,0	5,1	10,2	0,0	8,5	16,9	8,5	59

Legenda: Co – Comestível; Ar – Aromática; Cd – Condimentar; Md – Medicinal; BeNA – Bebidas não-alcoólicas; BeA – Bebidas alcoólicas; Dc – Decoração; AP – Agropecuária; Ind – Industrial

1 - Espécie 1; 2 - Espécie 2; 3 - Espécie 3; 4 - Espécie 4; 5 - Espécie 5; 6 - Espécie 6; 7 - Espécie 7; 8 - Espécie 8; 9 - Espécie 9; 10 - Espécie 10; 11 - Espécie 11; 12 - Espécie 12; 13 - Espécie 13; 14 - Espécie 14; 15 - Espécie 15; 16 - Espécie 16; 17 - Espécie 17; 18 - Espécie 18

## 2.9. Principais riscos e/ou malefícios associados às espécies

Quando questionados sobre quais os principais riscos e/ou malefícios associados à espécie 1 (cf. Tabela 23), 57,1% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “tóxico” e apenas 42,9% associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Em relação à espécie 2, 50,0% dos inquiridos associaram como riscos e/ou malefícios “alergénica” ou “invasora”.

Em relação à espécie 3, 50,0% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “tóxico” e apenas 16,7% associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Em relação à espécie 4, 100,0% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.



Em relação à espécie 5, 66,7% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica” e apenas 33,3% associaram como risco e/ou malefício “extinção”.

Em relação à espécie 6, 40,0% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica” ou “invasora” e apenas 10,0% associaram como riscos e/ou malefícios “tóxica” ou “venenosa”.

Em relação à espécie 7, 77,8% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “venenosa” e apenas 2,8% associaram como risco e/ou malefício “invasora”.

Em relação à espécie 8, 100% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Em relação à espécie 9, 85,7% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “venenosa” e apenas 14,3% associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Em relação à espécie 10, 80,0% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica” e apenas 20% associaram como risco e/ou malefício “tóxica”.

Em relação à espécie 11, 100% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Em relação à espécie 12, 100% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Em relação à espécie 13, 66,7% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica” e apenas 33,3% associaram como risco e/ou malefício “tóxica”.

Em relação à espécie 14, 100,0% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Em relação à espécie 15, 75,0% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica” e apenas 25,0% associaram como risco e/ou malefício “tóxica”.

Em relação à espécie 16, 50,0% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “invasora” e apenas 25,0% associaram como risco e/ou malefício “alergénica” ou “tóxica”.

Em relação à espécie 17, 66,7% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica” e apenas 33,3% associaram como risco e/ou malefício “invasora”.

Em relação à espécie 18, 100% dos inquiridos associaram como risco e/ou malefício “alergénica”.

Tabela 23: Principais riscos e/ou malefícios associados às espécies (%)

Espécies	Riscos e/ou malefícios associados às espécies (%)					Casos válidos
	Al	Inv	Tox	Ven	Ext	
<b>1</b>	42,9	0,0	57,1	0,0	0,0	7
<b>2</b>	50,0	50,0	0,0	0,0	0,0	2
<b>3</b>	16,7	0,0	50,0	33,3	0,0	6
<b>4</b>	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4
<b>5</b>	66,7	0,0	0,0	0,0	33,3	3
<b>6</b>	40,0	40,0	10,0	10,0	0,0	10
<b>7</b>	11,1	2,8	8,3	77,8	0,0	36
<b>8</b>	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6
<b>9</b>	14,3	0,0	0,0	85,7	0,0	7
<b>10</b>	80,0	0,6	20,0	0,0	0,0	5
<b>11</b>	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3
<b>12</b>	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3
<b>13</b>	66,7	0,0	33,3	0,0	0,0	6
<b>14</b>	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
<b>15</b>	75,0	0,0	25,0	0,0	0,0	4
<b>16</b>	25,0	50,0	25,0	0,0	0,0	4
<b>17</b>	66,7	33,3	0,0	0,0	0,0	3
<b>18</b>	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3

Legenda: Al – Alergénica; Inv – Invasora; Tox – Tóxica; Ven – Venenosa; Ext – Extinção

1 - Espécie 1; 2 - Espécie 2; 3 - Espécie 3; 4 - Espécie 4; 5 - Espécie 5; 6 - Espécie 6; 7 - Espécie 7; 8 - Espécie 8; 9 - Espécie 9; 10 - Espécie 10; 11 - Espécie 11; 12 - Espécie 12; 13 - Espécie 13; 14 - Espécie 14; 15 - Espécie 15; 16 - Espécie 16; 17 - Espécie 17; 18 - Espécie 18

### III - Caracterização sociodemográfica e contextos sociais de origem em função do conhecimento sobre flora

#### 3.1. Número de espécies conhecidas

##### 3.1.1. Faixa etária

Quando se relacionou o número de espécies conhecidas com a faixa etária (cf. Tabela 24), verificou-se que dos inquiridos que afirmaram conhecer apenas 1 espécie, 100% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 2 espécies, verificou-se que 50% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos e 50% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 3 espécies, verificou-se que 41,7% pertenciam às faixas etárias dos 35 aos 55 anos e 60 ou mais anos e 16,7% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 4 espécies, verificou-se que 40,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 26,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 5 espécies, verificou-se que 45,5% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 22,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 6 espécies, verificou-se que 61,1% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 19,4% pertenciam às faixas etárias dos 12 aos 18 anos e 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 7 espécies, verificou-se que 55,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 15,0% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 8 espécies, verificou-se que 45,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 17,1% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 9 espécies, verificou-se que 54,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 8,6% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 10 espécies, verificou-se que 55,8% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 9,3% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 11 espécies, verificou-se que 50,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 7,1% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 12 espécies, verificou-se que 52,6% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 5,3% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 13 espécies, verificou-se que 55,6% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 44,4% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 14 espécies, verificou-se que 61,9% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 38,1% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 15 espécies, verificou-se que 69,6% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 8,7% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 16 espécies, verificou-se que 83,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 16,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 17 espécies, verificou-se que 58,8% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 41,2% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 18 espécies, verificou-se que 64,3% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 28,6% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

*Tabela 24: Número de espécies conhecidas em função da faixa etária (%)*

Número de espécies conhecidas	Faixa etária (%)			Casos válidos
	12 aos 18	35 aos 55	60+	
1	0,0	100,0	0,0	3
2	50,0	50,0	0,0	6
3	16,7	41,7	41,7	12
4	33,3	40,0	26,7	15
5	31,8	45,5	22,7	22
6	19,4	61,1	19,4	36
7	15,0	55,0	30,0	20
8	17,1	37,1	45,7	35
9	8,6	54,3	37,1	35
10	9,3	55,8	34,9	43
11	7,1	50,0	42,9	42
12	5,3	52,6	42,1	19
13	0,0	44,4	55,6	18
14	0,0	38,1	61,9	21
15	8,7	21,7	69,6	23
16	0,0	83,3	16,7	12
17	0,0	58,8	41,2	17
18	7,1	28,6	64,3	14

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.1.2. Naturalidade

Quando se relacionou o número de espécies conhecidas com a naturalidade (cf. Tabela 25), verificou-se que dos inquiridos que afirmaram conhecer apenas 1 espécie, 66,7% era natural de outra localidade em Portugal e 33,3% era natural de Évora.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 2 espécies, verificou-se que 66,7% era natural de Évora e 33,3% era natural de outra localidade em Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 3 espécies, verificou-se que 58,3% era natural de outra localidade em Portugal e 16,7% era natural de outra localidade no Alentejo (cf. Tabela 24).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 4 espécies, verificou-se que 53,3% era natural de Évora e 13,3% era natural de outra localidade no Alentejo.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 5 espécies, verificou-se que 40,9% era natural de outra localidade em Portugal e 27,3% era natural de outra localidade no Alentejo (cf. Tabela 24).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 6 espécies, verificou-se que 52,8% era natural de Évora e 19,4% era natural de outra localidade no Alentejo.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 7 espécies, verificou-se que 40,0% era natural de outra localidade no Alentejo e 25,0% era natural de outra localidade em Portugal (cf. Tabela 24).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 8 espécies, verificou-se que 62,9% era natural de Évora e 2,9% não era natural de Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 9 espécies, verificou-se que 65,7% era natural de Évora e 14,3% era natural de outra localidade no Alentejo.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 10 espécies, verificou-se que 86,0% era natural de Évora e 7,0% eram naturais de outra localidade no Alentejo ou de outra localidade em Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 11 espécies, verificou-se que 81,0% era natural de Évora e 9,5% eram naturais de outra localidade no Alentejo ou de outra localidade em Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 12 espécies, verificou-se que 94,7% era natural de Évora e 5,3% era natural de outra localidade em Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 13 espécies, verificou-se que 94,4% era natural de Évora e 5,6% era natural de outra localidade em Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 14 espécies, verificou-se que 81,0% era natural de Évora e 4,8% era natural de outra localidade em Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 15 espécies, verificou-se que 100% era natural de Évora.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 16 espécies, verificou-se que 91,7% era natural de Évora e 8,3% era natural de outra localidade em Portugal.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 17 espécies, verificou-se que 94,1% era natural de Évora e 5,9% era natural de outra localidade no Alentejo.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 18 espécies, verificou-se que 85,7% era natural de Évora e 7,1% eram naturais de Outra localidade no Alentejo ou não eram naturais de Portugal.

*Tabela 25: Número de espécies conhecidas em função da naturalidade (%)*

Número de espécies conhecidas	Naturalidade (%)				Casos válidos
	Évora	Outra localidade/Alentejo	Outra localidade/Portugal	Não portuguesa	
1	33,3	0,0	66,7	0,0	3
2	66,7	0,0	33,3	0,0	6
3	25,0	16,7	58,3	0,0	12
4	53,3	13,3	33,3	0,0	15
5	31,8	27,3	40,9	0,0	22
6	52,8	19,4	27,8	0,0	36
7	35,0	40,0	25,0	0,0	20
8	62,9	20,0	14,3	2,9	35
9	65,7	14,3	20,0	0,0	35
10	86,0	7,0	7,0	0,0	43
11	81,0	9,5	9,5	0,0	42
12	94,7	0,0	5,3	0,0	19
13	94,4	0,0	5,6	0,0	18
14	81,0	14,3	4,8	0,0	21
15	100,0	0,0	0,0	0,0	23
16	91,7	0,0	8,3	0,0	12
17	94,1	5,9	0,0	0,0	17
18	85,7	7,1	0,0	7,1	14

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0,05

### 3.1.3. Área de residência principal durante a infância/adolescência

Quando se relacionou o número de espécies conhecidas com a área de residência principal durante a infância/adolescência (cf. Tabela 26), verificou-se que dos inquiridos que afirmaram conhecer apenas 1 espécie, 100% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 2 espécies, verificou-se que 100% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 3 espécies, verificou-se que 75,0% habitou uma zona urbana e 25,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 4 espécies, verificou-se que 66,7% habitou uma zona urbana e 6,7% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 5 espécies, verificou-se que 63,6% habitou uma zona urbana e 4,5% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 6 espécies, verificou-se que 69,4% habitou uma zona urbana e 2,8% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 7 espécies, verificou-se que 55,0% habitou uma zona urbana e 5,0% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 8 espécies, verificou-se que 60,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 5,7% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 9 espécies, verificou-se que 71,4% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 5,7% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 10 espécies, verificou-se que 67,4% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 7,0% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 11 espécies, verificou-se que 69,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 11,9% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 12 espécies, verificou-se que 57,9% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 10,5% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 13 espécies, verificou-se que 50,0% habitou numa zona rural e 11,1% habitou numa zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 14 espécies, verificou-se que 47,6% habitaram numa zona rural e semi-rural ou de transição e 4,8% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 15 espécies, verificou-se que 69,6% habitou uma zona rural e 8,7% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 16 espécies, verificou-se que 58,3% habitou uma zona rural e 8,3% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 17 espécies, verificou-se que 82,4% habitou uma zona rural e 17,6% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 18 espécies, verificou-se que 64,3% habitou uma zona rural e 14,3% habitou uma zona urbana.

Tabela 26: Número de espécies conhecidas em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%)

Número de espécies conhecidas	Área de residência principal durante a infância/adolescência (%)			Casos válidos
	Rural	Semi-rural ou de transição	Urbana	
1	0,0	0,0	100,0	3
2	0,0	0,0	100,0	6
3	0,0	25,0	75,0	12
4	6,7	26,7	66,7	15
5	4,5	31,8	63,6	22
6	2,8	27,8	69,4	36
7	5,0	40,0	55,0	20
8	5,7	60,0	34,3	35
9	5,7	71,4	22,9	35
10	7,0	67,4	25,6	43
11	19,0	69,0	11,9	42
12	31,6	57,9	10,5	19
13	50,0	38,9	11,1	18
14	47,6	47,6	4,8	21
15	69,6	21,7	8,7	23
16	58,3	33,3	8,3	12
17	82,4	17,6	0,0	17
18	64,3	21,4	14,3	14

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.1.4. Habilitações literárias

Quando se relacionou o número de espécies conhecidas com as habilitações literárias (cf. Tabela 27), verificou-se que dos inquiridos que afirmaram conhecer apenas 1 espécie, 66,7% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 33,3% possuía o ensino básico 3º. ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico)

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 2 espécies, verificou-se que 50,0% possuía o ensino básico 1º. ciclo – 4º ano e 16,7% possuíam o ensino básico 3. ciclo – 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico), o ensino secundário – 12º ano ou equivalente ou o ensino superior – licenciatura.



Dos inquiridos que afirmaram conhecer 3 espécies, verificou-se que 33,3% possuía o ensino básico 3. ciclo – 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico) e 8,3% possuía o ensino básico 2º. ano – 6º ano (antigo 2º ano liceal/ ciclo preparatório).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 4 espécies, verificou-se 40,0% possuía o ensino secundário - 12º. ano ou equivalente e 13,3% possuía o ensino básico 1º. ciclo - 4º ano, o ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico) ou o ensino superior – licenciatura.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 5 espécies, verificou-se 36,4% possuía o ensino básico 3º. ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) e 4,5% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4º classe) ou possuía o ensino superior – bacharelato.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 6 espécies, verificou-se que 36,1% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,8% possuíam o ensino superior – bacharelato ou o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 7 espécies, verificou-se que 45,0% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 5,0% possuía o ensino básico 1º ciclo – 4º ano.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 8 espécies, verificou-se que 34,3% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,9% não sabia ler nem escrever ou possuía o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 9 espécies, verificou-se que 34,3% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,9% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4º classe) ou possuía o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 10 espécies, verificou-se que 39,5% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,3% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4º classe).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 11 espécies, verificou-se que 38,1% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,4% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4º classe).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 12 espécies, verificou-se que 26,3% possuía o ensino superior - licenciatura e 5,3% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4º classe) ou o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório).

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 13 espécies, verificou-se que 33,3% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 5,6% possuía o ensino básico 1º ciclo – 4º ano, o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório) ou o ensino superior – bacharelato.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 14 espécies, verificou-se que 33,3% possuía o ensino superior – licenciatura e 4,8% possuía o ensino básico 1º ciclo – 4º ano.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 15 espécies, verificou-se que 21,7% possuíam o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório) ou o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 4,3% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe) ou possuía o ensino superior – bacharelato.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 16 espécies, verificou-se que 58,3% possuía o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 8,3% possuía o ensino superior – licenciatura.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 17 espécies, verificou-se que 35,3% ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) e 5,9% possuía o ensino superior – bacharelato.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 18 espécies, verificou-se que 35,7% possuía o ensino superior – licenciatura e 7,1% possuía o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório).

Tabela 27: Número de espécies conhecidas em função das habilitações literárias (%)

Número de espécies conhecidas	Habilitações literárias (%)									Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VIII	IX	X	
1	0,0	0,0	0,0	0,0	33,3	66,7	0,0	0,0	0,0	3
2	0,0	0,0	50,0	0,0	16,7	16,7	0,0	16,7	0,0	6
3	0,0	0,0	25,0	8,3	33,3	16,7	0,0	16,7	0,0	12
4	0,0	0,0	13,3	20,0	13,3	40,0	0,0	13,3	0,0	15
5	0,0	4,5	0,0	13,6	36,4	31,8	4,5	9,1	0,0	22
6	0,0	8,3	5,6	11,1	22,2	36,1	2,8	11,1	2,8	36
7	0,0	0,0	5,0	10,0	20,0	45,0	0,0	20,0	0,0	20
8	2,9	5,7	14,3	20,0	8,6	34,3	0,0	11,4	2,9	35
9	0,0	2,9	5,7	2,9	17,1	34,3	8,6	20,0	8,6	35
10	4,7	2,3	4,7	9,3	14,0	39,5	0,0	20,9	4,7	43
11	0,0	2,4	11,9	23,8	9,5	38,1	0,0	7,1	7,1	42
12	5,3	5,3	10,5	5,3	15,8	21,1	0,0	26,3	10,5	19
13	16,7	0,0	5,6	5,6	16,7	33,3	5,6	16,7	0,0	18
14	0,0	19,0	4,8	9,5	9,5	23,8	0,0	33,3	0,0	21
15	8,7	4,3	13,0	21,7	13,0	21,7	4,3	8,7	4,3	23
16	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	58,3	0,0	8,3	16,7	12
17	0,0	0,0	11,8	0,0	35,3	29,4	5,9	17,6	0,0	17
18	0,0	14,3	0,0	7,1	14,3	28,6	0,0	35,7	0,0	14

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior - mestrado.

### 3.1.5. Área de estudos principal (actual ou formação de base)

#### 3.1.5.1. Outra área de estudos principal (actual ou formação de base)

Quando se relacionou o número de espécies conhecidas com outra área de estudos (cf. Tabelas 28, 29), verificou-se que dos inquiridos que afirmaram conhecer apenas 1 espécie, verificou-se que 100% tinha como área de “estudos mecânica”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 2 espécies, verificou-se que 100% tinha como área de estudos “hotelaria”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 3 espécies, verificou-se que 33,3% tinha como área de estudos “agronomia”, “comércio” ou “saúde”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 4 espécies, verificou-se que 50% tinha como área de estudos “ensino” ou “manutenção de aeronaves”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 5 espécies, verificou-se que 33,3% tinha como área de estudos “desporto”, “engenharia civil” ou “saúde”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 6 espécies, verificou-se que 16,7% tinha como área de estudos “agronomia”, “electrotecnicia”, “fiscalização”, “mecânica”, “saúde” ou “turismo”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 7 espécies, verificou-se que 50% tinha como área de estudos “desporto” ou “hotelaria”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 8 espécies, verificou-se que 28,6% tinha como área de estudos “saúde” e 14,3% tinha “desporto”, “electrotecnicia”, “geografia”, “hotelaria” ou “turismo”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 9 espécies, verificou-se que 28,6% tinha como área de estudos “electrotecnicia” ou “mecânica” e 14,3% tinha “administração”, “agronomia” ou “marketing”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 10 espécies, verificou-se que 55,6% tinha como área de estudos “ensino” e 11,1% tinha “desporto”, “relações internacionais”, “saúde” ou “secretariado e relações públicas”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 11 espécies, verificou-se que 50,0% tinha como área de estudos “ensino” ou “saúde”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 12 espécies, verificou-se que 50,0% tinha como área de estudos “saúde” e 25,0% tinha “gestão de sistemas informáticos” ou “turismo”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 13 espécies, verificou-se que 100% tinha como área de estudos “urbanismo”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 14 espécies, verificou-se que 33,3% tinha como área de estudos “desporto” e 16,7% tinha “agronomia”, “arquitectura paisagista”, “ensino” ou “saúde”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 15 espécies, verificou-se que 33,3% tinha como área de estudos “arquitectura de interiores”, “arquitectura paisagista” ou “técnico de restauro”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 16 espécies, verificou-se que 100% tinha como área de estudos “zootecnia”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 17 espécies, verificou-se que 25,0% tinha como área de estudos “agronomia”, “património cultural”, “saúde” ou “turismo”.

Dos inquiridos que afirmaram conhecer 18 espécies, verificou-se que 50,0% tinha como área de estudos “agronomia” ou “saúde”.

*Tabela 28: Número de espécies conhecidas em função da outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%)*

Número de espécies conhecidas	Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)												Casos válidos
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	
1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
3	0,0	33,3	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3
4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	2
5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	3
6	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	6
7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	14,3	14,3	0,0	0,0	0,0	14,3	0,0	7
9	14,3	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	28,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7
10	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	11,1	0,0	0,0	55,6	0,0	0,0	0,0	9
11	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	4
12	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	25,0	4
13	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
14	0,0	16,7	0,0	16,7	0,0	33,3	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	6
15	0,0	0,0	33,3	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3
16	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
17	0,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4
18	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: A - Administração; B – Agronomia; C – Arquitectura de Interiores; D – Arquitectura Paisagista; E – Comércio; F – Desporto; G – Electrotecnia; H – Engenharia Civil; I – Ensino; J – Fiscalização; K – Geografia; L – Gestão de Sistemas Informáticos.

Tabela 29: Número de espécies conhecidas em função da outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%)<sup>10</sup>

Número de espécies conhecidas	Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)												Casos válidos
	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z	
1	0,0	0,0	0,0	100	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
2	100	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3
4	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3
6	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	6
7	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
8	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	28,6	0,0	0,0	14,3	0,0	0,0	7
9	0,0	0,0	14,3	28,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7
10	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	11,1	11,1	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0	9
11	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4
12	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	25,0	0,0	0,0	4
13	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100	0,0	1
14	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6
15	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	3
16	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100	1
17	0,0	0,0	0,0	0,0	25,0	0,0	25,0	0,0	0,0	25,0	0,0	0,0	4
18	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: M – Hotelaria; N – Manutenção de Aeronaves; O – Marketing; P – Mecânica; Q – Património Cultural; R – Relações Internacionais; S – Saúde; T – Secretariado e Relações Públicas; U – Técnico de Restauro; V – Turismo; X – Urbanismo e Z – Zootecnia.

## 3.2. Nomes atribuídos às espécies

### 3.2.1. Faixa etária

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com a faixa etária (cf. Tabela 30), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 1, 52,5% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 3,4% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 3, verificou-se que 50,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 1,0% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

<sup>10</sup> Como uma tabela com todas as variáveis ficava muito extensa optou-se por dividi-la em duas partes.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 4, verificou-se que 50,6% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 4,5% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 5, verificou-se que 50,9% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 5,0% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 6, verificou-se que 55,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 3,7% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 7, verificou-se que 58,9% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 41,1% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 8, verificou-se que 52,9% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 7,7% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 11, verificou-se que 85,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 14,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 12, verificou-se que 53,1% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 46,9% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 13, verificou-se que 66,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 33,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 14, verificou-se que 66,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 33,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 16, verificou-se que 52,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 47,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 17, verificou-se que 53,6% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 2,9% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Tabela 30: Avaliação das espécies conhecidas em função da faixa etária (%)

Avaliação	Faixa etária (%)			Casos válidos
	12 aos 18	35 aos 55	60+	
1	3,4	52,5	44,1	204
3	1,0	50,0	49,0	192
4	4,5	50,6	44,9	156
5	5,0	50,9	44,1	279
6	3,7	55,3	41,1	219
7	0,0	41,1	58,9	95
8	7,7	52,9	39,4	104
11	0,0	14,3	85,7	28
12	0,0	46,9	53,1	96
13	0,0	33,3	66,7	15
14	0,0	33,3	66,7	45
16	0,0	52,3	47,7	130
17	2,9	53,6	43,5	69

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.2.2. Sexo

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com o sexo, verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 7, 68,4% era do sexo feminino e 31,6% era do sexo masculino (cf. Tabela 31).

Tabela 31: Avaliação das espécies conhecidas em função do sexo (%)

Avaliação	Sexo (%)		Casos válidos
	Feminino	Masculino	
7	68,4	31,6	95

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.2.3. Naturalidade

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com a naturalidade (cf. Tabela 32), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 5, 78,5% era natural de Évora e 0,4% não era natural de Portugal.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 6, verificou-se que 83,1% era natural de Évora e 0,5% não era natural de Portugal.



Tabela 32: Avaliação das espécies conhecidas em função da naturalidade (%)

Avaliação	Naturalidade (%)				Casos válidos
	Évora	Outra localidade/Alentejo	Outra localidade/Portugal	Não portuguesa	
5	78,5	10,4	10,8	0,4	279
6	83,1	6,8	9,6	0,5	219

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.2.4. Área de residência principal durante a infância / adolescência

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com a área de residência principal durante a infância/adolescência (cf. Tabela 33), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 1, 46,6% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 18,1% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 3, verificou-se que 49,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 11,5% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 4, verificou-se que 48,7% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 17,9% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 5, verificou-se que 50,2% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 21,5% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 6, verificou-se que 45,2% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 22,8% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 7, verificou-se que 47,4% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 9,5% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 8, verificou-se que 45,2% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 26,0% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 11, verificou-se que 64,3% habitou uma zona rural e 35,7% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 12, verificou-se que 49,0% habitou uma zona rural e 11,5% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 14, verificou-se que 64,4% habitou uma zona rural e 4,4% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 16, verificou-se que 49,2% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 8,5% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 17, verificou-se que 53,6% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 5,8% habitou uma zona urbana.

Tabela 33: Avaliação das espécies conhecidas em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%)

Avaliação	Área de residência principal durante a infância/adolescência (%)			Casos válidos
	Rural	Semi-rural ou de transição	Urbana	
<b>1</b>	35,3	46,6	18,1	204
<b>3</b>	39,6	49,0	11,5	192
<b>4</b>	33,3	48,7	17,9	156
<b>5</b>	28,3	50,2	21,5	279
<b>6</b>	32,0	45,2	22,8	219
<b>7</b>	43,2	47,4	9,5	95
<b>8</b>	28,8	45,2	26,0	104
<b>11</b>	64,3	35,7	0,0	28
<b>12</b>	49,0	39,6	11,5	96
<b>14</b>	64,4	31,1	4,4	45
<b>16</b>	42,3	49,2	8,5	130
<b>17</b>	53,6	40,6	5,8	69

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.2.5. Habilitações literárias

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com as habilitações literárias (cf. Tabela 34), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 4, 30,8% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,6% não sabia ler nem escrever, tinha o ensino superior – bacharelato ou o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 6, verificou-se que 36,5% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,3% tinha o ensino superior – bacharelato.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 7, verificou-se que 26,3% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente 3,2% não sabia ler nem escrever.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 9, verificou-se que 40,0% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 10,0% tinha o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (2º ano liceal / ciclo preparatório) ou o ensino superior – licenciatura.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 10, verificou-se que 100,0% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe).

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 11, verificou-se que 21,4% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 3,6% tinha o ensino superior – licenciatura ou o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 14, verificou-se que 28,9% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,2% tinha o ensino superior – bacharelato ou o ensino superior – licenciatura.

Tabela 34: Avaliação das espécies conhecidas em função das habilitações literárias (%)

Avaliação	Habilitações Literárias (%)									Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VIII	IX	X	
<b>4</b>	2,6	6,4	8,3	13,5	16,0	30,8	2,6	17,3	2,6	156
<b>6</b>	2,7	2,7	6,4	11,4	9,1	36,5	2,3	23,7	5,0	219
<b>7</b>	3,2	5,3	11,6	13,7	9,5	26,3	4,2	22,1	4,2	95
<b>9</b>	20,0	0,0	20,0	10,0	0,0	40,0	0,0	10,0	0,0	10
<b>10</b>	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
<b>11</b>	7,1	17,9	17,9	14,3	14,3	21,4	0,0	3,6	3,6	28
<b>14</b>	13,3	8,9	6,7	17,8	15,6	28,9	2,2	4,4	2,2	45

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior - mestrado.

### 3.2.6. Área de estudos principal (actual ou formação de base)

#### 3.2.6.1. Outra área de estudos principal (actual ou formação de base)

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com outra área de estudo, verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 3, 28,9% tinha como área de estudos “saúde” e 2,6% tinha como área de estudos “arquitectura paisagista”, “fiscalização”, “geografia”, “hotelaria”, “património cultural”, “secretariado e relações públicas”, “técnico de restauro” ou “urbanismo” (cf. Tabela 35, 36).

Tabela 35: Avaliação das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%)

Avaliação	Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)									Casos válidos
	A	B	C	D	F	G	I	J	K	
<b>3</b>	0,0	7,9	2,6	5,3	7,9	5,3	18,4	2,6	2,6	38

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: A - Administração; B – Agronomia; C – Arquitectura de Interiores; D – Arquitectura Paisagista; F – Desporto; G – Electrotecnicia; I – Ensino; J – Fiscalização; K – Geografia.

Tabela 36: Avaliação das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%)<sup>11</sup>

Avaliação	Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)									Casos válidos
	L	M	P	Q	S	T	U	V	X	
<b>3</b>	0,0	2,6	0,0	2,6	28,9	2,6	2,6	5,3	2,6	38

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: L – Gestão de Sistemas Informáticos; M – Hotelaria; P – Mecânica; Q – Património Cultural; S – Saúde; T – Secretariado e Relações Públicas; U – Técnico de Restauro; V – Turismo e X – Urbanismo.

### 3.2.7. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+)

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com a profissão (35-55)/Antiga profissão (65+), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 11, 30,8% eram trabalhadores não qualificados e 3,8% faziam parte dos quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa, dos especialistas das profissões intelectuais e científicas, do pessoal administrativo e similares, dos agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas ou dos operadores de instalações de máquinas e trabalhadores da montagem (cf. Tabela 37).

Tabela 37: Avaliação das espécies conhecidas em função da profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%)

Avaliação	Profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%)									Casos válidos
	QSA	EPIC	TPNI	PAS	PSV	ATQAP	OATS	OIMTM	TNQ	
<b>11</b>	3,8	3,8	15,4	3,8	19,2	3,8	15,4	3,8	30,8	26

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: QSA - Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superior de Empresa; EPIC – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; TPNI – Técnicos e Profissionais de nível intermédio; PAS – Pessoal Administrativo e Similares; PSV – Pessoal dos Serviços e Vendedores; ATQAP – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas; OATS – Operários, artífices e trabalhadores similares; OIMTM - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagens; TNQ – Trabalhadores não qualificados.

### 3.2.8. Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora

Quando se relacionou a avaliação das espécies conhecidas com as habilitações literárias do pai e da mãe (cf. Tabelas 38, 39), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 1, no caso das habilitações literárias do pai, 27,5% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano

<sup>11</sup> Como uma tabela com todas as variáveis ficava muito extensa optou-se por dividi-la em duas partes.

e 0,5% tinham o ensino médio /pós-secundário – curso de especialização tecnológica, o ensino superior – bacharelato, o ensino superior – mestrado ou o ensino superior – doutoramento, enquanto no caso das habilitações literárias da mãe, 29,0% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,5% tinha o ensino médio /pós-secundário – curso de especialização tecnológica.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 3, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 33,5% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,5% tinha o ensino superior – doutoramento.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 4, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 23,2% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,7% tinham o ensino médio /pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – mestrado, enquanto no caso das habilitações literárias da mãe, 26,5% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,7% tinha o ensino médio /pós-secundário – curso de especialização tecnológica.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 5, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 27,5% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,4% tinham o ensino médio /pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – bacharelato, enquanto no caso das habilitações literárias da mãe, 29,5% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,4% tinha o ensino médio /pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – bacharelato.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 8, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 29,0% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 3,0% tinha o ensino superior – doutoramento, enquanto no caso das habilitações literárias da mãe, 27,3% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 1,0% tinha o ensino superior – doutoramento.

Dos inquiridos que disseram o nome correcto da espécie 11, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 40,7% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe) e 3,7% tinham o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal /ciclo preparatório), ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) ou os inquiridos não sabiam as habilitações do pai, enquanto no caso das habilitações literárias da mãe, 40,7% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe) e 3,7% tinham o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal /ciclo preparatório), ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) ou os inquiridos não sabiam as habilitações da mãe.

Tabela 38: Avaliação das espécies conhecidas em função das habilitações literárias do pai/educador (%)

Avaliação	Habilitações literárias do pai /educador (%)												Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	98	
<b>1</b>	14,0	20,0	27,5	6,5	11,0	9,0	0,5	0,5	4,0	0,5	0,5	6,0	200
<b>3</b>	16,2	23,2	33,5	5,4	5,4	5,4	0,5	0,0	3,2	0,0	0,5	6,5	185
<b>4</b>	16,6	20,5	23,2	6,0	11,3	7,9	0,7	0,0	6,0	0,7	2,6	4,6	151
<b>5</b>	13,6	21,2	27,5	7,3	9,9	7,7	0,4	0,4	5,1	1,1	1,1	4,8	273
<b>8</b>	13,0	19,0	29,0	5,0	7,0	10,0	0,0	0,0	4,0	0,0	3,0	10,0	100
<b>11</b>	33,3	40,7	14,8	3,7	3,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,7	27

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento; 98 – Não sabe.

Tabela 39: Avaliação das espécies conhecidas em função das habilitações literárias da mãe/educadora (%)

Avaliação	Habilitações literárias da mãe/educadora (%)												Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	98	
<b>1</b>	16,5	21,5	29,0	4,0	8,5	8,5	0,5	0,0	2,5	1,0	1,0	7,0	200
<b>4</b>	18,5	23,2	26,5	4,0	7,9	5,3	0,7	0,0	5,3	1,3	2,0	5,3	151
<b>5</b>	15,1	22,5	29,5	4,8	8,1	7,0	0,4	0,4	4,1	0,7	1,5	5,9	271
<b>8</b>	16,2	15,2	27,3	6,1	4,0	9,1	0,0	0,0	5,1	2,0	1,0	13,1	99
<b>11</b>	33,3	40,7	14,8	3,7	3,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,7	27

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento; 98 – Não sabe.

### 3.3. Designações dos nomes das espécies

#### 3.3.1. Faixa etária

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com a faixa etária (cf. Tabela 40), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 1, 52,2% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 3,5% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, enquanto os que disseram o nome científico, 66,7% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 33,3% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 3, 50,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 1,0% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 4, 50,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 4,5% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 3, 52,2% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 3,5% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, enquanto os que disseram o nome científico, 66,7% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 33,3% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 5, 50,5% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 5,1% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 6, 55,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 3,7% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 7, 60,4% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 39,6% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 33,3% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 11, 85,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 14,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 12, 53,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 46,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 14, 66,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 33,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 16, 52,7% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 47,3% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 17, 53,6% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 2,9% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Tabela 40: Designações das espécies conhecidas em função da faixa etária (%)

Designação		Faixa etária (%)			Casos válidos
		12 aos 18	35 aos 55	60+	
1	Nome comum	3,5	52,2	44,3	201
	Nome científico	0,0	66,7	33,3	3
3	Nome comum	1,0	50,0	49,0	192
4	Nome comum	4,5	50,0	45,5	154
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	2
5	Nome comum	5,1	50,5	44,4	277
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	2
6	Nome comum	3,7	55,0	41,3	218
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	1
7	Nome comum	0,0	39,6	60,4	91
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	2
11	Nome comum	0,0	14,3	85,7	28
12	Nome comum	0,0	46,3	53,7	95
14	Nome comum	0,0	33,3	66,7	45
16	Nome comum	0,0	52,7	47,3	129
	Nome científico	0,0	0,0	100,0	1
17	Nome comum	2,9	53,6	43,5	69

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.3.2. Sexo

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com a faixa etária, verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 1, 69,2% eram do sexo feminino e 30,8% eram do sexo masculino, enquanto os que disseram o nome científico, 50,0% eram do sexo feminino ou do sexo masculino (cf. Tabela 41).

Tabela 41: Designações das espécies conhecidas em função do sexo (%)

Designação		Sexo (%)		Casos Válidos
		Feminino	Masculino	
7	Nome comum	69,2	30,8	91
	Nome científico	50,0	50,0	2

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.3.3. Naturalidade

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com a naturalidade (cf. Tabela 42), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 6, 83,5% era natural de



Évora e 0,5% não era natural de Portugal, enquanto os que disseram o nome científico, 100% era natural de outra localidade/Alentejo.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 9, 100,0% era natural de Évora, enquanto os que disseram o nome científico, 100% era natural de outra localidade/Alentejo.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 12, 89,5% era natural de Évora e 2,1% era natural de outra localidade/Alentejo.

Tabela 42: Designações das espécies conhecidas em função da naturalidade (%)

Designação		Naturalidade (%)				Casos Válidos
		Évora	Outra localidade/Alentejo	Outra localidade/Portugal	Não portuguesa	
6	Nome comum	83,5	6,4	9,6	0,5	218
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	0,0	1
9	Nome comum	100,0	0,0	0,0	0,0	10
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	0,0	1
12	Nome comum	89,5	2,1	8,4	0,0	95

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.3.4. Freguesia de residência

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com a freguesia de residência, verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 8, 46,1% era da União de Freguesias Bacelo, Senhora da Saúde e 8,8% era da União de Freguesias de S. Mamede, Sé, São Pedro, St. º Antão enquanto os que disseram o nome científico, 100% era da União de Freguesias Malagueira e Horta das Figueiras (cf. Tabela 43).

Tabela 43: Designações das espécies conhecidas em função da freguesia de residência (%)

Designação		Freguesia de residência (%)			Casos válidos
		UFM	UFB	UFH	
8	Nome comum	8,8	46,1	45,1	102
	Nome científico	0,0	0,0	100,0	2

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: UFM – União de Freguesias de S. Mamede, Sé, São Pedro, St. º Antão; UFB - União de Freguesias Bacelo, Senhora da Saúde; UFH - União de Freguesias Malagueira e Horta das Figueiras

### 3.3.5. Área de residência principal durante a infância / adolescência

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com a área de residência principal durante a infância/adolescência (cf. Tabela 44), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 1, 46,3% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 18,4% habitou

uma zona urbana, enquanto os que disseram o nome científico, 66,7% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 33,3% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 2, 64,3% habitou uma zona rural e 14,3% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 3, 49,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 18,2% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 4, 48,1% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 18,2% habitou uma zona urbana, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 5, 49,8% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 21,7% habitou uma zona urbana, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 6, 45,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 22,9% habitou uma zona urbana, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 7, 47,3% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 9,9% habitou uma zona urbana, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 11, 64,3% habitou uma zona rural e 35,7% habitou uma zona semi-rural ou de transição.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 12, 49,5% habitou uma zona rural e 11,6% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 14, 64,4% habitou uma zona rural e 4,4% habitou uma zona urbana.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 16, 49,6% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 8,5% habitou uma zona urbana, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% habitou uma zona rural.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 17, 53,6% habitou uma zona rural e 5,8% habitou uma zona urbana.

Tabela 44: Designações das espécies conhecidas em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%)

Designação		Área de residência principal durante a infância/adolescência (%)			Casos válidos
		Rural	Semi-rural ou de transição	Urbana	
1	Nome comum	35,3	46,3	18,4	201
	Nome científico	33,3	66,7	0,0	3
2	Nome comum	64,3	21,4	14,3	14
3	Nome comum	39,6	49,0	11,5	192
4	Nome comum	33,8	48,1	18,2	154
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	2
5	Nome comum	28,5	49,8	21,7	277
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	2
6	Nome comum	32,1	45,0	22,9	218
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	1
7	Nome comum	42,9	47,3	9,9	91
	Nome científico	0,0	100,0	0,0	2
11	Nome comum	64,3	35,7	0,0	28
12	Nome comum	49,5	38,9	11,6	95
14	Nome comum	64,4	31,1	4,4	45
16	Nome comum	41,9	49,6	8,5	129
	Nome científico	100,0	0,0	0,0	1
17	Nome comum	53,6	40,6	5,8	69

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.3.6. Habilitações literárias

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com a área de residência principal durante a infância/adolescência (cf. Tabela 45), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 6, 36,7% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,8% não sabia ler nem escrever, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% tinha o ensino superior – licenciatura.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 10, 100,0% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe).

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 11, 21,4% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 3,6% tinham o ensino superior – licenciatura ou o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 14, 28,9% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,2% tinham o ensino superior – bacharelato ou ensino superior – mestrado.

Tabela 45: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias (%)

Designação		Habilitações literárias (%)									Casos válidos
		I	II	III	IV	V	VI	VIII	IX	X	
6	Nome comum	2,8	0,0	6,4	11,5	9,2	36,7	2,3	23,4	5,0	218
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	1
10	Nome comum	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
11	Nome comum	7,1	17,9	17,9	14,3	14,3	21,4	0,0	3,6	3,6	28
14	Nome comum	13,3	8,9	6,7	17,8	15,6	28,9	2,2	4,4	2,2	45

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado.

### 3.3.7. Área de estudos principal (actual ou formação de base)

#### 3.3.7.1. Outra área de estudos principal (actual ou formação de base)

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com outra área de estudos (cf. Tabela 46, 47), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 3, 28,9% tinha como área de estudo “saúde” e 2,6% tinham como áreas de estudo “arquitectura de interiores”, “fiscalização”, “geografia”, “hotelaria”, “património cultural”, “secretariado e relações públicas”, “técnico de restauros” ou “urbanismo”.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 5, 22,4% tinha como área de estudo “saúde” e 2,0% tinham como áreas de estudo “administração”, “arquitectura de interiores”, “engenharia civil”, “fiscalização”, “geografia”, “gestão de sistemas informáticos”, “manutenção de aeronaves”, “património cultural”, “relações internacionais”, “secretariado e relações públicas”, “técnico de restauros” ou “urbanismo”, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% tinha como área de estudo “arquitectura paisagista”.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 6, 26,1% tinha como área de estudo “saúde” e 2,2% tinham como áreas de estudo “administração”, “arquitectura de interiores”, “arquitectura paisagista”, “electrotecnia”, “fiscalização”, “geografia”, “gestão de sistemas informáticos”, “hotelaria”, “património cultural”, “relações internacionais”, “técnico de

restauros”, “urbanismo” ou “zootecnia”, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% tinha como área de estudo “arquitectura paisagista”.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 7, 18,8% tinha como área de estudo “saúde” e 6,3% tinham como áreas de estudo “administração”, “arquitectura de interiores”, “desporto”, “ensino”, “geografia”, “património cultural”, “técnico de restauros”, “turismo” ou “zootecnia”, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% tinha como área de estudo “arquitectura paisagista”.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 8, 26,3% tinha como área de estudo “ensino” e 5,3% tinham como áreas de estudo “administração”, “agronomia”, “arquitectura de interiores”, “comércio”, “desporto”, “electrotecnicia”, “gestão de sistemas informáticos” ou “mecânica”, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% tinha como área de estudo “arquitectura paisagista”.

*Tabela 46: Designações das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%)*

Designação		Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)											Casos válidos
		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	
<b>3</b>	Nome comum	0,0	7,9	2,6	5,3	0,0	7,9	5,3	0,0	18,4	2,6	2,6	38
<b>5</b>	Nome comum	2,0	8,2	2,0	0,0	0,0	12,2	6,1	2,0	14,3	2,0	2,0	49
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
<b>6</b>	Nome comum	2,2	10,9	2,2	2,2	0,0	6,5	2,2	0,0	0,0	2,2	2,2	46
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
<b>7</b>	Nome comum	6,3	12,5	6,3	0,0	0,0	6,3	0,0	0,0	6,3	0,0	6,3	16
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
<b>8</b>	Nome comum	5,3	5,3	5,3	0,0	5,3	5,3	5,3	0,0	26,3	0,0	0,0	19
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: A - Administração; B – Agronomia; C – Arquitectura de Interiores; D – Arquitectura Paisagista; E – Comércio; F – Desporto; G – Electrotecnicia; H – Engenharia Civil; I – Ensino; J – Fiscalização; K – Geografia

Tabela 47: Designações das espécies conhecidas em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%)<sup>12</sup>

Designação		Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)												Casos válidos	
		L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X		Z
3	Nome comum	0,0	2,6	0,0	0,0	0,0	2,6	0,0	28,9	2,6	2,6	5,3	2,6	0,0	38
5	Nome comum	2,0	4,1	2,0	0,0	4,1	2,0	2,0	22,4	2,0	2,0	4,1	2,0	0,0	49
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
6	Nome comum	2,2	2,2	0,0	0,0	4,3	2,2	2,2	26,1	0,0	2,2	4,3	2,2	2,2	46
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
7	Nome comum	0,0	0,0	0,0	0,0	12,5	6,3	0,0	18,8	0,0	6,3	6,3	0,0	6,3	16
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
8	Nome comum	5,3	0,0	0,0	0,0	5,3	0,0	0,0	21,1	0,0	0,0	10,5	0,0	0,0	19
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: L – Gestão de Sistemas Informáticos; M – Hotelaria; N – Manutenção de Aeronaves; O – Marketing; P – Mecânica; Q – Património Cultural; R – Relações Internacionais; S – Saúde; T – Secretariado e Relações Públicas; U – Técnico de Restauro; V – Turismo; X – Urbanismo e Z – Zootecnia.

### 3.3.8. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+)

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com a profissão (cf. Tabela 48), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 9, 37,5% eram trabalhadores não qualificados e 12,5% eram operários, artífices e trabalhadores similares, enquanto os que disseram o nome científico, 100% eram especialistas das profissões intelectuais e científicas.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 11, 30,8% eram trabalhadores não qualificados 3,8% pertenciam aos quadros superiores da administração pública, dirigentes e

<sup>12</sup> Como uma tabela com todas as variáveis ficava muito extensa optou-se por dividi-la em duas partes.

quadros superiores de empresa, especialistas das profissões intelectuais e científicas, pessoal administrativo e similares, agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas ou operadores de instalações e máquina e trabalhadores da montagem.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 16, 24,4% eram técnicos e profissionais de nível intermédio e 4,1% faziam parte do pessoal administrativo e similares ou agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas, enquanto os que disseram o nome científico, 100,0% eram agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas.

*Tabela 48: Designações das espécies conhecidas em função da profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%)*

Designação		Profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%)									Casos válidos
		QSA	EPIC	TPNI	PAS	PSV	ATQAP	OATS	OIMTM	TNQ	
9	Nome comum	0,0	0,0	0,0	0,0	25,0	0,0	12,5	25,0	37,5	8
	Nome científico	0,0	100	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1
11	Nome comum	3,8	3,8	15,4	3,8	19,2	3,8	15,4	3,8	30,8	26
16	Nome comum	7,3	9,8	24,4	4,1	23,6	4,1	11,4	4,9	10,6	123
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100	0,0	0,0	0,0	1

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: QSA - Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superior de Empresa; EPIC – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; TPNI – Técnicos e Profissionais de nível intermédio; PAS – Pessoal Administrativo e Similares; PSV – Pessoal dos Serviços e Vendedores; ATQAP – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas; OATS – Operários, artífices e trabalhadores similares; OIMTM - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagens; TNQ – Trabalhadores não qualificados.

### 3.3.9. Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora

Quando se relacionou as designações das espécies conhecidas com as habilitações literárias do pai e da mãe (cf. Tabelas 49, 50, 51, 52), verificou-se que dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 3, no caso das habilitações literárias do pai, 33,5% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,5% tinha o ensino superior – doutoramento

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 4, verificou-se que, no caso das habilitações literárias da mãe, 26,8% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 1,3% tinha o ensino superior – mestrado, enquanto os que disseram o nome científico, 100% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 5, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 27,3% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,4% tinha o ensino médio / pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – bacharelato, enquanto os que disseram o nome científico, 50,0% tinham o ensino básico 1º ciclo – 4º ano ou ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico), já no caso das habilitações literárias da mãe, 29,7% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,4% tinha o ensino médio / pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – bacharelato, enquanto os que disseram o nome científico, 50,0% tinham o ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) ou o ensino secundário – 12º ano ou equivalente.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 11, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 40,7% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe) e 3,7% tinham o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório), o ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) ou não sabiam as habilitações literárias do pai, já no caso das habilitações literárias da mãe, 40,7% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe) e 3,7% tinham o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório), o ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) ou não sabiam as habilitações literárias do pai.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 14, verificou-se que, no caso das habilitações literárias do pai, 34,9% não sabiam ler nem escrever e 2,3% tinha o ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico), já no caso das habilitações literárias da mãe, 32,6% não sabiam ler nem escrever e 2,3% tinham o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório) ou ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que disseram o nome comum da espécie 16, verificou-se que, no caso das habilitações literárias da mãe, 31,2% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,7% tinha o ensino médio / pós-secundário – curso especialização tecnológica, enquanto os que disseram o nome científico, 100% tinha o ensino superior – licenciatura.



Tabela 49: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias do pai/educador (parte 1) (%)

Designação		Habilitações literárias do pai /educador (%)						Casos válidos
		I	II	III	IV	V	VI	
<b>3</b>	Nome comum	16,2	23,2	33,5	5,4	5,4	5,4	185
<b>5</b>	Nome comum	13,7	21,4	27,3	7,4	9,6	7,7	271
	Nome científico	0,0	0,0	50,0	0,0	50,0	0,0	2
<b>11</b>	Nome comum	33,3	40,7	14,8	3,7	3,7	0,0	27
<b>14</b>	Nome comum	34,9	16,3	25,6	4,7	2,3	7,0	43

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente.

Tabela 50: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias do pai/educador (parte 2) (%)<sup>13</sup>

Designação		Habilitações literárias do pai/educador (%)						Casos válidos
		VII	VIII	IX	X	XI	98	
<b>3</b>	Nome comum	0,5	0,0	3,2	0,0	0,5	6,5	185
<b>5</b>	Nome comum	0,4	0,4	5,2	1,1	1,1	4,8	271
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
<b>11</b>	Nome comum	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,7	27
<b>14</b>	Nome comum	0,0	0,0	4,7	0,0	0,0	4,7	43

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento; 98 – Não sabe.

<sup>13</sup> Como uma tabela com todas as variáveis ficava muito extensa optou-se por dividi-la em duas partes.

Tabela 51: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias da mãe /educadora (parte 1)  
(%)

Designação		Habilitações literárias da mãe /educadora (%)						Casos válidos
		I	II	III	IV	V	VI	
4	Nome comum	18,8	23,5	26,8	4,0	8,1	4,0	149
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	2
5	Nome comum	15,2	22,7	29,7	4,8	7,8	6,7	269
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	50,0	2
11	Nome comum	33,3	40,7	14,8	3,7	3,7	0,0	27
14	Nome comum	32,6	20,9	30,2	2,3	0,0	4,7	43
16	Nome comum	19,2	22,4	31,2	4,0	4,8	8,0	125
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente.

Tabela 52: Designações das espécies conhecidas em função das habilitações literárias da mãe/educadora (parte 2)  
(%)<sup>14</sup>

Designação		Habilitações literárias da mãe /educadora (%)						Casos válidos
		VII	VIII	IX	X	XI	98	
4	Nome comum	0,7	0,0	5,4	1,3	2,0	5,4	149
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
5	Nome comum	0,4	0,4	4,1	0,7	1,5	5,9	269
	Nome científico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
11	Nome comum	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,7	27
14	Nome comum	0,0	0,0	0,0	2,3	0,0	7,0	43
16	Nome comum	0,0	0,0	2,4	0,8	1,6	5,6	125
	Nome científico	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	1

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento; 98 – Não sabe.

<sup>14</sup> Como uma tabela com todas as variáveis ficava muito extensa optou-se por dividi-la em duas partes.

### **3.4. Estado de conservação**

#### **3.4.1. Faixa etária**

Quando se relacionou o estado de conservação com a faixa etária (cf. Tabela 53), verificou-se que, dos inquiridos que afirmaram que a espécie 1 não se encontrava ameaçada, 49,5% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 4,6% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 67,5% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 5,0% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 45,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 11,3% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram que a espécie 4 não se encontrava ameaçada, 45,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 13,9% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 66,0% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 2,1% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 56,5% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 4,3% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram que a espécie 5 não se encontrava ameaçada, 44,6% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 14,1% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 66,2% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 1,4% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 53,2% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 4,3% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que afirmaram que a espécie 14 não se encontrava ameaçada, 44,8% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 2,6% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 53,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 20,0% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 57,7% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 7,7% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Tabela 53: Estado de conservação em função da faixa etária (%)

Estado de conservação		Faixa etária (%)			Casos válidos
		12 aos 18	35 aos 55	60+	
1	Não ameaçado	4,6	45,9	49,5	194
	Ameaçado	5,0	67,5	27,5	40
	Não Sabe	11,3	45,3	43,4	53
4	Não ameaçado	13,9	45,0	41,1	231
	Ameaçado	2,1	66,0	31,9	47
	Não Sabe	4,3	56,5	39,1	46
5	Não ameaçado	14,1	44,6	41,3	213
	Ameaçado	1,4	66,2	32,4	71
	Não Sabe	4,3	53,2	42,6	47
13	Não ameaçado	2,6	44,8	52,6	116
	Ameaçado	20,0	53,3	26,7	15
	Não Sabe	7,7	30,8	57,7	26

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.4.2. Sexo

Quando se relacionou o estado de conservação com o sexo (cf. Tabela 54), verificou-se que, dos inquiridos que afirmaram que a espécie 2 não se encontrava ameaçada, 54,7% era do sexo feminino e 45,3% era do sexo masculino, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 100% era do sexo feminino e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 76,5% era do sexo masculino e 23,5% era do sexo feminino.

Dos inquiridos que afirmaram que a espécie 6 não se encontrava ameaçada, 56,5% era do sexo feminino e 45,3% era do sexo masculino, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 100% era do sexo feminino e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 76,5% era do sexo masculino e 23,5% era do sexo feminino.

Dos inquiridos que afirmaram que a espécie 8 não se encontrava ameaçada, 54,2% era do sexo feminino e 45,8% era do sexo masculino, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 81,8% era do sexo feminino e 18,2% era do sexo masculino e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 57,1% era do sexo feminino e 42,9% era do sexo masculina.

Tabela 54: Estado de conservação em função do sexo (%)

Estado de conservação		Sexo (%)		Casos Válidos
		Feminino	Masculino	
2	Não ameaçado	54,7	45,3	86
	Ameaçado	100,0	0,0	7
	Não Sabe	23,5	76,5	17
6	Não ameaçado	56,5	43,5	255
	Ameaçado	82,6	17,4	23
	Não Sabe	56,9	43,1	58
8	Não ameaçado	54,2	45,8	253
	Ameaçado	81,8	18,2	22
	Não Sabe	57,1	42,9	56

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.4.3. Naturalidade

Quando se relacionou o estado de conservação com a naturalidade, verificou-se que, dos inquiridos que afirmaram que a espécie 14 não se encontrava ameaçada, 83,5% era natural de Évora e 1,6% não era natural de Portugal, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 58,3% era natural de Évora e 8,3% era de outra localidade em Portugal e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 74,2% era natural de Évora e 6,5% era natural de outra localidade no Alentejo (cf. Tabela 55).

Tabela 55: Estado de conservação em função da naturalidade (%)

Estado de conservação		Naturalidade (%)				Casos válidos
		Évora	Outra localidade/Alentejo	Outra localidade/Portugal	Não portuguesa	
14	Não ameaçado	83,5	7,9	7,1	1,6	127
	Ameaçado	58,3	33,3	8,3	0,0	12
	Não Sabe	74,2	6,5	19,4	0,0	31

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.4.4. Habilitações literárias

Quando se relacionou o estado de conservação com as habilitações literárias, verificou-se que, dos inquiridos que afirmaram que a espécie 2 não se encontrava ameaçada, 33,7% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 1,2% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe), dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 28,6% tinha o ensino básico 3º ciclo – 9º ano (antigo 5º ano liceal ou ensino técnico) e 14,3% não sabiam ler nem escrever, tinham o ensino

secundário – 12º ano ou equivalente, o ensino superior – bacharelato, o ensino superior – licenciatura ou o ensino superior - mestrado e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 64,7% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 5,9% sabia ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe), tinham o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório), o ensino superior – bacharelato ou o ensino superior - mestrado (cf. Tabela 56).

*Tabela 56: Estado de conservação em função das habilitações literárias (%)*

Estado		Habilitações literárias (%)									Casos válidos
		I	II	III	IV	V	VI	VIII	IX	X	
2	Não ameaçado	3,5	1,2	14,0	10,5	16,3	33,7	0,0	17,4	3,5	86
	Ameaçado	14,3	0,0	0,0	0,0	28,6	14,3	14,3	14,3	14,3	7
	Não Sabe	0,0	5,9	0,0	5,9	0,0	64,7	5,9	11,8	5,9	17

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado.

### 3.4.5. Área de estudos principal (actual ou formação de base)

#### 3.4.5.1. Outra área de estudos principal (actual ou formação de base)

Quando se relacionou o estado de conservação com outra área de estudos, verificou-se que, dos inquiridos que afirmaram que a espécie 9 não se encontrava ameaçada, 31,6% tinha como área de estudos saúde e 5,3% tinham como áreas de estudos electrotecnia, gestão de sistemas informáticos, hotelaria, marketing, património cultural, técnico de restauro ou urbanismo, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 100% tinham como área de estudos electrotecnia e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 50,0% tinha como área de estudos ensino e 25,0% tinham como área de estudos desporto ou mecânica (cf. Tabelas 57, 58).

Tabela 57: Estado de conservação em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%)

Estado de conservação		Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)							Casos válidos
		A	C	F	G	I	L	M	
9	Não ameaçado	10,5	10,5	0,0	5,3	0,0	5,3	5,3	19
	Ameaçado	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	2
	Não Sabe	0,0	0,0	25,0	0,0	50,0	0,0	0,0	4

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: A - Administração; C – Arquitectura de Interiores; F – Desporto; G – Electrotecnia; I – Ensino; L – Gestão de Sistemas Informáticos; M – Hotelaria.

Tabela 58: Estado de conservação em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%)<sup>15</sup>

Estado de conservação		Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)							Casos válidos
		O	P	Q	S	U	V	X	
9	Não ameaçado	5,3	0,0	5,3	31,6	5,3	10,5	5,3	19
	Ameaçado	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2
	Não Sabe	0,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: O – Marketing; P – Mecânica; Q – Património Cultural; S – Saúde; U – Técnico de Restauro; V – Turismo e X – Urbanismo.

### 3.4.6. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+)

Quando se relacionou o estado de conservação com a profissão (cf. Tabela 59), verificou-se que, dos inquiridos que afirmaram que a espécie 4 não se encontrava ameaçada, 13,9% fazia parte do pessoal dos serviços e vendedores e 3,2% faziam parte dos operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagens, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 25,0% pertencia aos técnicos e profissionais de nível intermédio e 2,3% pertencem aos agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 12,8% pertenciam aos operários, artífices e trabalhadores similares e 1,1% pertenciam ao pessoal administrativo e similares.

Dos inquiridos que afirmaram que a espécie 9 não se encontrava ameaçada, 28,2% fazia parte dos técnicos e profissionais de nível intermédio e 2,4% faziam parte dos especialistas das profissões intelectuais e científicas, pessoal administrativo e similares ou operadores de

<sup>15</sup> Como uma tabela com todas as variáveis ficava muito extensa optou-se por dividi-la em duas partes.

instalações e máquinas e trabalhadores da montagens, dos que afirmaram que a espécie se encontrava ameaçada, 25,0% pertenciam ao pessoal dos serviços e vendedores e 6,3% pertencem aos especialistas das profissões intelectuais e científicas, aos agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas ou aos operários, artífices e trabalhadores similares e, por fim, dos que não sabiam o estado de conservação da espécie, 33,3% pertenciam ao pessoal dos serviços e vendedores e 9,5% pertenciam aos técnicos e profissionais de nível intermediário, ao pessoal administrativo e similares ou aos operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagens .

Tabela 59: Estado de conservação em função da profissão (35-55) /antiga profissão (65+) (%)

Estado de conservação		Profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%)									Casos válidos
		QSA	EPIC	TPNI	PAS	PSV	ATQAP	OATS	OIMTM	TNQ	
4	Não ameaçado	8,5	6,9	25,5	4,8	23,9	3,7	12,8	3,2	10,6	188
	Ameaçado	20,5	0,0	25,0	6,8	22,7	2,3	11,4	11,4	0,0	44
	Não Sabe	1,6	2,7	4,3	1,1	9,0	3,7	12,8	3,2	10,6	188
9	Não ameaçado	12,9	2,4	28,2	2,4	23,5	3,5	12,9	2,4	11,8	85
	Ameaçado	12,5	6,3	12,5	0,0	25,0	6,3	6,3	18,8	12,5	16
	Não Sabe	0,0	23,8	9,5	9,5	33,3	0,0	0,0	9,5	14,3	21

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: QSA - Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superior de Empresa; EPIC – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; TPNI – Técnicos e Profissionais de nível intermédio; PAS – Pessoal Administrativo e Similares; PSV – Pessoal dos Serviços e Vendedores; ATQAP – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas; OATS – Operários, artífices e trabalhadores similares; OIMTM - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagens; TNQ – Trabalhadores não qualificados.

### 3.5. Associação de usos e/ou benefícios às espécies

#### 3.5.1. Faixa etária

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com a faixa etária (cf. Tabela 60), verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 2, 59,3% pertenciam à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 3,7% pertenciam à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 7, 49,5% pertenciam à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 2,9% pertenciam à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 8, 45,8% pertenciam à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 9,5% pertenciam à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 14, 53,7% pertenciam à faixa etária dos 60 ou mais anos e 7,3% pertenciam à faixa etária dos 12 aos 18 anos.



Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 15, 50,5% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 1,0% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 16, 52,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos e 0,8% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Tabela 60: Associação de usos e/ou benefícios em função da faixa etária (%)

Benefícios	Faixa etária (%)			Casos válidos
	12 aos 18	35 aos 55	60+	
<b>2</b>	3,7	59,3	37,0	54
<b>7</b>	2,9	49,5	47,6	103
<b>8</b>	9,5	45,8	44,7	262
<b>14</b>	7,3	39,0	53,7	41
<b>15</b>	1,0	48,5	50,5	99
<b>16</b>	0,8	52,3	46,9	128

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.5.3. Naturalidade

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com a naturalidade (cf. Tabela 61), verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 1, 75,1% era natural de Évora e 0,8% não era natural de Portugal.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 2, 81,5% era natural de Évora e 1,9% não era natural de Portugal.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 6, 73,8% era natural de Évora e 0,8% não era natural de Portugal.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 7, 81,6% era natural de Évora e 1,0% não era natural de Portugal.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 15, 78,8% era natural de Évora e 7,1% era natural de outra localidade no Alentejo.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 16, 83,6% era natural de Évora e 7,8% era natural de outra localidade no Alentejo.

Tabela 61: Associação de usos e/ou benefícios em função da naturalidade (%)

Benefícios	Naturalidade (%)				Casos válidos
	Évora	Outra localidade/Alentejo	Outra localidade/Portugal	Não portuguesa	
1	75,1	10,3	13,8	0,8	253
2	81,5	5,6	11,1	1,9	54
6	73,8	11,5	13,9	0,8	122
7	81,6	8,7	8,7	1,0	103
15	78,8	7,1	14,1	0,0	99
16	83,6	7,8	8,6	0,0	128

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.5.4. Freguesia de residência

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com a freguesia de residência, verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 16, 54,7% era da União de Freguesias Malagueira e Horta das Figueiras e 12,5% era da União de Freguesias de S. Mamede, Sé, São Pedro, St. º Antão (cf. Tabela 62).

Tabela 62: Associação de usos e/ou benefícios em função da freguesia de residência (%)

Benefícios	Freguesia de residência (%)			Casos válidos
	UFM	UFB	UFH	
16	12,5	37,5	54,7	128

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: UFM – União de Freguesias de S. Mamede, Sé, São Pedro, St. º Antão; UFB - União de Freguesias Bacelo, Senhora da Saúde; UFH - União de Freguesias Malagueira e Horta das Figueiras

### 3.5.5. Área de residência principal durante a infância/adolescência

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com a área de residência principal durante a infância/adolescência, verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 2, 40,7% habitou uma zona semi-rural ou de transição e 22,2% habitou uma zona urbana (cf. Tabela 63).

Tabela 63: Associação de usos e/ou benefícios em função da área de residência principal durante a infância/adolescência (%)

Benefícios	Área de residência principal durante a infância/adolescência (%)			Casos válidos
	Rural	Semi-rural ou de transição	Urbana	
2	37,0	40,7	22,2	54

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.5.6. Habilitações literárias

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com as habilitações literárias (cf. Tabela 64), verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 9, 41,0% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 2,6% não sabiam ler nem escrever, sabiam ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe), tinham o ensino superior – bacharelato ou o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 14, 36,6% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente e 4,9% tinha o ensino superior – mestrado.

Tabela 64: Associação de usos e/ou benefícios em função das habilitações literárias (%)

Benefícios	Habilitações literárias (%)									Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VIII	IX	X	
<b>9</b>	2,6	2,6	7,7	5,1	10,3	41,0	2,6	25,6	2,6	39
<b>14</b>	7,3	12,2	7,3	7,3	14,6	36,6	0,0	9,8	4,9	41

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado.

### 3.5.7. Área de estudos principal (actual ou formação de base)

#### 3.5.7.1. Outra área de estudos principal (actual ou formação de base)

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com outra área de estudos (cf. Tabelas 65, 66), verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 3, 28,6% tinha como outra área de estudo “saúde” e 2,9% tinham como áreas de estudos “arquitectura de interiores”, “fiscalização”, “geografia”, “património cultural”, “técnico de restauro” ou “urbanismo”.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 5, 19,3% tinha como outra área de estudo “saúde” e 1,8% tinham como áreas de estudos “administração”, “arquitectura de interiores”, “engenharia civil”, “fiscalização”, “geografia”, “gestão de sistemas informáticos”, “manutenção de aeronaves”, “marketing”, “património cultural”, “relações internacionais”, “secretariado e relações públicas”, “técnico de restauro”, “urbanismo” ou “zootecnia”.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 8, 23,3% tinha como outra área de estudo “saúde” e 2,3% tinham como áreas de estudos “arquitectura de interiores”, “engenharia civil”, “geografia”, “gestão dos sistemas informáticos”, “hotelaria”, “manutenção de aeronaves”, “património cultural”, “técnico de restauro”, “urbanismo” ou “zootecnia”.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 12, 26,7% tinha como outra área de estudo “saúde” e 6,7% tinham como áreas de estudos “arquitetura de interiores”, “gestão de sistemas informáticos”, “património cultural”, “secretariado e relações públicas”, “turismo” ou “zootecnia”.

Tabela 65: Associação de usos e/ou benefícios em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 1) (%)

Benefícios	Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)												Casos válidos
	A	B	C	D	F	G	H	I	J	K	L	M	
<b>3</b>	0,0	5,7	2,9	5,7	8,6	5,7	0,0	20,0	2,9	2,9	0,0	2,9	35
<b>5</b>	1,8	8,8	1,8	3,5	10,5	5,3	1,8	14,0	1,8	1,8	1,8	3,5	57
<b>8</b>	0,0	7,0	2,3	4,7	9,3	4,7	2,3	14,0	0,0	2,3	2,3	2,3	43
<b>12</b>	0,0	0,0	6,7	0,0	0,0	0,0	0,0	26,7	0,0	0,0	6,7	0,0	15

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: A - Administração; B – Agronomia; C – Arquitectura de Interiores; D – Arquitectura Paisagista; F – Desporto; G – Electrotecnia; H – Engenharia Civil; I – Ensino; J – Fiscalização; K – Geografia; L – Gestão de Sistemas Informáticos; M - Hotelaria

Tabela 66: Associação de usos e/ou benefícios em função de outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (parte 2) (%)<sup>16</sup>

Benefícios	Outra área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)											Casos válidos
	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z	
<b>3</b>	0,0	0,0	0,0	2,9	0,0	28,6	0,0	2,9	5,7	2,9	0,0	35
<b>5</b>	1,8	1,8	5,3	1,8	1,8	19,3	1,8	1,8	5,3	1,8	1,8	57
<b>8</b>	2,3	0,0	4,7	2,3	0,0	23,3	0,0	2,3	9,3	2,3	2,3	43
<b>12</b>	0,0	0,0	0,0	6,7	0,0	26,7	6,7	0,0	6,7	0,0	6,7	15

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: N – Manutenção de Aeronaves; O – Marketing; P – Mecânica; Q – Património Cultural; R – Relações Internacionais; S – Saúde; T – Secretariado e Relações Públicas; U – Técnico de Restauro; V – Turismo; X – Urbanismo e Z – Zootecnia.

### 3.5.8. Profissão (35-55) / antiga profissão (65+)

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com a profissão (cf. Tabela 67), verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 8, 24,3% pertencia ao pessoal dos serviços e vendedores e 3,1% pertencia aos agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas.

<sup>16</sup> Como uma tabela com todas as variáveis ficava muito extensa optou-se por dividi-la em duas partes.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 13, 21,4% eram trabalhadores não qualificados e 3,6% pertencia aos especialistas das profissões intelectuais e científicas.

Tabela 67: Associação de usos e/ou benefícios em função da profissão (35-55) /antiga profissão (65+) (%)

Benefícios	Profissão (35-55) / antiga profissão (65+) (%)									Casos válidos
	QSA	EPIC	TPNI	PAS	PSV	ATQAP	OATS	OIMTM	TNQ	
<b>8</b>	9,7	8,8	22,1	6,2	24,3	3,1	11,5	4,9	9,3	226
<b>13</b>	14,3	3,6	7,1	7,1	14,3	7,1	14,3	10,7	21,4	28

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: QSA - Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superior de Empresa; EPIC – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; TPNI – Técnicos e Profissionais de nível intermédio; PAS – Pessoal Administrativo e Similares; PSV – Pessoal dos Serviços e Vendedores; ATQAP – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas; OATS – Operários, artífices e trabalhadores similares; OIMTM - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagens; TNQ – Trabalhadores não qualificados.

### 3.5.9. Habilitações literárias do pai/educadora e da mãe/educadora

Quando se relacionou a associação de usos e/ou benefícios com as habilitações literárias do pai e da mãe (cf. Tabelas 68, 69), verificou-se que dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 1, no caso das habilitações literárias do pai, 26,1% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,4% tinham o ensino superior – bacharelato ou o ensino superior - doutoramento, já no caso das habilitações literárias da mãe, 27,8% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,8% tinham o ensino superior – mestrado ou o ensino superior – doutoramento.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 3, no caso das habilitações literárias do pai, 33,3% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,5% tinham o ensino médio / pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – doutoramento.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 6, no caso das habilitações literárias do pai, 25,6% sabiam ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe) e 0,8% tinham o ensino superior – bacharelato ou o ensino superior – doutoramento.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 7, no caso das habilitações literárias do pai, 28,0% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 1,0% tinham o ensino médio / pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 8, no caso das habilitações literárias do pai, 29,6% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,4% tinham ensino médio / pós-secundário – curso de especialização tecnológica, já no caso das habilitações literárias da mãe,

30,6% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,8% tinham o ensino médio / pós-secundário – curso de especialização tecnológica ou o ensino superior – bacharelato.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 12, no caso das habilitações literárias do pai, 25,0% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 1,1% tinha o ensino superior – mestrado, já no caso das habilitações literárias da mãe, 27,2% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 2,2% tinha o ensino superior – mestrado.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 13, no caso das habilitações literárias do pai, 33,3% sabiam ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe) e 3,3% tinham o ensino básico 2º ciclo – 6º ano (antigo 2º ano liceal / ciclo preparatório), o ensino secundário – 12º ano ou equivalente, o ensino superior - licenciatura ou o ensino superior – doutoramento.

Dos inquiridos que atribuíram usos e/ou benefícios à espécie 16, no caso das habilitações literárias do pai, 29,0% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 0,8% tinha o ensino superior mestrado.

*Tabela 68: Associação de usos e/ou benefícios em função das habilitações literárias do pai /educador (%)*

Ben.	Habilitações literárias do pai/educador (%)												Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	98	
<b>1</b>	16,1	18,5	26,1	6,4	10,4	8,4	0,0	0,4	4,8	0,8	0,4	7,6	249
<b>3</b>	16,7	22,6	33,3	5,9	5,9	5,4	0,5	0,0	2,7	0,0	0,5	6,5	186
<b>6</b>	9,1	25,6	24,8	10,7	9,1	6,6	0,0	0,8	8,3	1,7	0,8	2,5	121
<b>7</b>	14,0	22,0	28,0	8,0	7,0	2,0	1,0	0,0	7,0	1,0	2,0	8,0	100
<b>8</b>	12,8	17,5	29,6	6,6	6,6	8,6	0,4	0,8	7,0	1,6	1,9	6,6	257
<b>12</b>	20,7	18,5	25,0	7,6	8,7	10,9	0,0	0,0	2,2	1,1	0,0	5,4	92
<b>13</b>	16,7	33,3	23,3	3,3	6,7	3,3	0,0	0,0	3,3	0,0	3,3	6,7	30
<b>16</b>	16,9	17,7	29,0	8,9	8,1	5,6	0,0	0,0	6,5	0,8	1,6	4,8	124

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento; 98 – Não sabe; Ben. – Benefícios

Tabela 69: Associação de benefícios e/ou usos em função das habilitações literárias da mãe/educadora (%)

Ben.	Habilitações literárias da mãe/educadora (%)												Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	98	
<b>1</b>	17,7	21,4	27,8	4,0	7,7	8,5	0,0	0,0	2,8	0,8	0,8	8,5	248
<b>8</b>	15,3	17,6	30,6	3,5	5,9	8,6	0,4	0,4	5,9	2,0	2,0	7,8	255
<b>12</b>	21,7	21,7	27,2	5,4	5,4	7,6	0,0	0,0	3,3	2,2	0,0	5,4	92

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VII - Ensino médio/ pós-secundário - curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior - mestrado, XI - Ensino superior - doutoramento; 98 - Não sabe.

### 3.6. Associação de riscos e/ou malefícios às espécies

#### 3.6.1. Faixa etária

Quando se relacionou a associação de riscos e/ou malefícios com a faixa etária (cf. Tabela 70), verificou-se que dos inquiridos que atribuíram riscos e/ou malefícios à espécie 7, 48,6% pertencia à faixa etária dos 60 ou mais anos e 5,4% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Dos inquiridos que atribuíram riscos e/ou malefícios à espécie 8, 66,7% pertencia à faixa etária dos 12 aos 18 anos e 33,3% pertencia à faixa etária dos 35 aos 55 anos.

Tabela 70: Associação de riscos e/ou malefícios em função da faixa etária (%)

Malefícios	Faixa etária (%)			Casos válidos
	12 aos 18	35 aos 55	60+	
<b>7</b>	5,4	45,9	48,6	37
<b>8</b>	66,7	33,3	0,0	6

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

#### 3.6.2. Naturalidade

Quando se relacionou a associação de riscos e/ou malefícios com a naturalidade, verificou-se que dos inquiridos que atribuíram riscos e/ou malefícios à espécie 7, 91,9% era natural de Évora ou 8,1% era de outra localidade no Alentejo (cf. Tabela 71).

Tabela 71: Associação de riscos e/ou malefícios em função da naturalidade (%)

Malefícios	Naturalidade (%)		Casos válidos
	Évora	Outra localidade/Alentejo	
<b>7</b>	91,9	8,1	37

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.6.3. Área de estudos principal (actual ou formação de base)

Quando se relacionou a associação de riscos e/ou malefícios com a área de estudos principal, verificou-se que dos inquiridos que atribuíram riscos e/ou malefícios à espécie 7, 43,5% tinha como área de estudos línguas e humanidades e 4,3% tinha como área de estudos ciências socioeconómicas (cf. Tabela 72).

Tabela 72: Associação de riscos e/ou malefícios em função da área de estudos principal (%)

Malefícios	Área de estudos principal (actual ou formação de base) (%)				Casos válidos
	Ciências e Tecnologias	Línguas e Humanidades	Ciências Socioeconómicas	Outra	
<b>7</b>	26,1	43,5	4,3	26,1	23

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

### 3.6.4. Habilitações literárias do pai/educador e da mãe/educadora

Quando se relacionou a associação de riscos e/ou malefícios com as habilitações literárias do pai e da mãe, verificou-se que dos inquiridos que atribuíram riscos e/ou malefícios à espécie 7, no caso das habilitações literárias do pai, 29,7% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 5,4% tinha o ensino secundário – 12º ano ou equivalente, já no caso das habilitações literárias da mãe, 24,3% tinha o ensino básico 1º ciclo – 4º ano e 2,7% tinham o ensino superior – licenciatura ou o ensino superior – mestrado (cf. Tabelas 73, 74).

Tabela 73: Associação de riscos e/ou malefícios em função das habilitações literárias do pai /educador (%)

Malefícios	Habilitações literárias do pai /educador (%)												Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	98	
<b>7</b>	13,5	18,9	29,7	8,1	8,1	5,4	0,0	0,0	8,1	0,0	0,0	8,1	37

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento; 98 – Não sabe.



Tabela 74: Associação de riscos e/ou malefícios em função das habilitações literárias da mãe/educadora (%)

Malefícios	Habilitações literárias da mãe/educadora (%)												Casos válidos
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	98	
<b>7</b>	18,9	18,9	24,3	5,4	8,1	10,8	0,0	0,0	2,7	2,7	0,0	8,1	37

$\chi^2$ (Qui-Quadrado) <0.05

Legenda: I - Não sabe ler nem escrever; II - Sabe ler sem possuir o 4º ano (antiga 4ª classe); III - Ensino básico 1º. ciclo - 4º ano; IV - Ensino básico 2º. ciclo - 6º ano (antigo 2º. ano liceal / ciclo preparatório); V - Ensino básico 3º. ciclo - 9º ano (antigo 5º. ano liceal ou ensino técnico); VI - Ensino secundário - 12º. ano ou equivalente; VII – Ensino médio/ pós-secundário – curso de especialização tecnológica; VIII - Ensino superior - bacharelato; IX - Ensino superior - licenciatura; X - Ensino superior – mestrado, XI – Ensino superior – doutoramento; 98 – Não sabe.

**Folha em branco**

## 5. Discussão

A apresentação dos dados efectuada no capítulo anterior permite verificar, a nível sociodemográfico, que as quotas previstas na metodologia foram cumpridas em relação à amostra calculada inicialmente, designadamente, no que diz respeito à faixa etária, ao sexo e à freguesia de residência. Também se verificou que a naturalidade da maioria dos inquiridos era Évora e que durante a infância / adolescência a maioria habitou uma zona rural ou uma zona semi-rural ou de transição. Este facto relaciona-se estreitamente com o facto de os inquiridos serem naturais de Évora, que é uma cidade com várias zonas rurais e zonas semi-rurais ou de transição e da maioria pertencer a uma faixa etária de 35 ou mais anos, que é precisamente a geração que habitava zonas mais próximas do ambiente rural.

A apresentação dos dados efectuada no capítulo anterior, permite destacar sete questões que merecem, na nossa opinião, uma discussão mais aprofundada.

Em primeiro lugar, verificou-se que os inquiridos, apesar de afirmarem conhecer todas as espécies, na realidade constatou-se que não conheciam os nomes correctos<sup>17</sup> de muitas das espécies e, no caso concreto das espécies 15 (*Phagnalon saxatile*) e 18 (*Verbascum sinuatum*), nenhum atribuiu uma denominação correcta. Verificou-se, assim, que as espécies que reconheceram são mais do que as que realmente conheciam. Ainda em relação às denominações correctas, verificou-se que as espécies efectivamente mais conhecidas eram arbóreas, podendo dever-se ao facto de serem não só mais visíveis, mas também por possuírem maior interesse socio-económico que as espécies de arbustos ou herbáceas.

Em segundo lugar, verificou-se que existe uma associação significativa entre o número de espécies reconhecidas e a faixa etária. Com efeito, os indivíduos pertencentes à faixa etária dos 35 aos 55 anos e os pertencentes à faixa etária dos 60 ou mais anos reconheceram um maior número de espécies e mostraram um maior conhecimento efectivo das espécies. Também se verificou uma associação significativa entre o número de espécies reconhecidas e a naturalidade. Na verdade, os inquiridos naturais de Évora reconheceram mais espécies. Por fim, verificou-se uma associação significativa entre o número de espécies reconhecidas e a área de residência. Neste caso, os inquiridos de habitaram zonas rurais, semi-rurais ou de transição reconheceram mais espécies, sendo que esta associação se verificou também no caso da correcção das denominações atribuídas.

Em terceiro lugar, verificou-se que é mais habitual os inquiridos conhecerem a espécie pelo seu nome comum do que pelo seu nome científico. O conhecimento do nome científico

---

<sup>17</sup> Para o efeito, utilizou-se principalmente o *site* Flora-On | Flora de Portugal interactiva (<http://flora-on.pt/>), recuperado em 22, Novembro, 2016).

surgiu associado à área de estudo arquitectura paisagista, uma vez que faz parte do programa de ensino deste curso o conhecimento científico da flora<sup>18</sup>.

Em quarto lugar, verificou-se que os inquiridos associaram, maioritariamente, para todas as espécies, como habitat, o ambiente silvestre. Este pensamento está correcto, embora todas as espécies tenham sido escolhidas por serem facilmente encontradas não só em meio silvestre como também em meio urbano.

Em quinto lugar, a maioria dos inquiridos considerou que nenhuma das espécies se encontrava ameaçada e, embora não existam referências que indiquem o estatuto de conservação da flora portuguesa é possível, através da consulta da Directiva 92/43/CEE do Conselho de 21 de Maio de 1992 relativamente à preservação dos habitats naturais e da fauna e flora selvagens, verificar que as espécies *Fraxinus angustifolia*, *Laurus nobilis*, *Quercus rotundifolia* e *Quercus suber* se encontram inscritas no Anexo I desta directiva, que é referente aos tipos de habitats naturais de interesse comunitário cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação (UE, 1992).

Em sexto lugar, verificou-se que os inquiridos atribuíram mais usos e/ou benefícios a todas as espécies do que riscos e/ou malefícios. Às espécies *Arbutus unedo*, *Fraxinus angustifolia*, *Laurus nobilis*, *Hedera hibernica*, *Nerium oleander*, *Rosmarinus officinalis*, *Smilax aspera*, *Daucus carota*, *Foeniculum vulgare*, *Fumaria muralis*, *Lavatera cretica* e *Verbascum sinuatum* foram atribuídos vários benefícios associados nomeadamente a nível medicinal, ornamental, aromático, entre outros. No entanto, e partindo do princípio que existe um convívio entre as pessoas e a flora, é importante salientar os malefícios de algumas, como por exemplo, os casos de *Laurus nobilis* que pode provocar irritação nas mucosas, *Hedera hibernica* que pode provocar alergias problemas aos bebés quando grávidas ou mulheres em amamentação a utilizam, *Nerium oleander* é venenosa e, ainda, a espécie *Foeniculum vulgare* que não deve ser utilizada em crianças ou feridas (Cunha & Roque, 2008; Cunha, Ribeiro & Roque, 2009)<sup>19</sup>.

Por fim, embora não tenha havido uma associação expressiva entre as fontes de conhecimento e as variáveis sociodemográficas, é importante salientar que as principais fontes de conhecimento referidas foram a família e a escola. Este resultado está de acordo com Giddens (2008) segundo o qual as principais instâncias de conhecimento são justamente a família a nível informal e a escola a nível formal, a interacção social inicia-se desde o primeiro segundo de vida, primeiramente por imitação e pela aquisição de rotinas, por observação dos familiares mais

---

<sup>18</sup> Recorreu-se ao *site* institucional da Universidade de Évora (<http://www.uevora.pt/>, recuperado em 26, Janeiro, 2017)

<sup>19</sup> Recorreu-se ao *site* institucional da Universidade de Coimbra – Herbário de Plantas Mediciniais ([http://www.uc.pt/ffuc/patrimonio\\_historico\\_farmaceutico/coleccao/herbario](http://www.uc.pt/ffuc/patrimonio_historico_farmaceutico/coleccao/herbario), recuperado em 27, Janeiro, 2017)

próximos. Todos os conceitos básicos sobre a sociedade são adquiridos de forma de transmissão de conhecimento informal através da família, para que depois sejam complementados com informações científicas dos professores quando se ingressa na escola. Sabe-se que até ao 9º ano de escolaridade os jovens estudantes são confrontados com todas as áreas científicas, para que depois possam optar por uma área científica de maior gosto.<sup>20</sup>

Não existem estudos sociais sobre o conhecimento específico da população sobre a flora nativa portuguesa. No entanto, a União Europeia realiza sondagens sobre vários temas (Euro barómetro) e na última sondagem verificou-se, que 67% dos europeus e 70% dos portugueses consideram que é importante que haja uma maior intervenção por parte da EU no que diz respeito à protecção do ambiente<sup>21</sup>.

. Uma vez que esta dissertação foi elaborada com vista ao Museu Virtual da Biodiversidade (MVBIO), entende-se que para que este consiga uma maior visibilidade, e depois da presente investigação, torna-se urgente a implementação de formas de divulgação sobre a sociedade, não só nos jovens como também nas gerações mais velhas presentes nas diversas famílias, uma vez que são uma das principais fontes de conhecimento inicial.

Actividades de divulgação passam pela criação de workshops de frequência livre, como passeios guiados pela natureza, workshops de identificação de flora. Depois de compreender que existe muita associação de usos e/ou benefícios e pouca associação de riscos e/ou malefícios às espécies presentes no questionário realizado à população das freguesias urbanas, também se torna importante a criação de workshops que ensinem os malefícios da flora com que a população interage.

Outra forma de divulgação passa por, não só criar uma página de Facebook (que já existe), como também criar eventos na mesma, pedidos de divulgação entre outros.

Nas escolas, seria útil criar acções de formação para os professores das áreas científicas de Biologia ou Ciências Naturais como actividades lúdicas em contexto de sala de aula, não existe melhor forma de divulgação e sensibilização do que a apresentação dos exemplos práticos.

Questionários como o realizado na presente dissertação tornam-se importantes, sendo necessária a sua repetição ao longo do país, para que haja uma melhor percepção dos conhecimentos da população acerca da flora portuguesa e assim contribuir para a melhoria dos meios de divulgação científica.

---

<sup>20</sup> Recorreu-se ao *site* institucional da DGE – Direcção Geral da Educação (<http://www.dge.mec.pt>, recuperado em 30, Janeiro, 2017)

<sup>21</sup> Conclusões retiradas de uma notícia do Parlamento Europeu – Ambiente: 67% dos europeus querem mais intervenção por parte da UE (<http://www.europarl.eu/news/pt/news-room/20160707STO36280/ambiente-67-dos-europeus-querem-mais-intervencao-por-parte-da-ue>, recuperado em 19, Agosto, 2016)

Folha em branco

## 6. Considerações Finais

A presente dissertação teve como base a aplicação de um questionário hétero-administrado, à população residente nas freguesias urbanas da cidade de Évora, sobre o conhecimento acerca da flora autóctone presente em meio urbano. Seguidamente procedeu-se à análise estatística dos dados recolhidos.

Ao longo do tempo de trabalho, foram encontrados alguns problemas, nomeadamente:

- Recusa de resposta por parte de algumas pessoas;
- Dificuldade de encontrar pessoas da idade, sexo e localidade pretendidos;
- Quando se tentou realizar inquéritos em centros de saúde ou locais públicos fechados

não foi permitido sem pedido de autorização formal, que apesar de ter sido realizado nunca obteve resposta.

Face aos dados obtidos e aos resultados das análises estatísticas efectuadas, é possível extrair as seguintes conclusões:

1. Apesar das dificuldades encontradas inicialmente, foi possível cumprir as quotas previstas na metodologia no que diz respeito à faixa etária, ao sexo e à freguesia de residência;
2. A maioria dos indivíduos era natural de Évora;
3. A maioria dos indivíduos habitou zonas rurais ou zonas semi-rurais ou de transição, quando se fala da área de residência principal na infância/adolescência;
4. Existem mais indivíduos que acreditam reconhecer as espécies apresentadas do que efectivamente a conhecer a denominação correcta;
5. Os indivíduos conhecem mais frequentemente espécies arbóreas;
6. Quanto mais idade tiverem os indivíduos, maior número de espécies conhecem efectivamente;
7. Quando se analisa a nível de área de residência principal na infância/adolescência, quanto mais próximo de ambientes rurais habitavam maior conhecimento apresentam;
8. Quando os inquiridos identificam correctamente uma espécie, é mais frequente saberem o nome comum;
9. O habitat mais associado para todas as espécies foi o ambiente silvestre;
10. A maioria dos inquiridos considerou que as espécies não se encontravam ameaçadas;
11. Os inquiridos associaram às espécies mais usos e/ou benefícios do que riscos e/ou malefícios;
12. As principais fontes de conhecimento foram a família e a escola;

Sabe-se que os estudos sociais sobre o conhecimento da população acerca da flora são escassos e, por este motivo, torna-se urgente o Museu Virtual da Biodiversidade (MVBIO) crie métodos de divulgação eficazes para que exista uma maior preocupação com a biodiversidade e, conseqüentemente, uma maior preocupação com a conservação da mesma, nomeadamente, a urbana com a qual convivem diariamente e, como ficou provado, muitas vezes as pessoas desconhecem.

Após este estudo sobre os níveis de conhecimento da população urbana acerca da biodiversidade autóctone, fará sentido, no futuro, um estudo adicional sobre os conhecimentos da mesma população relativamente às espécies exóticas e dos seus impactes na biodiversidade local. Estes dados poderão ser úteis na criação de estratégias de informação que auxiliem na mitigação dos impactes criados pelas espécies invasoras.



## Bibliografia

- Bradburne, J. (1998). Dinosaurs and the white elephants: the science centre in the twenty-first century. *Public Understanding of Science*, 7, 237-253.
- Branscomb, A. W. (1981). Knowing how to know. *Science, Technology, & Human Values*, 6 (36), 5-9.
- Carvalho, G. S. (2009). Literacia Científica: Conceitos e dimensões. Em F. Azevedo, & S. M. (Coord.), *Modelos e práticas em literacia* (pp. 179-194). Lisboa: Lidel.
- Cunha, A. P., & Roque, O. R. (2008). *Plantas Medicinais da Farmacopeia Portuguesa: constituintes, controlo, farmacologia e utilização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, A. P., Ribeiro, J. A., & Roque, O. R. (2009). *Plantas Aromáticas em Portugal: caracterização e utilização* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Day, D., & Evers, V. (1997). *The Role of Culture in Interface Acceptance*. Lisboa: Interact.
- Delicado, A. (2006). Os Museus e a Promoção da Cultura Científica em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 51, 53-72.
- Durant, J. (1998). *Museums and the Public Understanding of Science*. Londres: Science Museum.
- Eicher, M. L., & Del Pino, J. C. (2007). Museus virtuais de ciências: uma revisão e indicações técnicas para o projecto de exposições virtuais. *Novas Tecnologias na Educação*, 5 (2).
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito - Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (2008). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, F. (1998). Museums of science and science centers: two opposite realities? Em M. A. Ferreira, Rodrigues, & J. F., *Museums of Science and Technology* (pp. 21-39). Lisboa: Fundação Oriente.
- Granado, A., & Malheiros, J. V. (2015). *Cultura Científica em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Gregory, J., & Miller, S. (1998). *Science in Public: Communication, Culture and Credibility*. Nova Iorque: Plenum Trade.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2012). *Investigação por Questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Laugksch, R. C. (2000). Scientific literacy: A conceptual overview. *Science Education*, 84, 71-94.
- Lepouras, G., & Vassilakis, C. (2005). Virtual museums for all: employing game technology for edutainment. *Virtual Reality*, 8, 96-106.

Lepouras, G., Katifori, A., Vassilakis, C., & Charitos, C. (2004). Real exhibitions in a virtual museums. *Virtual Reality*, 7, 120-128.

Marty, P., & Twidale, M. (2004). Lost in gallery space: a conceptual framework for analyzing the usability flaws of museum web sites. *First Monday*, 9 (9).

Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Pero Pinheiro: Report Number - Análise e Gestão de Informação, Lda.

Marta, P., Simão, J., Leal, N., & Sequeira, J. (2016). *A importância didática das geocoleções virtuais no ensino/divulgação da geologia: caso da Coleção Nacional de Mineralogia do Museu Geológico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Muchacho, J. (2005). *Museus virtuais: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico*. Em 4. SOPCOM, Livro de Actas - 4º SOPCOM (pp. 1540-1547). Aveiro: 4º SOPCOM.

Norris, S., & Philips, L. M. (2002). How literacy in its fundamental sense is central to scientific literacy. *Science education*, 87, 224-240.

Núñez, Y., & Ochoa, P. (2006). Design of learning objects propost. *Revista Facultad de Ingeniería*, 14 (1), 36-48.

Nutbeam, D. (2000). Health literacy as a public health goal: a challenge for contemporary health education and communication strategies into the 21st Century. *Health Promotion International*, 15, 259-267.

Nutbeam, D. (2008). The evolving concept of health literacy. *Social Science & Medicine*, 67, 2072-2078.

OCDE. (2003). *The PISA 2003 Assessment Framework - Mathematics, Reading, Science and Problem Solving Knowledge and Skills*.

Orlenius, K. (2008). *Education for Sustainable development. Values in education and Education in values*. Sweden: University of Skövde .

Peralta, C. R., Calhau, M. B., & de Sousa, M. F. (2011). *Da literacia científica à responsabilidade social: A abordagem Ciência/Tecnologia/Sociedade (CTS) na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Poulot, D. (2013). *Museu e museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Ribeiro, J. A. (2012). Dos "públicos" nos museus: ensaio sobre os fundamentos teóricos que antecedem a definição de metodologia de trabalho. Em J. A. Ribeiro, *Dos "públicos" nos museus. Ensaios e Práticas em Museologia* (Vol. II, pp. 163-181). Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP.

Schweibenz, W. (2004). *Virtual Museums - The Development of Virtual Museums*. *ICOM News*, 3, 3.

Sierra Bravo, R. (1987). Técnicas de investigación social. Teoría y ejercicios. Madrid: Paraninfo.

Silva, M. (1971). Duas Palavras de Apresentação. Publicações do MNCT, 1, 5-7.

UE (1992). DIRECTIVA 92/43/CEE DO CONSELHO de 21 de Maio de 1992 relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens. JO L 206, 14-20. Obtido de Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

UE (2014). Special Eurobarometer 419 - Public perceptions of science, research and innovation. European Union: European Comission.

Valente, M. E., Cazell, S., & Alves, F. (2005). Museus, ciência e educação: novos desafios - Museums, science, and education: new challenges. História, Ciência, Saúde, 12, 183-203.

Yahya, I. (1996). Mindfull play or mindless learning? Modes of exploring science in museums. Em S. Pearce, Exploring Science in Museums, 6 (pp. 123-147). Londres: Athlon Press.

# ANEXOS

## Anexo 1 – Guião de inquérito por questionário

### Avaliação dos Conhecimentos sobre Biodiversidade Urbana na Cidade de Évora

ID: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
Local de Recolha: \_\_\_\_\_  
O/A Inquiridor/a: \_\_\_\_\_

#### I – Caracterização sociodemográfica e contextos sociais de origem

Ano de nascimento: \_\_\_\_\_

##### Sexo

- 1 Feminino .....   
2 Masculino .....

##### Naturalidade:

- 1 Évora .....   
2 Outra localidade/Alentejo .....   
3 Outra localidade/Portugal .....   
4 Não portuguesa .....

##### Freguesia de Residência:

- 1 UF S.Mamede, Sé, São Pedro, St.ºAntão..   
2 UF Bacelo, Senhora da Saúde .....   
3 UF Malagueira e Horta das Figueiras.....

##### Área de residência principal durante a infância/adolescência:

- 1 Rural .....   
2 Semi-rural ou de transição .....   
3 Urbana .....

##### Habilitações literárias:

- 1 Não sabe ler nem escrever .....   
2 Sabe ler sem possuir o 4.º ano  
(antiga 4.ª classe) .....   
3 Ensino básico 1.º ciclo - 4.º ano .....   
4 Ensino básico 2.º ciclo - 6.º ano  
(antigo 2.º ano liceal / ciclo preparatório) .....   
5 Ensino básico 3.º ciclo - 9.º ano  
(antigo 5.º ano liceal ou ensino técnico) .....   
6 Ensino secundário - 12.º ano ou equivalente   
7 Ensino médio / pós-secundário – curso  
de especialização tecnológica .....   
8 Ensino superior – bacharelato .....   
9 Ensino superior – licenciatura .....   
10 Ensino superior – mestrado .....   
11 Ensino superior – doutoramento .....

##### Área de estudos principal (atual ou formação de base):

- 1 Ciências e Tecnologias .....   
2 Línguas e Humanidades .....   
3 Ciências Socioeconómicas .....   
4 Artes .....   
5 Outra. Qual? .....   
99 Não aplicável .....

##### Profissão (35-55)/ Antiga Profissão (65+):

1. Quadros Superiores da Administração Pública,  
Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa   
2. Especialistas das Profissões Intelectuais e  
Científicas .....   
3. Técnicos e Profissionais de nível intermédio   
4. Pessoal Administrativo e Similares .....   
5. Pessoal dos Serviços e Vendedores .....   
6. Agricultores e Trabalhadores Qualificados da  
Agricultura e Pescas .....   
7. Operários, Artífices e Trabalhadores Similares  
.....   
8. Operadores de instalações e máquinas e  
trabalhadores da montagem .....   
9. Trabalhadores não qualificados .....   
99 Não aplicável .....

##### Habilitações literárias do Pai/Educador e Mãe/Educadora:

- |  | Pai                      | Mãe                      |
|--|--------------------------|--------------------------|
| 1 Não sabe ler nem escrever .....  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2 Sabe ler sem possuir o 4.º ano (antiga<br>4.ª classe) .....                                | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3 Ensino básico 1.º ciclo - 4.º ano .....  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4 Ensino básico 2.º ciclo - 6.º ano<br>(antigo 2.º ano liceal / ciclo preparatório)<br>..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5 Ensino básico 3.º ciclo - 9.º ano<br>(antigo 5.º ano liceal ou ensino técnico).<br>.....   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6 Ensino secundário - 12.º ano ou<br>equivalente .....                                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7 Ensino médio / pós-secundário –<br>curso de especialização tecnológica .....               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8 Ensino superior – bacharelato .....  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9 Ensino superior – licenciatura .....   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10 Ensino superior – mestrado .....  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11 Ensino superior – doutoramento .....  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 98 Não sabe .....  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 99 Não aplicável .....   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

**II – Flora**

[Observe com atenção o conjunto de imagens]

1. Destas espécies, quantas conhece? \_\_\_\_\_

2. Quais? 1  2  3  4  5  6  7  8  9  10  11  12  13  14  15  16  17  18 

#F \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ 98 Não sabe ..... **Habitat:**

- 1 Indiferente .....   
 2 Ambiente doméstico .....   
 3 Ruas/ Jardim .....   
 4 Ambiente silvestre .....   
 5 Outro(s) local(ais). Qual(ais):  
 \_\_\_\_\_

**Estado de conservação:**

- 1 Ameaçado .....   
 2 Não ameaçado .....   
 98 Não sabe .....

**Quais as principais fontes de conhecimento sobre esta espécie?**

- 1 Família .....   
 2 Escola .....   
 3 Amigos .....   
 4 Televisão .....   
 5 Revistas especialidade .....   
 6 Internet .....   
 7 Centros de Ciência .....   
 8 Outra(s). Qual(ais):  
 \_\_\_\_\_

98 NS/ Não se recorda ..... **Quais os principais usos e/ou benefícios associados a esta espécie?****Quais os principais riscos e/ou malefícios associados a esta espécie?**

#F \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ 98 Não sabe ..... **Habitat:**

- 1 Indiferente .....   
 2 Ambiente doméstico .....   
 3 Ruas/ Jardim .....   
 4 Ambiente silvestre .....   
 5 Outro(s) local(ais). Qual(ais):  
 \_\_\_\_\_

**Estado de conservação:**

- 1 Ameaçado .....   
 2 Não ameaçado .....   
 98 Não sabe .....

**Quais as principais fontes de conhecimento sobre esta espécie?**

- 1 Família .....   
 2 Escola .....   
 3 Amigos .....   
 4 Televisão .....   
 5 Revistas especialidade .....   
 6 Internet .....   
 7 Centros de Ciência .....   
 8 Outra(s). Qual(ais):  
 \_\_\_\_\_

98 NS/ Não se recorda ..... **Quais os principais usos e/ou benefícios associados a esta espécie?****Quais os principais riscos e/ou malefícios associados a esta espécie?**

#F \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ 98 Não sabe ..... **Habitat:**

- 1 Indiferente .....   
 2 Ambiente doméstico .....   
 3 Ruas/ Jardim .....   
 4 Ambiente silvestre .....   
 5 Outro(s) local(ais). Qual(ais):  
 \_\_\_\_\_

**Estado de conservação:**

- 1 Ameaçado .....   
 2 Não ameaçado .....   
 98 Não sabe .....

**Quais as principais fontes de conhecimento sobre esta espécie?**

- 1 Família .....   
 2 Escola .....   
 3 Amigos .....   
 4 Televisão .....   
 5 Revistas especialidade .....   
 6 Internet .....   
 7 Centros de Ciência .....   
 8 Outra(s). Qual(ais):  
 \_\_\_\_\_

98 NS/ Não se recorda ..... **Quais os principais usos e/ou benefícios associados a esta espécie?****Quais os principais riscos e/ou malefícios associados a esta espécie?**

Anexo 2 – Portfólio de imagens utilizado na aplicação do questionário







# “Lagartos, ervas daninhas, matar o sapo e fazer mezinhas!”

## Conhecimentos sobre a biodiversidade da cidade de Évora

David Germano<sup>1</sup>, Natália Melo<sup>1</sup>, Carolina Nunes<sup>2</sup>, Sara Almeida<sup>2</sup>, Rosalina Costa<sup>3</sup>, Jorge Araújo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> CIBIO/InBIO - Universidade de Évora, <sup>2</sup> Mestrado em Biologia da Conservação - Universidade de Évora, <sup>3</sup> Departamento de Sociologia - Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora

### OBJECTIVO GERAL

Avaliar os conhecimentos sobre biodiversidade urbana da população residente na cidade de Évora, tendo em vista a definição de estratégias para a divulgação da biodiversidade e a produção de conteúdos ajustados às actividades desenvolvidas pelo Museu Virtual da Biodiversidade.



### CONTACTO

David Germano  
 Museu Virtual da Biodiversidade  
 CIBIO/InBIO – Universidade de Évora  
 email: museubiodiversidade@uevora.pt  
 Tel. 266 759 350  
 www.museubiodiversidade.uevora.pt

### HERPETOFAUNA E FLORA



### METODOLOGIA



- União de freguesias de Évora
- União de freg. Bacelo / Sª da Saúde
- União de freg. Malagueira / Horta das Figueiras
- Tecido urbano
- Município de Évora

**Técnica de Recolha de Dados**  
 Inquérito por questionário,  
 de aplicação directa e anónimo


**Universo**  
 Residentes nas 3 freguesias  
 “urbanas” da cidade de Évora  
 (Recenseamento Geral da População, 2011)

**Amostra**  
 (não probabilística, por quotas)






Anexo 4 – Poster apresentado na APS 2016 – IX Congresso Português de Sociologia



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Projecto financiado por 

## Sapos, Cobras e Alecrim: conhecimentos sobre a biodiversidade da Cidade de Évora


Rosalina Costa<sup>1</sup>, Jorge Araújo<sup>2</sup>, Natália Melo<sup>2</sup>, David Germano<sup>2</sup>, Carolina Nunes<sup>3</sup>, & Sara Almeida<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Sociologia · Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora & CEPESE, <sup>2</sup> CIBIO/InBIO - Universidade de Évora, <sup>3</sup> Mestrado em Biologia da Conservação - Universidade de Évora

---

### OBJECTIVO GERAL


Avaliar os conhecimentos sobre biodiversidade urbana da população residente na cidade de Évora, tendo em vista a definição de estratégias para a divulgação da biodiversidade e a produção de conteúdos ajustados às actividades desenvolvidas pelo Museu Virtual da Biodiversidade.




### CONTACTO

Museu Virtual da Biodiversidade  
CIBIO/InBIO – Universidade de Évora  
email: museubiodiversidade@uevora.pt  
Tel: 266 759 350


### HERPETOFAUNA E FLORA




*Podarcis virescens* (Lagartixa-esverdeada); fotografada na cidade de Évora.




*Montastrucum elaeagnifolium* (Cacilargreira); fotografado na cidade de Évora.



*Echium plantagineum* (Escorpião); fotografado na cidade de Évora.



### QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO E METODOLOGIA



Identificação de espécies?  
Conhecimentos?  
Contexto(s) de aprendizagem?

**Recolha de Dados:** Inquérito por questionário, de aplicação directa, anónimo e heteroadministrado


**Universo:** Residentes nas 3 freguesias “urbanas” da cidade de Évora (Recenseamento Geral da População, INE 2011)

**Amostra:** Não probabilística, por quotas

♀ ♂

---

12-18 anos    35-55 anos    60+ anos



- União das freguesias de Évora (São Mamede, Sé, São Pedro e Santo Antão)
- União das freguesias de Bacelo e Sra. da Saúde
- União das freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras
- Tecido urbano
- Município de Évora

Figura 1: Sapos, Cobras e Alecrim: conhecimentos sobre a biodiversidade da cidade de Évora